VICTÓRIA SANTANA

ARATUBAIA

Memórias e racismos submersos

ARATUBAIA

Memórias e racismos submersos

Victória Santana

Juazeiro, 2023
Salvador, 2023

Dedico esse livro a todos moradores da
Boca do Rio em Salvador

Em memória dos ancestrais
negros de Aratubaia

"A nossa escrevivência não pode ser lida
como história de ninar os da casa-grande,
e sim para incomodá-los em seus sonos injustos"

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

Prólogo

Peixe-sacola

01 BOCA DO RIO DAS PEDRAS

Tempos de Guaiamuns

O CEP da poluição

Garota da Boca do Rio

02 PRAIA DOS ARTISTAS

Yellow Sky

Santuário dos Loucos Alternativos

Cambuís

Pérola Negra

Casa 40

Verão de 1970

Uanga

03 RACISMO AMBIENTAL

Prolixo

Água não sobe ladeira

Kaô Kabecilê

Epílogo

O berro da boca

PREFÁCIO

Samuel Vida

Este livro-reportagem reúne o melhor que se pode esperar de um trabalho acadêmico de conclusão de graduação. Nele encontram-se plasmadas as marcas da vida intelectual crítica da universidade pública e a recente presença disruptiva dos sujeitos insurgentes e historicamente indesejados pela academia elitista: negros, quilombolas, indígenas, pessoas LGBTQIA+. Estas novas personagens chegam também com suas epistemes, pautas, memórias e histórias, o que promove um arejamento sem precedentes na história intelectual baiana e brasileira. Suas pesquisas, muitas vezes, plantam as condições e disseminam as possibilidades de novas agendas de investigação sobre temas desprezados ou subdimensionados pelas instituições universitárias e suas elites encasteladas em "pactos epistemológicos da branquitude"[1].

Neste cenário de uma universidade em vertigem, insisto na afirmação de que a produção de Trabalho de Conclusão de Curso se configura mais como ponto de partida, que de chegada, espécie de portal que dá acesso aos desafios da pesquisa no inóspito solo da academia brasileira e suas vicissitudes e vícios. A qualidade de um bom TCC pode ser medida pela capacidade de apresentar à comunidade acadêmica e à sociedade uma nova pesquisadora em formação e alargar as possibilidades epistêmicas, metodológicas e temáticas.

Neste Livro-Reportagem, estamos diante de um exemplo desta natureza. Victoria Santana entra em campo, na condição de jovem mulher negra baiana que representa um perfil recente na história acadêmica, com potencial para relevantes contribuições que conduzam a universidade pública ao encontro efetivo com a pluralidade epistêmica, cultural, regional, identitária e política constitutivas da Bahia e do Brasil.

Tudo isso ocorre ao arrepio dos esforços governamentais neoliberais em vigor na Bahia que insistem em sucatear, desprestigiar e tentar inviabilizar a educação superior pública, bravamente construída pela rede de universidades estaduais. Os professores, técnicos e estudantes, que compõem a comunidade acadêmica das universidades estaduais baianas, reencenam diariamente a tragédia secular em cartaz no Brasil-Tumbeiro[2], na qual as elites monocromáticas, brancas e embranquecidas, de todos os matizes ideológicos e cores partidárias, controlam o estado e monopolizam o poder político. Para manter intactos os muitos privilégios acumulados, se valem das muitas formas de violência para enxotar e manter excluídas as maiorias indesejadas,

1 O autor utiliza a expressão "pacto epistemológico da branquitude" como aplicação do conceito de "pacto da branquitude", formulado por Cida Bento, ao contexto das concepções e práticas hegemônicas nos espaços acadêmicos brasileiros na sustentação de uma matriz epistemológica monocultural (Andrea Semprini) e ocidentocêntrica (Oyeronke Oyewumi).

2 Expressão cunhada por Mário Aranha, ex-jogador de futebol, que dá título a livro por ele escrito. ARANHA, Mário. Brasil Tumbeiro. Ilustrações de Eduardo Vetillo. 1ed Campinas/SP: Editora Mostarda, 2021

relegadas a cumprir "um papel menor"[3]. Nas várias versões da Racistocracia[4], perverso concerto político e institucional que possibilita a perpetuação da hegemonia do supremacismo branco e seu controle quase total dos recursos materiais e simbólicos que configuram o poder na sociedade brasileira, os lugares reservados aos subalternos excluem a autodeterminação epistemológica, teórica e temática. Teme-se a autonomia destes sujeitos insurgentes, pois podem ousar produzir conhecimento acadêmico disruptivo que desvele as entranhas da dominação racial, dispute o passado e recoloque o presente e o futuro na encruzilhada de suas múltiplas possibilidades.

Apesar deste roteiro, a presença negra na comunidade acadêmica introduziu a lição popular erigida pelas epistemes negras reelaboradas na diáspora e contracena com um drible tão sofisticado como aqueles legados por Garrincha diante das mesmas oposições erguidas contra os subalternizados e desprezados, ontem, hoje e sempre. Na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, a presença negra encarna o mais ousado projeto de democratização do acesso ao ensino superior na Bahia-Casa-Grande[5]. Pioneira na adoção das políticas afirmativas por decisão política no pleno exercício do direito constitucional à autonomia universitária, impulsionou a expansão da mais ousada política pública reparatória da história do Brasil. Antes, na condição de universidade multicampi, puxou o bonde das universidades estaduais que desconstruíram o soteropolicentrismo e contribuiu para a interiorização do ensino superior. Este papel tem possibilitado o florescimento acadêmico plural de uma Bahia que ultrapassa o recôncavo, como território mítico, revela outras territorialidades e temáticas e possibilita uma leitura do centro a partir da periferia que dá novo significado à baianidade. Este exercício excêntrico sacode o torpor ficcional de uma suposta baianidade-nagô temperada pelo dendê do turismo predatório, difundida pela arte "pra inglês ver" e pela celebração da normalização da hierarquia racial e do genocídio negro.

Victoria Santana, na condição de jovem intelectual concluinte do ciclo da graduação, representa bem este deslocamento e rearticulação da formação universitária conduzida, especialmente, pelas universidades estaduais baianas. Sua origem negra e as consequentes exposições às privações sociorraciais vigentes na Bahia-Casa-Grande e no Brasil-Tumbeiro[6], reduziam seus horizontes e possibilidades existenciais e de formação educacional. Nascida em Salvador, no quilombo negro da Boca do Rio, ainda criança, conduzida pelas vicissitudes da

3 Referência à canção de Edson Gomes, História do Brasil.

4 VIDA, Samuel. Racistocracia: o verdadeiro nome da democracia que se alimenta do racismo. In: SANTOS, Helio (Org.) A resistência negra ao projeto de exclusão racial: Brasil 200 anos (1822-2022). São Paulo: Jandaíra, 2022.

5 Expressão utilizada pelo autor como metáfora para caracterizar a manutenção da dinâmica antinegro no arranjo político-institucional que sucedeu o carlismo com o aprofundamento do racismo pelos impactos raciais das políticas públicas neoliberais desenvolvidas pelos governos petistas na Bahia, desde 2007.

6

lida pela sobrevivência, migra com sua mãe para o norte da Bahia, em Senhor do Bonfim. Já na adolescência, se desloca para a fronteira entre Bahia e Pernambuco, transitando pela ponte cultural que une Juazeiro à Petrolina, na busca pela autonomia e por oportunidades. Encontra na UNEB – Campus de Juazeiro, a acolhida para a jornada de formação profissional e acadêmica em jornalismo. Inobstante as muitas insuficiências institucionais que caracterizam a universidade pública estadual, fruto da política de sucateamento e desinvestimento deliberado, em curso na gestão governamental baiana, experimenta a possibilidade de se constituir como protagonista de sua história e abraça a oportunidade, em diálogo proveitoso com valorosas docentes negras que compõem o quadro de professoras daquele campus universitário.

A pesquisa desenvolvida reúne a inquietação investigativa da autora, a consciência da condição de produtora de conhecimento situado, em diálogo explícito com sua história de vida pessoal, familiar e comunitária, o manejo dos repertórios epistêmicos que orientam a escolha temática, a apropriação de construtos teoréticos desenvolvidos pela experiência afrodiaspórica, a argúcia analítica que ultrapassa o discurso fácil de preconceitos ideológicos e alinhamentos partidários e as doses cavalares de propaganda governamental.

A abordagem se desenvolve com leveza textual adequada ao formato escolhido, sem prejuízo teorético ou analítico. Resiste às tentações de linearidade temporal ou cronológica acumulativa determinada por pressupostos causais e circula por um fluxo temporal que articula passado, presente e futuro numa trama que não se fecha num desfecho irrecorrível de exaustão analítica, preservando a abertura para uma história que ainda está em curso. Sem pretender fazer história, antropologia ou sociologia, seu trabalho jornalístico recupera vestígios valiosos e mobiliza pistas importantes para eventuais explorações por outras disciplinas.

A partir da história da Boca do Rio e suas peculiaridades demográficas e culturais reflete importantes aspectos da vida social negra nos quilombos urbanos espalhados em Salvador, na segunda metade do século passado. Numa cidade atravessada pelo racismo e suas lógicas perversas ao tangenciar a história da Boca do Rio, nucleada pela Praia de Aratubaia, reinscrita como Praia dos Artistas, cartografa indícios das tensões e disputas travadas entre a cidade negra e a cidade oficial, branca e submetida às lógicas do capital e seu planejamento urbanístico higienista e eugenista. Emergem pistas e dados sobre a submersão forçada de formas culturais, modos de vida e experiências insurgentes que contestaram as escolhas hegemônicas ditadas pelas elites brancas baianas em consórcio com o capital e seus vieses desenvolvimentistas. Dos destroços que flutuam teimosamente depreende-se a existência de rico patrimônio fundeado e ponto de retomada e reelaboração do que naufragou.

A experiência de constituição da comunidade negra da Boca do Rio pelo movimento ancestral de territorialização quilombola urbano em sua estratégia de emancipação e reexistência

revela uma cosmopercepção[7] afrodiaspórica que articula cultura e natureza numa simbiose indissociável. Distinção fundante de uma forma civilizatória que precede as inciativas recentes autonomeadas como ambientalistas, que mantem a distância entre a cultura e a natureza e a qualificam como recursos ou comodities a serem preservadas e submetidas ao novo estilo da predação auto-sustentável.

Os fragmentos alinhavados indicam uma experiência urbana comum na cidade negra construída nos territórios marginais: a combinação dinâmica e criativa entre a moradia, a vida comunitária, as atividades informais de sobrevivência e criação de novas possibilidades de sociabilidades e atividades econômicas. Esta dinâmica afrodiaspórica enfrenta um permanente processo de tensionamento, negociações e disputas com a cidade branca diante de uma engrenagem social, econômica, cultural e institucional de natureza racista excludente e destrutiva.

Da pesquisa narrada como livro-reportagem dois aspectos chamam a atenção. Primeiro, as trocas culturais entre a comunidade negra da Boca do Rio e os movimentos e personagens da contracultura, em busca de alternativas à asfixia ditatorial. É impossível falar da Boca do Rio sem considerar as trocas entre seus moradores nativos, como Fausto, Aloísio, Bárbara, Alina e os muito artistas e intelectuais que encontraram naquela comunidade a acolhida para a experiência alternativa de se refugiar da ditadura e seus perversos efeitos e experimentar outras possibilidades de arranjos comunitários e sociais. Ao lado de pescadores, barraqueiros e mulheres e homens comuns, aparecem artistas como J. Cunha, Luiz Melodia, Novos Baianos, Raimundo Sodré, Nadir Nóbrega, Jorge Papapá, Godi, Zizi Possi, Sergio Otanazetra etc. Estas memórias cruzadas e complementares configuram o fio da meada do trabalho realizado pela autora. O segundo aspecto que salta da pesquisa reaizada é a pouco estudada "invenção" da praia como principal atividade de socialização e lazer público em Salvador. Fenômeno popular de ressignificação e democratização das práticas de veraneio das elites, a mobilização de novos sentidos para a ida à praia implicou simultaneamente a criação de alternativas econômicas informais para a parcela negra excluída dos projetos de desenvolvimento industrial, como o Centro Industrial de Aratu e o Pólo Petroquímico, e movimento de disputa da ocupação do espaço público e exercício do direito à cidade, através da reelaboração de rituais comunitários e de socialização fundamentais para a vida cotidiana da cidade em transe, nas últimas décadas.

A pesquisa contribui para a percepção de como aquela comunidade negra constituída originalmente em torno da atividade pesqueira sofreu os impactos das redistribuições demográficas decorrentes dos deslocamentos de outros quilombos urbanos atingidos pelas

7 Expressão utilizada por Oyèrònké Oyèwùmí, em contraposição a cosmovisão, indicando uma relação sensorial com o conhecimento que não se limita à visão. Cf. OYÈWÙMÍ, Oyèrònké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

despossessões manejadas pelas gestões municipais e estaduais capitaneadas pelas forças políticas conservadoras durante a ditadura militar. Salvador foi mergulhada numa redesignação territorial, a partir do final dos anos sessenta do século passado, numa escala sem precedentes.

A abertura das avenidas de vale e a elaboração de planos urbanísticos impulsionaram uma profunda transformação espáciorracial na cidade. Em paralelo à implantação dos nichos de desenvolvimento industrial na região metropolitana, foi impulsionada a especulação imobiliária e a formação de um mercado voltado para as classes médias, com conexões com os negócios turísticos. A história da redesignação da orla atlântica como território ocupado pelas classes médias brancas e embranquecidas, ainda reclama mais pesquisas para melhor entendimento das disputas entre a cidade branca e a cidade negra no território soteropolitano.

Através do resgate da história da criação e destruição da Praia dos Artistas, faz emergir as tensões raciais que vertebram as reais relações sociais, espaciais, políticas e redefinem a memória e a história da cidade imaginária enunciada pela ficção da baianidade nagô. Através do conceito de Racismo Ambiental, cunhado na diáspora negra por Robert Bullard[8], introduz uma variável analítica que evidencia o poderoso artefato do negacionismo do racismo e suas variáveis à esquerda. A destruição final da Praia dos Artistas se deu numa confluência reveladora das lógicas do supremacismo branco na Bahia-Casa-Grande e no Brasil-Tumbeiro.

Os governos petistas herdaram o projeto predatório formulado por grande empreiteira e contestado pela comunidade e por respeitados pesquisadores. Optaram por dar prosseguimento ao questionável empreendimento de instalação do novo emissário submarino na Boca do Rio e atropelaram a mobilização comunitária que se opunha à iniciativa, numa encenação indisfarçável de racismo ambiental. A autora expõe as contradições dos atores políticos envolvidos, alguns dos quais transitaram das trincheiras da crítica ao projeto de instalação do emissário, durante o período do último governo carlista, para a condição de executores ou avalistas da polêmica obra.

A autora encerra a reportagem com muitas evidências que a ferida produzida pela destruição da Praia dos Artistas seguirá aberta. O evidente desconforto governamental captado nas manifestações recolhidas, dá uma primeira dimensão da inconclusividade desta história. A desmobilização do movimento comunitário e a imposição do equipamento lesivo à comunidade negra da Boca do Rio não pode ser considerado um capítulo pontual de uma história particular. O resgate desta tragédia representa um episódio do antigo drama de violência racial secularmente encenado na cidade negra da Bahia.

Outros capítulos se esboçam nesta encenação. A memória comunitária da Boca do Rio e dos personagens que vivenciaram o bairro e a Praia dos Artistas resistirá e seguirá como uma

8 https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/o-mesmo-sistema-que-criou-o-colonialismo-e-a-escravidao-esta-criando-a-destruicao-climatica/

saliente cicatriz-denúncia da persistente lógica racista e antinegra, agora sob o comando de novos sinhozinhos e novas sinhazinhas envergando roupas vermelhas e retórica supostamente progressista. O ocorrido lá, retoma atualidade e cruza com outros movimentos de redesignação territorial, política, social, cultural e econômica das praias da orla atlântica de Salvador. A recente remoção das barracas de praias, verificadas numa operação que mobilizou as três esferas da Federação, contou com o aval do sistema de justiça e utilizou o argumento falacioso da proteção ambiental, é o indicativo mais explícito desta nova disputa, ainda em curso. Mais uma vez, assistimos à convergência de distintos sujeitos políticos de variados matizes ideológicos e partidários, irmanados pelo supremacismo branco, por discursos higienistas disfarçados de preocupações ambientais e pela tentativa de suprimir e se apropriar de um nicho econômico de geração de alternativas de sobrevivência para setores da cidade negra, além de interditar ou esvaziar um movimento de sociabilidade e disputa de espaço público e protagonismo que sai dos guetos e toma a cidade pelas beiradas de sua orla. Mais cedo ou mais tarde, as tradições negras insurreicionais que moldaram a cultura negra baiana, preservadas como rios subterrâneos, retornarão à superfície e inundarão esta cidade de liberdade e democratização das relações sociais, das oportunidades e direitos.

APRESENTAÇÃO

Céres Santos

Após ler este livro reportagem de Victoria Santana, Aratubaia: Memórias e racismos submersos me veio à mente uma imagem e um personagem da peça Cabaré da Raça, do Bando de Teatro Olodum, Thaíde, um manequim negro, interpretado pelo ator Jorge Washington. Thaíde se insuflava por ter boa circulação no mundo branco da moda, mas quando Thaíde conversava com um amigo do movimento negro e lhe contava alguns episódios do metiè, o amigo afirmava: "Isso é racismo!" E o manequim se indignava com a resposta. "Poxa, tudo pra ele é racismo!!!"

Falo desse porque trabalhar com a ideia de racismo ambiental, em um bairro de Salvador, majoritariamente ocupado por pessoas negras e de baixa renda. Um bairro que perdeu uma praia referência da cultura alternativa baiana, perdeu um rio, por falta de obras de saneamento, é constatar a que ponto um Estado, marcado por valores colonialistas, hierárquicos, racistas chega quando o momento é de definir quem terá e quem não terá acesso aos serviços básicos. Ou seja, sem saneamento – água encanada, rede de esgoto, ruas calçadas etc., - mata-se rios, diminui-se a qualidade de vida e acelera-se a morte física – de pessoas, animais e do meio ambiente - e simbólica – com a poluição do Rio das Tripas a praia dos Artistas morreu. Não é mais frequentada pois tornou-se imprópria para banho sem falar no odor desagradável. E isso tem nome: racismo ambiental. Daí lembrar do personagem Thaíde cujo amigo enxergava racismo em tudo. Sim, ele está em tudo. Inclusive, na qualidade e odor do ar que respiramos, na qualidade da orla central e periférica de Salvador.

Sim, a partir do conceito de racismo ambiental torna-se mais visível e, sem véus, o desequilíbrio entre o descaso à Praia dos Artista e a atenção a Praia da Barra, por exemplo. E é sobre isso que Victoria Santana mergulha, com profundidade neste livro-reportagem que, através de entrevistas mexe com as memórias das pessoas que viveram a Praia dos Artistas e o bairro da Boca do Rio, no final dos anos 70, até os anos 90.

Ela inicia o livro com o prólogo Peixe-sacola, uma brincadeira entre pescadores que ainda se arriscam a pescar na poluída Praia dos Artistas e ao invés de peixes, seus anzóis pescam sacolas plásticas. Na 1ª parte do livro, Boca do Rio das Pedras, a autora reúne três entrevistas: Tempos de Guaiamuns; entrevista com o pescador Fausto; que fala dos tempos áureos da praia, onde se pescava, com quantidade, guaiamuns; O CEP da poluição, é uma conversa com Barbinha, amiga da sua família e que lhe embalou ainda bebê. Barbinha revisita suas memórias e traz detalhar do bairro, antes e depois da poluição, como conhecer Baby Consuelo e os novos Baianos, que também moraram no bairro. Já em Girl from Boca do Rio, Victoria conversa com sua vó materna, Lina, uma das percussoras da topless e antiga moradora do bairro e que não

esqueceu do rápido encontro com Gilberto Gil e que fala do que foi viver antes e depois da poluição.

Na 2ª parte, Praia dos Artistas, Victoria relata as peripécias para entrevistar artistas que marcaram a história da Praia dos Artistas, como Gilberto Gil e Zizzi Possi, sem sucesso. Essa parte do livro tem sete entrevistas: Yellow Sky; com o conhecido internacionalmente, Aloysio Sky, proprietário da primeira barraca da praia, frequentada por expoentes da música baiana como Zizi Possi, Gilberto Gil, Novos Baianos e Luiz Melodia entre outros/as. Santuário dos Loucos Alternativos, uma conversa agradável com a artista Sue que fala do potencial de contracultura vivido na Praia dos Artistas. Com o título Cambuís, Victoria apresenta a entrevista com o músico Raymundo Sodré, que fala da sua vivência com a Praia dos Artistas, astrologia e do quebra-quebra estimulado pela sua música A Massa.

Em seguida. Em Todas as Melodias Jane, viúva do Músico Luiz Melodia expõe sua vivência com a Praia dos Artistas, com o bairro, onde morou e conheceu Luiz Melodia. Casa 40; é o espaço dedicado a entrevista do poeta e escritor Cardan e fala do papel cultural da Casa 40, onde morou na rua do Meio, na Boca do Rio e por onde passaram muitos artistas renomados. Em Verão de 1970 é a vez da professora, bailarina, escritora e ex-moradora da Boca do Rio Nadir Nóbrega, falar de suas memórias, do pioneirismo topless, do burburinho cultural da praia e bairro. Por último Uanga, Victória traz uma consistente entrevista com o artista plástico J. Cunha, que fala de sungas, babas e cultura.

Por último, na 3ª parte do livro, intitulado Racismo Ambiental, é quando a ex-criança, nascida no bairro da Boca do Rio e que frequentava com a família a Praia dos Artistas dá um novo fôlego ao livro, recorrendo a uma linguagem mais jornalística e de ativismos racial e ambiental, singular.

É nessa parte que Victoria reúne quatro entrevistas, três com com fontes oficiais que procuram justificar a ausência de um emissário subterrâneo no bairro e uma sobre o conceito de racismo ambiental. Em Prolixo, Waldmir Vieira Conceição, Superintendente da Produção de Água e Esgotamento Sanitário em Salvador e Região Metropolitana de Salvador, nos explica como funciona o sistema de saneamento da cidade. Em Água não sobe ladeira; Eduardo Topázio, diretor de fiscalização ambiental do Inema (Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia) fala sobre política de saneamento. Kaô Kabecilê, é onde o professor, advogado e tio-avô de Victória, Samuel Vida ensina o que é o conceito de racismo ambiental.

PRÓLOGO
Peixe-sacola

Aquele era um território ancestral. No princípio, povos originários habitaram a Orla Atlântica, utilizando seus recursos ambientais para exercer suas atividades produtivas, sempre preservando a natureza, necessária para seu bem estar e imprescindível para a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos e costumes. Em seguida, após a invasão de colonizadores europeus, que se apropriaram criminosamente das terras indígenas, promovendo o genocídio dessa população, a Boca do Rio passou a carregar a história de resistência dos povos negros de Aratubaia e remanescentes quilombolas que ali habitaram.

A cosmovisão das tradições desses povos também era estruturada a partir de uma ideia de interação e de relação com o meio ambiente, diferente do ambientalismo branco, que surge em torno de uma pauta que focaliza na natureza como uma coisa separada da humanidade e afastada da cultura. A branquitude[1], então, passa a ver o meio ambiente como um recurso natural, com mero olhar produtivista e economicista.

O que aconteceu aqui?, pergunto a mim mesma, olhando para o horizonte azul, enquanto um cheiro fétido se intensifica e desperta de imediato a minha enxaqueca. A surpresa, no entanto, logo deu lugar à indignação. E a indignação, substituída pela ação. Era uma jovem ativista, estudante, pesquisadora, jornalista. Queria investigar as mudanças espaciais provocadas pelo racismo ambiental na Praia dos Artistas[2], ponto de intelectualidade e luta dos movimentos sociais na década de 70, tendo seduzido artistas e assistido ao nascimento da Tropicália.

A temática ainda era, para muitos, desconhecida. Esse desconhecimento estava ligado diretamente ao preconceito racial e a negação do racismo. Foi nesse momento, percebendo que não conhecia a história do bairro que nasci e como o racismo havia modificado o meu território ao longo dos anos, que decidi contar a história da minha comunidade, um grande quilombo cultural. Traria as narrativas em forma de um livro-reportagem, com o desejo de contribuir para uma mudança social sobre essa estrutura e destacar a potência e a relevância da Boca do Rio na historiografia baiana e brasileira.

Na minha frente, cinquenta anos depois, eu vejo o palco cultural baiano submerso em uma onda de poluição e degradação ambiental, que atrai apenas agentes causadores de doenças e uma dúzia de corpos subalternos, com cor, origem, e CEP bem definidos.

---

1 Termo que corresponde a um pacto não verbalizado de preservação de um grupo nos melhores lugares sociais. De acordo com Cida Bento (2002, p.16) "A branquitude se expressa em uma repetição ao longo da história, de lugares de privilégio assegurados para as pessoas brancas, mantidos e transmitidos para as novas gerações".

2 Praia localizada no bairro Boca do Rio, em Salvador, seguindo a Praia de Armação. A boca do Rio é um bairro abandonado pelos gestores públicos, onde a maioria da população é negra e pobre porém, com uma história ancestral.

Montes de lixo espalham-se no local, sob a ponte que dava acesso ao antigo Esporte Clube Bahia[3]. Um riacho de cor escura e cheiro repugnante segue seu percurso até beijar as águas salgadas da Praia, enquanto pescadores exercem suas atividades, parecendo não se importar com aquele esgoto a céu aberto. Observo a cena, estupefata, e fico ainda mais intrigada quando um homem negro aparece na minha frente, alguns minutos depois, adentrando o rio poluído, para ter acesso ao mar. Vou até o grupo de pescadores e retiro da bolsa um valioso instrumento de trabalho, que registraria relatos importantes. Estava com pressa, sentia-me angustiada. Vou direto ao assunto.

- Já estamos, digamos, até acostumados, né? - responde um negro baixinho, aparentando ter quarenta e poucos anos, que desenrolava uma fina linha de nylon.
- *Você pode contar mais para uma reportagem?*
- Claro! Deixa eu te contar, menina.

E assim a história passa a fazer sentido para uma jovem aspirante a repórter, cuja história revelava uma infinidade de motivos para estar ali. Era uma mulher preta, de periferia, nascida e criada naquele lugar.

O pescador detalha cada acontecimento, registrado superficialmente em um parco repertório entre sites e recortes de jornal. Revela as fontes, contextualiza, cita datas, descreve momentos e apresenta as respectivas causas daquela situação lastimável. Robson, morador da Boca do Rio, assim como todos os outros que estavam ali, conta, agora com a água do mar na altura dos tornozelos, que a pesca era sua opção de lazer e lhe garantia o almoço da semana. À noite, trabalhava como garçom numa área de classe média da cidade.

- A Embasa[4] logo ali em cima, deságua a água mais suja. Tava até amarela a água aqui por causa da Embasa…

Ele para de falar, me cutuca no ombro esquerdo e aponta para um jovem de camisa preta alguns metros à nossa frente.

- Bateu, pai? Bateu? - pergunta ao rapaz, exibindo um sorriso branco na face preta.

Passo a passo o outro homem se aproxima. Preso no anzol, ele traz consigo uma espécie de peixe desconhecida. A distância ainda confunde a minha visão míope. Ele chega mais perto e finca a vara na areia ao meu lado. *Não é um peixe,* observo.

- É lixo! Quando bate, cê pensa que é peixe, mentira, é lixo, vei. Entendeu? - responde Robson a sua própria pergunta, retirando do anzol uma sacola plástica branca, que alimenta ainda mais sua crítica ao cenário local.

"Chaaama! Peixe-lixo", "Peixe-sacola", "Peixe-plástico", "Peixe-saco", gritam outros

3 Clube desportivo brasileiro de futebol da cidade de Salvador, fundado em 1º de janeiro de 1931 e conhecido simplesmente como Bahia ou pela sigla ECB.

4 Empresa Baiana de Águas e Saneamento, pertencente ao governo estadual.

pescadores entre gargalhadas.

- Hoje tá até mais limpo, devido ao show de Xanddy[5] que vai ter aqui hoje. Eles colocaram até um negocinho limpando aí, cortando graveto… - Robson explica e interrompe para anunciar:
- Ói, se não for lixo, é dele! Acho que tem peixe agora, quer ver? - Aguardamos atentos, enquanto outro pescador se aproxima para exibir seu troféu.
- É LIXO!!! - grita Rock, pintor, pedreiro e um dos pescadores mais antigos da Boca do Rio.

Há mais de 30 anos, Rock pesca naquelas águas Xaréus, Aratubaias, Bagres e Rubalos. Estava ali quase todos os dias, religiosamente, às oito da manhã, com materiais de pescaria e lanches para passar o resto do dia na Praia. O sujeito negro, magro, com quase dois metros de altura e botas brancas de borracha, coloca as mãos na cintura e diz:

- A namorada fala que eu já aluguei a praia aqui, porque eu fico mais com os caras do que com ela. De manhã dei o beijo dela e vim pescar. Mas depois ela vai comer o peixe, né? Ela já tem o peixe pra mais tarde…

Enquanto ele fala, me deixo levar por uma distração. Percebendo que algo no mar havia chamado a minha atenção, olha para mim e comenta:

- Ali é uma mulher pescadora. É a mulher pescadora daqui. Ô, índia!! - grita.

Uma mulher de pele marrom e cabelos negros escorridos, vem ao nosso encontro. Enterra a vara de pescar na areia e se apresenta.

- Sou Jéssica. - diz.
- *Por que você está aqui, Jéssica?* - questiono.
- É que eu gosto tanto, tanto de peixe, e eu gastava muito dinheiro. Eu moro aqui, na Boca do Rio. Aprendi a pescar e nunca mais saí daqui.
- *Você não se importa em passar por dentro desse rio?*

A pescadora analisa a face curiosa da mulher à sua frente. Fixa os olhos no celular que grava cada relato, revelando alguma intenção por trás daquela pergunta. Tenta adivinhar seus pensamentos, mas acaba envolvida na imersão da jornalista, que devolve um olhar fixo, reservado apenas àqueles que acreditam ter uma missão a cumprir com a sociedade.

- Tem que ser aqui mesmo, né? Tipo assim, a gente não fica dentro dele o tempo todo. Passou, limpou aqui, volta… Aí, quando chega em casa, minha irmã, é bucha! - responde e sai adentrando o mar.

Do bolso da bermuda de tactel, Rock puxa um saco com algumas iscas e joga na areia para alimentar um martim-pescador. Limpa as mãos na camisa com proteção ultravioleta,

5 Trata-se do cantor, compositor e empresário brasileiro, que despontou em 1998, liderando o grupo Harmonia do Samba durante o Carnaval da Bahia.

devolve as pititingas restantes para o bolso e conta que a limpeza do local é realizada pelos próprios pescadores. Ele caminha na direção oposta ao oceano e me mostra a quantidade de lixo recolhido naquela semana. Sigo o pescador, anotando cada informação, até que ele atravessa o rio de esgoto, para chegar do outro lado. A água do rio batia um pouco abaixo dos seus joelhos. Com o celular na mão, respiro fundo e me encaminho para o inferno. Passo por dentro do Rio das Tripas e procuro nem imaginar o que há ali.

Quando chegamos ao destino, intrigada e perplexa, reparo que uma porção de pescadores fazem o mesmo percurso, naturalmente. Um homem negro com uma criança preta de seis ou sete anos, atravessam o riacho de mãos dadas. Ao oeste, algumas mulheres pretas também atravessam o afluente com uma criança ainda mais nova.

- Ói, vem um peixe aí - aponta Rock para o outro lado do rio.
- SACOOOLA! - Gritam ao longe.

01 BOCA DO RIO DAS PEDRAS

TEMPOS DE GUAIAMUNS

Ao oeste da Praia dos Artistas, eu avisto um barracão azul caindo aos pedaços. Ao redor, canoas e barcos pequenos de cores diversas. É a Colônia de Pescadores da Boca do Rio. Do lado esquerdo, enormes dunas de areia, revestidas por uma vegetação verde-musgo compõem a paisagem.

Um fardo e uma tormenta constante reverberam em minha mente, decidida a investigar um caso de racismo ambiental naquele lugar. Todas as pistas indicam o mesmo fato. A dúvida é a minha única certeza naquele momento. No começo, ela dizia "talvez" ou "pode ser", mas passo a ser invadida constantemente por um "É!", com muita verdade e convicção. Me despeço do grupo de pescadores atenciosos que conversam comigo e vou até o barraco, na tentativa de encontrar alguém que tenha vivenciado a Praia no seu auge e queira compartilhar comigo algumas histórias.

Quando me aproximo, vejo um homem idoso se escorar nas paredes descascadas, sob as telhas quebradas daquela estrutura. O sol ilumina a sua face negra e enrugada. Os cabelos crespos escondem-se num boné azul de aba reta e a barba cresce em seu rosto em tons castanhos e prateados. Ele fuma um cigarro e murmura sozinho algumas palavras inaudíveis. *É ele*, penso, enquanto sigo em frente, com os pés afundando na areia quente. Não sabia o motivo, mas podia sentir que ele era a pessoa que eu procurava.

A poucos metros da minha fonte, tropeço em um pneu velho cheio de água e caio em uma montanha de areia, que amortece o tombo. A queda chama a atenção do homem à minha frente. Após um contato visual, ele me oferece ajuda e volta ao seu posto, ao lado de um chuveiro enferrujado, que está sendo utilizado por outros pescadores. Coloco-me entre ele e chuveiro e executo uma tentativa de comunicação.

- *Como é seu nome?* - pergunto antes de ligar o gravador. A partir daí desvendo um pouco sobre a sua vida.

Fausto é um pescador de 64 anos, morador do Alto do São Francisco, comunidade da Boca do Rio. Suas mãos negras são ressecadas e as palmas das mãos amarelas têm cortes e

calos grosseiros, marcas da vivência daquele homem trabalhador. Ainda adolescente, entra para o mercado de trabalho como atravessador e vendedor de peixe. Aos 19, começa a realizar sua própria atividade pesqueira para garantir a renda.

- *Essa Praia aqui foi muito famosa nos anos 70, né?*
- Foi. A Praia dos Artistas, aqui em cima.

Ouço a resposta com prazer, tentando disfarçar a alegria. Já com o gravador de voz ligado, continuo executando a minha manobra jornalística.

- *O senhor lembra dessa época?*
- Pô, isso aqui era uma beleza, minha filha. A gente pegava camarão aqui, ó - diz, apontando para o reduto de esgotos sob a ponte do antigo Clube Tricolor.
- *O camarão vinha daí?* - pergunto incrédula.
- É, daqui de cima, minha filha. Debaixo daquela ponte - diz, virando o pescoço lentamente para a construção. Ele continua. - Poxa, era camarão, era Pitu… Tudo a gente pegava debaixo daquela ponte. A água era limpa, certo? Depois dessa ponte, tem a ponte dentro do Bate-Facho[6]. A gente olhava de cima da ponte e via a água limpinha. Antigamente Ruabalo, Carapé… Tudo invadia aí pra comer o camarão lá dentro. Hoje não tem. Se não tem mais o camarão, como é que o peixe vai invadir?
- *O que aconteceu?*
- Depois dessas construções, mei mundo de construção de prédio aí, jogando tudo dentro do rio, os dejetos… - ele interrompe para dar um trago e completa com a voz rouca.- Foram construindo prédio, jogando tudo dentro do rio, tinha que acabar poluindo mesmo.

Não penso duas vezes diante do meu interlocutor. Pego a caneta, um bloco de papel improvisado e exploro o assunto de interesse.

- *Quais são suas principais lembranças da Praia dos Artistas?*

Ele percebe o olhar quase que fulminante na expressão atenta da sua entrevistadora e navega em memórias infinitas.

- Ô, minha filha, nessa época eu me lembro das meninas de *topless*. Muitas vezes eu fui chamado aqui, ó - diz, apontando para o mar à nossa frente. - Tava aqui e era chamado por Aloísio, chapelão, que tinha uma barraca ali. "Ô, meu amigo, pelo amor de Deus, venha salvar uma pessoa ali que tá se afogando lá", - reproduz a voz do barraqueiro. Ele senta numa pedra e explica. - Salvei muitas pessoas ali, que estavam se afogando. Aloísio vinha chamar a gente aqui, pra ir lá salvar, porque a gente daqui não via. Então, quem mais salvou foi ele. Ele que via e vinha correndo chamar a gente, porque eu acho

6 A Comunidade do Bate Facho é uma favela, originada de uma invasão, localizada na Boca do Rio, em Salvador.

que ele não sabe nadar - ri.

Abro um sorriso largo que logo se transforma em uma risada. Enquanto traga, Fausto me conta sobre Aloísio Sky, o barraqueiro mais famoso da Praia dos Artistas, uma figura única que usava um chapelão de palha na cabeça.

- A barraca dele era de sapé. Até o sombreiro dele era de sapé. Muitos artistas frequentaram isso aqui. Foi por isso que a praia levou o nome de Praia dos Artistas.
- *O senhor via esses artistas?*
- Sim, via. Muitos!
- *Quem?*
- É… *Tsc**, não quero citar nomes não.

Fica ruborizado com a prgunta. Parecia não saber identificá-los. Não quero constrangê-lo e mudo de assunto.

- *Mas me fala, Fausto… Quais são as outras lembranças que você tem desse lugar?*
- Oxe, a Praia caiu muito. O rio, que era um rio, hoje em dia é uma carniça. Essa água aqui era cristalina, minha filha. A água desse rio era cristalina. Hoje em dia, cê vê descendo essa água suja aí, ó. Aqui do lado era mangue. Tinha caranguejo, tanto guaiamum, menina! Hoje em dia não tem mais.

Fixo o olhar no rosto do pescador que descarta a baga de cigarro no chão e entrelaça a mão direita levemente suada no pescoço.

Embora a poluição do Rio das Pedras tivesse reduzido o número de peixes e frutos do mar, Fausto seguia trabalhando todos os dias ali. Era seu bairro, sua colônia, seu sustento. Percebo a raiva na expressão rude daquele homem e destilo mais uma pergunta.

- *Hoje em dia, alguém ainda vem tomar banho aqui na Praia?*
- Vem - Fausto acende outro cigarro e apoia o braço esquerdo sobre a cintura magra e proporcional ao corpo esguio. - Geralmente é mais esse pessoal aqui do bairro mesmo. Que gente rica vai querer vir pra cá hoje em dia?
- *Mas para ter acesso ao mar vocês precisam passar por dentro desse rio. Você não tem medo de pegar uma doença?*
- Olhe, se eu tiver com um ferimentozinho eu não atravesso, porque é arriscado pegar doença. Eu tinha um amigo que pegou uma micose nesse rio aí. Ele pescava com linha de arremesso por diversão, mas pegou uma micose, aqui, nesse rio aí. Eu acho que ele conseguiu se curar dessa micose, mas ele ficou um bocado de tempo sem poder colocar os pés aqui.
- *Isso não te deixou com medo?*
- Não, tenho medo não, porque quando eu saio dali, eu vou logo na água, porque o sal também corta, certo? Aí eu saio dessa água suja aqui, ó, aí vou lá na água, tomo meu

banho lá, depois venho pra debaixo de chuveiro, passo sabão…

Ele para de falar, joga a segunda bituca de cigarro no chão e olha para o horizonte. Estamos na mesma sintonia. Ficamos em silêncio por segundos.

- *O senhor lembra de quando construíram um Emissário Submarino aqui na Boca do Rio?* - pergunto, quebrando o silêncio e sentando numa pedra irregular, para ficar na altura dos olhos do meu entrevistado.
- Me lembro. Foi em 2009. Dois mil e nove - responde, monopolizando a conversa. - O emissário é pra coletar todos os esgotos e largar em alto mar. Pelo que eu fiquei sabendo, não sei se é verdade ou se é mentira, era para a Odebrecht entroncar esse esgoto aí no Emissário, mas pelo que eu tô sabendo, a Odebrecht não fez isso. Tanto que desce essa porcaria toda aí, essa sujeira toda. Eu tenho pra mim, na minha maneira de pensar, que esse emissário ao invés de ajudar, prejudicou muito. Ele danificou muitas pedras aqui, que eram locais de pesca, de onde a gente tirava nosso sustento. Tem peixe que mora em locais de pedra…
- *O senhor se refere aos bombardeios para a construção do Emissário?*
- Sim! Bombardeou e hoje em dia a gente chega nesses locais aí e já não acha mais o peixe, porque bombardearam as pedras. A pescaria enfraqueceu nesse local, e isso aí continua poluindo. Continua do mesmo jeito, por isso que eu acho que só prejudicou.

Ele abre a boca, mas não emite som algum. Desiste de falar. Quando pergunto se gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o empreendimento, ele nega, balançando a cabeça de um lado para o outro. Volta a falar poucos segundos depois e conclui que Boca do Rio nunca foi prioridade para as autoridades, que voltavam suas atenções apenas para a orla marítima dos bairros de elite, apagando e silenciando o protagonismo e o próprio processo de construção da cidade, levado a cabo pelas pessoas negras.

Houve no passado e ainda há no presente, que convive com uma cidade branca, uma relação de conflito, de tensão, de experiências de segregação de espaço racial e de disputas de territorialidade, tanto no ponto de vista mais imediato material do espaço físico como nos usos do espaço. A ocupação da Orla Atlântica, historicamente, foi ocupação negra. Nos últimos 40/50 anos, houve uma intensa re-definição e re-designação forçada e violenta dessa composição.

Em "Territorialização e pobreza em Salvador-Ba" o urbanista Antonio Soares (2006) nos conta que a reconfiguração espacial urbana de Salvador resultou no crescimento acelerado e desordenado da cidade, originando novos bairros residenciais de classe média, conhecidos como "territórios abastados", a exemplo do Campo Grande, Canela, Corredor da Vitória, Graça, Barra, Ondina, Rio Vermelho, Pituba, Itaigara, Caminho das Árvores, etc. Outras localidades, de classe baixa, ficaram conhecidas como "territórios populares", a exemplo da Boca do Rio, Cajazeiras e Adjacências, Boca da Mata, Mussurunga (I,II,III) Parque São Cristovão, Subúrbio

Ferroviário e seus 22 bairros, Pau da Lima, Liberdade, e outros.

Os primeiros eram denominados "ilhas de riquezas" ou considerados como parte "legal" da cidade, sendo o grupo que se organizava em condomínios fechados, detinham equipamentos urbanos e a atenção dos órgãos públicos. Sua população foi, inicialmente, composta por profissionais que recebiam demandas para realizar a urbanização da cidade e vinham de outros Estados, como Rio de Janeiro e São Paulo. Em contraposição, os "territórios populares" eram povoados por operários, desempregados e pessoas de baixa ou nenhuma renda, em sua maioria negros, muitas vezes expulsos de algumas áreas de Salvador, para abrir espaço no processo de formação urbana da capital.

Sem amparo estatal, a população pertencente aos "territórios populares" aglomeravam-se em áreas favelizadas, chamadas "ilegais", encontrando-se em situação de desigualdade social e empobrecimento urbano. Este processo marcou a segregação por condição socioeconômica em Salvador na década de 1970.

- Se for comparar aqui com outras colônias, isso aqui está super abandonado. Aqui é o lugar que tem espaço para ter a melhor colônia, porque nenhuma outra tem o espaço que tem essa daqui. O espaço aqui é enorme. A última vez que teve reforma aqui foi em 2001, e estamos em 2023. Mas Itapuã tá pronto, Rio Vermelho tá pronto. Itapuã é mais frequentado, né? Rio Vermelho é mais frequentado - diz, rindo ironicamente. Olha pra mim, e conclui:
- É porque já tem o nome. Isso aqui é a "boca" do rio. É a "boca" da praia. Olhe, vou te dizer, se fosse, talvez o estado disso aqui fosse até melhor.

Gargalhamos e não dissemos mais nada. Reparando no silêncio que se estendia, continuo a mediação.

- *O que é preciso para que o município passe a olhar pra cá, Fausto?*
- Minha filha, pra falar a verdade, eu acho que o Estado não vai gastar dinheiro com a gente. *Tsc**, vai gastar não! Ficar esperando por eles? *Tsc**. Fica, fica aí esperando por eles… Isso aqui cai na nossa cabeça. A poluição do rio, eu acho que eles não vão conseguir não. Essa poluição aí do rio, meu amor, eu acho que não vai não. A tendência é cada vez poluir mais, porque quanto mais vão construindo, vão jogando esgoto pra dentro do rio. Eu soube que o Bahia Azul[7] cobra taxa pra entroncar essa porra desse rio, o pessoal paga e o Bahia Azul não faz nada - comenta, alterando o tom de voz e mudando a expressão facial. - Assim eu ouvi a conversa, né? A Embasa cobra essa taxa e nada foi implantado, aí termina caindo dentro do rio. As pessoas falam sobre isso… Como é que eu vou pagar uma coisa que eu não estou consumindo? - confere o ambiente

7 "Bahia Azul" é um programa de saneamento ambiental do governo da Bahia, planejado na década de 90.

ao redor e levanta o tom de voz, para que todos ouçam. - Esse rio tinha época que ele passava por aqui. Ele cortava e passava pelo lado de cá, ói - diz, apontando para um trecho de extensa faixa de areia com pedras e concreto rachado. - Ele quebrava ali, ó. Mas só que depois que fez a pista, ele não conseguiu mais quebrar. Ali na frente tinha uma pinguela que a gente passava. Eram dois troncos de coqueiro pra a gente passar por cima. Aí criaram essas estradas, e não teve mais como ele quebrar aí.

Seu rosto ficava cada vez mais rígido.

- Agora, se não mexerem aí, a natureza é a natureza. Ele vai quebrar. Ninguém brinque com a natureza. Já começou, ó, já quebrou ali. Ela vai quebrando, quebrando, quebrando, e ela vai conseguir passar. Se deixar aí, a natureza faz. Ninguém mexa com a natureza. A natureza é Deus.

Ouvimos alguém chamar pelo seu nome. Ele pede licença e se retira no mesmo instante. Respiro fundo e sigo em direção às dunas da Praia dos Artistas. Ao sair do barraco, ouço Fausto gritar:

- Menina! Você vai por aí, é? Cuidado que… ó!- e me passa o recado, fazendo em libras, o sinal de roubo.

Fausto, 2023 *(Victória Santana)*

O CEP DA POLUIÇÃO

Com celular e documentos na bolsa, analiso mais uma vez os habitantes daquele lugar, antes de mudar minha direção. O céu ainda está claro. A paisagem é paradisíaca. Um lugar bonito, penso, não fosse por um único detalhe: está completamente poluído e abandonado pelo Estado que não implanta políticas públicas naquela localidade. Ali, pessoas pretas estão pescando, entre risos e conversas, como se não estivessem diante de um problema grave de saúde pública.

Sem conseguir tirar aquela imagem da cabeça, saio pelo mesmo caminho por onde cheguei. Sigo até a Avenida Octávio Mangabeira e atravesso a rua para o próximo itinerário da minha reportagem. Chegando ao destino, entro por um grande portão de ferro na Avenida Dom Eugênio Sales. Passo por um corredor largo, com diversas casas por todos os lados, viro à direita e encontro a minha entrevistada na entrada de um kitnet.

Bárbara Alves, apelidada Barbinha, me recebe com um abraço-casa, que me envolve completamente. Me convida a entrar e se direciona ao seu quarto, onde assistia a uma série coreana na Netflix. Nascida sob o estalo do raio luminoso de Oyá, em 1956, minha entrevistada era uma amiga de longas datas, tendo me balançado em seus braços quando eu ainda era um bebê. Sob os cabelos acobreados, alguns fios brancos revelavam muitas histórias e memórias da Boca do Rio. Essa história, no entanto, começa antes de Barbinha.

No livro "Dez freguesias da cidade do Salvador" (2007), a escritora Anna Amélia Nascimento nos explica que após o genocídio dos povos indígenas na Bahia, por colonos europeus no século 16, Salvador deu início a uma série de mudanças espaciais. No século 18, a cidade era um território que dividia-se em 10 freguesias urbanas, espaços limitados, que pertenciam à igreja. A Boca do Rio pertencia à freguesia de Nossa Senhora de Brotas, que ia do Engenho da Bandoleira até a freguesia de Itapuã.

A Avenida Octávio Mangabeira era dividida em três sesmarias, uma espécie de terras abandonadas por Portugal, que foram distribuídas aos colonos para a produção agrícola. Esses

lotes de terra tiveram três proprietários ao longo da história: o Conde de Castanheira D. Antônio Ataíde, primo de Tomé de Souza; os monges beneditinos e o latifundiário Garcia D'Ávila. No século 19, a posse das terras dessa região passam para as mãos de Manoel Inácio, conhecido como Visconde do Rio Vermelho e filho do governador Manoel da Cunha Menezes, enviado por Portugal.

Manoel Inácio residia numa casa de dois pavimentos, situada no antigo Aeroclube, hoje, o Centro de Convenções, e explorava a pesca de baleias e a industrialização de seu óleo (Falcão, 1994). As terras de Manoel Inácio foram compradas pela Companhia do Queimado, marco da engenharia brasileira, que deu origem à Embasa. Em 30 de setembro de 1905, foram vendidas para a Prefeitura de Salvador.

Por volta dos anos 50, o território passou a ser povoado por comunidades quilombolas que saiam do Quilombo do Cabula e seguiam até a Praia de Aratubaia, para realizar a caça de Xaréus e Bagres no Rio das Pedras. O afluente é o responsável pelo nome do bairro, anteriormente conhecido como Boca do Rio das Pedras. A partir da prática pesqueira, povos quilombolas e seus descendentes fixaram moradias no local, onde dedicaram-se também à fabricação de vassouras artesanais feitas de piaçava, palmeira nativa da restinga da região.

Registros históricos indicam que as primeiras casas foram construídas nas imediações da primeira sede do Esporte Clube Bahia, localizada na área conhecida atualmente como final de linha do bairro. O então prefeito Antônio Carlos Magalhães (ACM) tinha interesse em investir na construção de avenidas naquelas áreas, então a solução foi doar as 17 terras que a prefeitura havia comprado da Companhia do Queimado para alguns moradores que haviam sido desabrigados de seu local de origem.

Essa migração aconteceu de forma forçada e violenta por policiais, e a transferência desses habitantes não assegurou o direito à moradia e à segurança jurídica de sua posse (Falcão, 1994). Representava a sua antítese, na medida em que visava a transferência para outros locais mais afastados e menos valorizados da cidade. Até então, a Boca do Rio não possuía serviços básicos de infraestrutura, como água encanada, luz elétrica, pavimentação e saneamento básico, com esgotos que desembocavam *in natura* no oceano.

- Ah, minha filha, essa história é boa. - começa Barbinha, enquanto se esparrama em uma cama de casal. Ela é uma senhora gorda, com menos de um metro e sessenta de altura. Na cabeça, carrega cabelos crespos avermelhados, assim como a senhora dos ventos carrega o ajerê fervendo na cabeça. Sento numa cadeira de bar amarela e começo a ouvir seus relatos. - No lugar daquelas quadras, era um mangue. Todo mundo pegava caranguejo nesse mangue. Pra você atravessar pra ir pra Praia, você passava por cima de dois pau de coqueiro. Quando a maré enchia, a água passava por cima do pau do coqueiro e, geralmente, você escorregava. Era cheio de chamichuga.

Minha entrevistada veio para a Boca do Rio em 1958, aos dois anos de idade. Morava em uma casa feita de palha de coqueiro. Nos anos 50, as casas da periferia de Salvador eram feitas de taipa. Quem tinha menos dinheiro ainda, morava em casas de palha. As moradias não possuíam divisórias ou muros entre os terrenos. Eram cercadas por árvores. Geralmente, bananeiras e mamoeiros. O Rio das Pedras tinha nascente no atual Clube dos Médicos. Naquela época, o local era uma roça, administrada por seu Antônio. Lá, havia uma cisterna, onde moradores da comunidade pegavam água e tratavam com um pedaço de enxofre para consumo.

Além dessa cisterna, outra fonte foi aberta na mesma rua, no terreno de Raimundo Pita Lima. Após a venda do terreno de Pita Lima para a família Galiza, a rua passou a ter maior movimentação. Lotes foram sendo vendidos e casas construídas. Havia poucas casas na Boca do Rio. O bairro contava com apenas uma pista de barro, que dava acesso à Praia de Itapuã. A rua onde está localizado, atualmente, o Sampa Restaurante, na Octávio Mangabeira, era um areal. Ali, havia apenas um edifício de cinco andares, que pertencia à família Barbosa. O areal era ponto de encontro de casais apaixonados, que namoravam sob a luz do luar.

O final da Rua Orlando Moscoso, conhecida como Rua do Meio, pela comunidade, não era asfaltado. No lugar, a rua era banhada por um rio imenso de água limpa, rodeado por um campo verde com enormes coqueiros, onde os moradores do bairro tomavam banho e lavavam roupas, até o final da tarde.

O processo de urbanização na Boca do Rio começa a partir dos anos 60, com a instalação de redes de água e luz, nas ruas principais, e uma linha de transporte coletivo, com ponto final e saída de ônibus na frente da Embasa. Essa política de urbanização se deu a partir da valorização de algumas áreas da capital, quando ACM ordenou a expulsão da invasão Bico de Ferro, na Pituba, e de milhares de pessoas de uma área localizada na região da Ondina. Essa população foi alocada para áreas menos valorizadas da cidade, entre elas, a Boca do Rio.

Sob o ponto de vista prático, a ação teve como foco especial as favelas localizadas na Orla Marítima de Salvador, cujos moradores foram transferidos para um loteamento público implementado na Boca do Rio, sendo os terrenos antes ocupados destinados à construção de empreendimentos imobiliários, residenciais e turísticos. Levas de moradores chegaram de caminhão e foram ocupando aos poucos, e como podiam, as dunas do terreno, dando início a formação de uma estrutura que mais se assemelha aos dias atuais.

Barracos de madeira e pau-a-pique cobertos de lona foram as primeiras habitações daquela comunidade. No período de chuvas, a água invadia as casas e as inundava. No fim de linha do bairro, essas águas chegavam a quase um metro de altura, sendo até hoje vítimas dos alagamentos. Mais tarde, outros fatores contribuíram para o povoamento do bairro, como a ocupação por alguns veranistas de classe média, que construíram suas casas no local, cercado por dunas e vegetação típica, e a integração da malha rodoviária da Orla Marítima, através do

Plano Rodoviário do Estado.

- Quando fizeram a Embasa do lado de cá, fizeram o posto médico, estacionamento, aí ela ampliou e botaram o asfalto que não tinha. Aqui tinha um bocado de rio. Tinha esse rio ali junto do Julieta[8], tinha esse rio grande que passa aí na orla, que se chamava Rio Grande, porque era o maior. Ia da praia ao Bate-Facho. Aí quando fez as quadras, eles afastaram o Rio e encostaram onde era o Bahia[9], que agora não é mais o Bahia, tudo que é bom acaba cedo - comenta, rindo. - Mas, deterioraram. Tem uma colega minha que diz: "Depois que globalizaram a Boca do Rio, acabou a Boca do Rio".

Os rios eram a diversão das crianças do bairro, que subiam em árvores, se penduravam em galhas e mergulhavam em suas águas. Moradores pescavam baldes de Pitus e Traíras enormes, com sacos de linhagem. Entre eles, estava Barbinha. Ela senta na ponta da cama à minha frente, acomodando seus quadris largos. Os pés pequenos não alcançam o chão, e ela os balança levemente no ar. Cruza as mãos sob as coxas, e diz:

- Ô, menina, era um rio limpo, limpo, limpo, limpo, limpo. A poluição foi porque foram construindo casas e fazendo esgoto pra dentro do rio, mas até 1970 era ótima. A praia veio poluir mesmo depois dos anos 80. Agora você não pega um camarão aí no Rio. Fizeram a Bahia Azul, a gente paga a rede de esgoto, mas jogam no rio.

Mais um relato, observo. Barbinha conta que já teve sua casa invadida por uma enchente causada pela vazante do Rio. Sapatos e outros objetos pessoais saíram pelo portão quando a água invadiu o local, ocasionando a perda de eletrodomésticos.

- Isso aqui tudo alagou, porque aí na porta tem uma boca de lobo da Baía Azul, mas quando enche a água do rio, sai tudo por ali. Então é conectado em quê? No antigo Rio, porque se o rio enche e a água sai pela boca de lobo, de onde é que vem a água? Do rio. Ou seja, se tiver qualquer enchente, você sabe logo o sinal, porque a água começa a vazar pelos cantos dos tampão. E aí a gente liga para a Bahia Azul: "Não, é porque o rio tá cheio". Então eles conectaram o esgoto dentro do Rio - a voz rouca agora era firme e o tom mais alto.

Fecho o caderno e peço que me conte sobre a Praia dos Artistas, local que costumava frequentar com as amigas Dolores, Nice, Marinalva e Renê. Na juventude, matavam aula para ir à praia. Se enxugavam, vestiam o uniforme e voltavam para casa.

- A Praia teve nudismo, *topless*… O topless foi Baby Consuelo. Oxe, Barbinha também não foi fazer *topless*? Cheguei na praia, tirei o biquíni e fiquei só com a calcinha. Tava boa, novinha, peitinho durinho - diz, caindo na gargalhada. - Sua avó fazia *topless* direto. Ela andava na rua de *topless*. Ela queria viver como índio, hippie.

8 Escola Municipal Julieta Calmon, na Boca do Rio.

9 Antiga sede do Esporte Clube Bahia, na Boca do Rio.

O tom de voz alto se mantém, agora numa empolgação que se expressa em gestos e expressões exageradas.

- A melhor barraca era a de Aloísio e Aruba. Aruba era uma barraca gay. As meninas se transformavam. Cantavam Glória Gaynor, Whitney Houston, Céline John… Eu ia pro morro, pra ficar lá assistindo o show das *drags*. Tinha também a barraca de Carlinhos, que era Charles.

Na mesma calçada de Barbinha, morava Baby Consuelo. Na frente da sua casa, num condomínio, morava o pai de Pepeu Gomes.

- Eu que lavava a roupa dele, Dr. Cláudio. Minha mãe era quem fazia as comidas para os Novos Baianos e eu ajudava a levar. Os novos baianos moraram aí. Tudo eu conhecia daqui da Boca do Rio. Ficou Praia dos Artistas, porque se você queria encontrar um artista, podia vir pra cá que você achava.
- *A senhora ainda frequenta a Praia?* - pergunto curiosa, colocando o gravador de voz numa posição mais estratégica, para não perder a informação.
- Aqui não, minha filha. Eu levo três anos sem ir na praia. Mas o povo aqui de casa vai. Levam cooler com bebidas, Binho faz churrasco… Aí quando tem comida eu vou, que eu não sou besta. Me embolo na areia o dia todo, mas não tomo banho.
- *Por que?*
- Eu tava no Roberto Santos[10], com meu irmão e chegou uma menina com meningite fatal, que chegou a morte. Ela tomou banho às nove da manhã na Praia dos Artistas e chegou no Roberto Santos morta. Perguntei "o que foi?", "foi meningite", "como meningite?", "da água". Nunca mais tomei banho. Hoje em dia, não vale a pena não, bebê, tomar banho nessa porcaria que tá hoje. Muita gente que tem condições, dia de domingo, bota todo mundo no carro e se manda. Mas aqui, não tomam banho não. A água, se você pegar assim, ó, fede. Ela fede. A realidade é essa mesmo, minha filha. Agora Tainá é doida por água. Ela toma banho. Binho, Aninha e Jorginho também.

Eles são os netos de Barbinha. Jovens pretos de periferia, expostos a um ambiente inadequado e ecologicamente desequilibrado. Mais uma vez o sentimento de angústia toma conta de mim. Penso nos meus irmãos mais novos. Eles também acessam a Praia da Boca do Rio. São apenas crianças de 10 e 13 anos. Negras. Da periferia.

- *As gestões têm feito alguma coisa em relação a poluição?*
- Tem o Emissário, sabe? Mas é pouca coisa que vai pro Emissário. O resto vai pra onde, minha filha? Pro riozinho. Gastaram tanto dinheiro para botar um Emissário na casa do caralho que nem tinha necessidade na época. Ninguém queria, ninguém queria. Muita gente assinou, eu mesma assinei "não ao emissário". Fizemos um abaixo assinado, mas

10 Hospital Geral Roberto Santos (HGRS).

botaram. Hoje a Praia não existe mais. É só o nome "Praia dos Artistas". O vagabundo do prefeito ainda tirou as barracas. A Praia dos Artistas levava mais dinheiro que qualquer outro restaurante aqui na Boca do Rio. Teve muita gente que morreu de desgosto, porque tiraram as barracas. Acabou com o ganha pão de muita gente, tirou o lazer do povo! Mas eles não pensam na gente não. Eles só pensam neles. No que vai dar lucro pra eles. Barra e Ondina, minha filha, todo dia passa na televisão. Aqui, até o Salvamar tiraram. Outro dia passou o negócio daquela mancha de óleo preta[11]. Aqui na Boca do Rio teve, no Rio Vermelho teve e na Barra teve. Saiu na televisão qual? - pergunta, quase sem fôlego, me encarando profundamente. *Barra*, respondo.

- Lógico! Aqui parecia um betume, era um negócio feio. Aqui quem tirou foram os pescadores. Eles foram pegando, enchendo os baldes e enterrando. Agora, no Rio Vermelho, passou na televisão os caras lá da prefeitura. Na Barra, avemaria! E olhe que na Barra foi pouco! Na Barra foi uma tirinha. Aqui pegou quase três carro de mão. Mas quanto é um imposto de renda ali na Barra? Vale essa rua toda da Boca do Rio aqui na rua que eu moro. Um apartamento na Barra é o que equivale a essas casinhas todinhas daqui. Então quem é que vai tirar mancha negra daqui? Vai tirar é da Barra! Então isso também é racismo ambiental, né? - Pergunta e responde antes mesmo que eu possa levantar a voz. - Pobre não tem valor de nada não. Porque eu sou pobre, porque eu sou preta, porque eu não tenho dinheiro, então eu não tenho o direito de morar bem. Eu tenho que morar na favela, no esculacho. Por que eles não vão nas favelas ver as casas que estão caindo? Com essa chuvarada que dá, a pessoa tem que tá segurando suas porta de plástico pra não alagar dentro de casa. Mas tem muita gente que lembra disso aqui como eu lembro, com saudade daquele tempo. Qualquer pessoa que você perguntar, vai dizer: "Poxa, foi o melhor tempo da minha vida". A gente perdeu a identidade. A minha identidade, principalmente, de 66 anos atrás, não existe, acabou. Toda hora eu digo a Kátia, digo a meus netos: "Gravem bem o que foi que vocês pegaram, porque seus filhos não vão achar nada disso".

Barbinha, 2023 *(Victória Santana)*

11 Em 2019 manchas de óleo poluíram praias do Nordeste, o que ficou conhecido como um dos maiores desastres ambientais registrado no Brasil. Segundo o Ibama, mais de 5.000 toneladas de óleo foram retiradas pelo órgão até fevereiro de 2020. Estima-se que cerca de R$ 188 milhões foram gastos pelo poder público para a limpeza das praias e oceano. Em dezembro de 2021, a investigação da Polícia Federal apontou um navio petroleiro de origem grega como sendo o responsável pelo vazamento do óleo no mar. (CNN Brasil, 2022)

GAROTA DA BOCA DO RIO

Olho as horas no celular. São 03 horas da tarde, estou atrasada. Aquele é um dia de sábado. A cidade está agitada. É a véspera do 2º turno das eleições presidenciais de 2022, após quatro anos de um mandato fascista.

Preciso encontrar a minha avó materna, para uma entrevista. Peço uma moto no aplicativo 99 e em menos de três minutos uma Honda CG 160 Fan vermelha estaciona na minha frente. Pegamos a Avenida Jorge Amado, passando pela entrada das ruas onde morei e fui criada: a 1ª Travessa Dina Sfat e o Alto Mangabeira. Naquele instante, faço uma viagem de imersão em memórias que me transportam para os lugares que um dia me construíram.

O motoqueiro para na entrada do condomínio Alameda Jardim das Acácias. Desço do veículo, agradeço a corrida e devolvo o capacete para o piloto, que segue seu trajeto, sentido Imbuí[12]. O residencial fica no alto de uma ladeira, paralelo à Rua da Mangueira, periferia onde mora a minha avó. Desço a ladeira, observando cada detalhe do cenário à minha volta. Do meu lado direito está o grande condomínio residencial, com uma vegetação formada por arbustos e palmeiras bem cuidadas. Do lado esquerdo, um córrego poluído, numa cor verde musgo, repleto de limo e dejetos de toda natureza. Sobre o córrego, amontoados de casas na alvenaria e barracos com telhados de madeira compunham uma paisagem caótica.

O cheiro ali era pior do que o que eu havia sentido na Praia dos Artistas, e que ainda estava latente em minha memória olfativa. Cena clássica da desigualdade brasileira, semelhante à fotografia de Tuca Vieira, tirada em 2004, na cidade de São Paulo. Continuo descendo a ladeira de asfalto em uma rua estreita formada por casas humildes, com diversos empreendimentos informais. O da tia que vende biscoitos, a que vende geladinho, pães e o dono do boteco.

12 O Imbuí é um bairro de Salvador, predominantemente residencial e de classe média alta. É vizinho aos bairros da Boca do Rio e Narandiba, e próximo aos bairros de Patamares, STIEP e Costa Azul.

Caminho por cerca de cinco minutos até localizar a casa que procurava: um cortiço pequeno sob um prédio amarelo. No lado esquerdo do portão branco enferrujado, o desenho de uma seta feita com algum tipo de pincel preto riscava a parede, acompanhada pelo número "13" e a palavra "fundo". Era ali que ela morava.

- *Vóoooooooo!* - grito na frente do portão.

Quase que no mesmo instante, a sombra de uma senhora corpulenta se projeta no fundo de um corredor escuro e começa a se aproximar.

- Tô indo - responde do outro lado.

Ela vem de um beco estreito que dificilmente caberia uma pessoa com os braços abertos. A cada passo, a escuridão dá espaço para a luz e, aos poucos, consigo visualizar nitidamente o semblante alegre no rosto de uma mulher de 63 anos, vestida numa camisa colorida e num short de algodão lilás na altura dos joelhos gordos. As pernas são cobertas de varizes e os cabelos crespos alisados e quase que tomados pelos fios brancos, estão presos em um rabo de cavalo baixo. No rosto, um óculos marrom retangular.

- Minha netinha! - diz, enquanto abre os braços para me receber com um abraço.

Seguimos pelo corredor estreito, com portas e janelas de madeira em ambos os lados, residências de outros moradores. No final daquele beco sem saída, entramos numa porta de cor creme com a maçaneta quebrada, coberta por uma lona de plástico.

Toda a casa é rebocada e pintada de branco. O chão, revestido de cerâmica da mesma cor. Na sala de estar, uma tábua de passar roupas acomoda um ventilador Mallory branco sem a tampa da frente e alguns materiais de costura. Vovó concilia o trabalho de empregada doméstica com a costura, para lhe garantir uma renda extra no final do mês.

Olho para o relógio, já são 15 horas e meia. Vamos direto para a cozinha. Estamos famintas. Cozinhamos macarrão com algumas folhas de manjericão, colhidas do seu quintal, e retornamos para a sala de estar. Enquanto me acomodo num sofá de três lugares, coberto por uma capa vermelha, ela abre outra tábua de passar roupas na minha frente, cobre com uma toalha quadriculada branca e azul, coloca as panelas, os pratos, dois copos e uma garrafa de água. Então, senta-se numa cadeira de plástico.

- *O Inema avaliou a qualidade das águas das praias de Salvador ano passado e, aqui na Boca do Rio, a Praia dos Artistas foi considerada imprópria para banho. Além daquele Emissário Submarino, que não realiza o tratamento dos esgotos de forma adequada, hoje, o Rio das Pedras, que deságua na Praia, está completamente poluído, né, vó?*

Enquanto falo, ela arqueia as sobrancelhas e balança a cabeça para cima e para baixo, em sinal de concordância.

- Aquela praia ali já foi boa, viu? - diz, antes de dar uma garfada.

A mulher à minha frente frequenta a Praia dos Artistas desde os seus 14 ou 15 anos de

idade. Ainda adolescente, começa a namorar meu avô, que havia comprado uma casa na Boca do Rio, próximo ao Multishop. Sem dinheiro para a reforma, passaram a morar de favor na casa de um amigo, na beira do Rio das Pedras.

- O rio naquela época não era assim, aberto. Ele era todo fechado. Ali na frente das casas tinha uns pé de seringueira, fazia sombra e tinha uma lagoazinha com uns pato. A gente morou ali. Depois dali, a gente ainda passou a morar do outro lado, mas já foi num barraco. A gente queria sair da casa de César, mas não tínhamos condições, aí fizemos um barraco e moramos lá um tempão.

Na Praia dos Artistas dos anos 1970, mainha brincava na areia, vovó fazia *topless* e meu avô tocava berimbau na famosa barraca de Aloísio Sky.

- Samantha tinha uns biquininho, aí usava só a parte de baixo. Ela tinha um aninho e já pegava aquela Praia dos Artistas. Foi naquela época que rolou o *topless*. Foi quando eu comecei a usar o *topless* - diz, cobrindo, rapidamente, a face enrubescida.
- *E como o pessoal aqui da comunidade via essa prática na época?*
- Quem queria fazer, era normal. Quer dizer, tinha aqueles azarados, né? Mas ninguém ligava não. Ah, meu pai amado, nem acredito que eu já vivi o mundo da loucura!

Aquela senhora, que era considerada "porra-louca" nos anos 1970, era influenciada pelo movimento *hippie.* Sozinha, confeccionava seus próprios trajes de banho em crochê, que aprendera com uma gringa, supostamente angolana, que conheceu na Praia dos Artistas. Dentre os modelos preferidos, estava um sutiã com amarração frontal, que facilitava o *topless*. "Você abria aqui na frente e o peito já tava na rua", explica.

Rimos juntas e reunimos os pratos do almoço. Vou até a cozinha, lavo os pratos e preparo nossa sobremesa, brigadeiro. Coloco o doce pronto na geladeira e volto para a sala com a panela suja de chocolate e uma colher para raspar o fundo do recipiente. Quando retorno, nossa mesa improvisada de almoço já não está mais no mesmo lugar. Vovó coloca um CD para tocar, encosta a cadeira de plástico branca na porta da entrada e se senta. Eu me acomodo logo em seguida, no chão, aos seus pés. Um feixe de luz amarela entra pela fresta da porta e se instala entre nós. Não precisei mediar a conversa para que ela prosseguisse.

- Pois é, na Praia dos Artistas tava a galera toda. Ali era o ponto de encontro dos artistas e da gente que não era artista também. Era uma mistura total. Pobre, rico, classe média. Lá na barraca de Aloísio, nessa época, que eu me lembre, não tinha som, mas sempre chegava alguém pra fazer um sonzinho. Era um berimbau, um pandeiro… A gente tirava um sonzinho nas mesas mesmo. O que mais atraía todos os artistas era a barraca de Aloísio. E a gente, como é amigo de Aloísio, pegava essa praia ali. Tinha vários artistas e muita gente boa… - ela hesita, coloca as mãos sobre a boca e o rosto volta a corar, tomada por preceitos cristãos, que agora são a sua verdade. Acho engraçado

aquele constrangimento e não consigo esconder o riso. Ela deixa a vergonha de lado e se diverte com a situação.

- Meu pai, deve ter tanta foto minha nesse mundão aí… Os gringos vinham e filmavam a gente. Seu avô não se importava. Eu lá, sem sutiã ou então de biquininho de crochê. Tinha gente que queria até que eu posasse pras fotos, aí Carlos "Não, não… Quem quiser tirar foto, pode tirar", agora posar pra foto, ele não deixava. Era muito boa aquela praia, agora que modificou muito.

Na década de 70, vó Alina estava na praia todos os dias. Terminava os afazeres de casa pela manhã, ia para a praia e lá ficava, até o meio dia. A pele era dourada e preta. No fim de semana, pegava praia com meu avô, com os irmãos mais velhos dele, alguns amigos do bairro e da região de Amaralina. Também se reuniam com amigos que vinham de Senhor do Bonfim, município no centro norte da Bahia. Juntos, jogavam frescobol e voltavam para casa. Comiam, bebiam, fumavam.

- O roteiro era esse. A gente fumava lá mesmo, depois ia pra casa comer, ouvir som e bater papo. Todo mundo gostava da minha comida, a comida da nêga, cozido. Aí na hora da comida: "Vamos fazer um som!". Era Fau com o violão, Roberto na frauta e seu avô com o berimbau.

O grupo se reunia na barraca de Aloísio. Era a única barraca de lona existente no local. As mesas eram feitas de carretéis de madeira e os bancos eram troncos de árvores.

- Qualquer coisa tinha um peixinho assado na brasa. Lá era cerveja, caipiroska de vodka e o cachimbo da paz.

Ela emite um riso de desconforto. Continuo fazendo minhas anotações, sem demonstrar qualquer tipo de reação ao seu comentário. Percebendo a naturalidade daquela conversa, ela continua.

- Nessa época eu até fiz uma sunga para seu avô, uma sunga de pano de saco e crochê. Antigamente era aquelas sunguinha. Só depois de um tempo que veio a moda de um sungão, como hoje em dia. Mas naquela época, Carlos já usava sungão. O sungão de *lycra* era conhecido por "sungay", porque dizia que era gay que usava. Na época era mais a sunguinha. Então, praticamente, a gente lançou a moda, naquela época, na Praia dos Artistas.
- *Que barato! Vocês tomavam muito banho de mar?*
- Uhum. Nunca tivemos problema com aquela praia ali não, sempre tava limpinha. Os artistas vinham tomar banho ali. E quando aquela maré tava vazia? Ô, minha filha, era maravilhoso. Aí é que ficava bom mesmo. Era gente malhando, gente batendo frescobol, era muito bom mesmo.
- *Quais artistas a senhora chegou a ver por lá?*

- Seu avô jogava bola com os novos baianos. Baby, lá no gol, com um barrigão deste tamanho - conta, reproduzindo, com as mãos sobre o ventre, uma gestação. Na época de Gal e de alguns outros aparecer, eu não tava. Agora eu lembro que Gilberto Gil tava caminhando e eu também, aí a gente se bateu e deu uma piscadinha de olho, mas só ficou na piscadinha mesmo - caímos no riso, enquanto ela imitava a piscadinha de olho que recebeu do tropicalista baiano. - Ele tava vindo de lá de Placaford e eu ia descendo. Porque ele vem de lá, né? Da comunidade de Itapuã. Ele vinha conversando com uma moça, aí quando eu olhei… Bonitão, rapaz! Oxe, eu ainda me lembro. Ele tava com uma sunguinha branca. E era sunguinha larga também, o "sungay". Negão, menina. Era muito charmosinho ele, viu? Não sei se você já viu umas continhas que ele usava no cabelo. Era colorida. Acho que ele tava com o cabelo trançado na época, se não me falha a memória.

A década de 70 caracterizou-se pela irrupção da estética negra, inspirada nos movimentos raciais dos Estados Unidos, como "Black is Beautiful", "Panteras negras" e "Movimento Black Power". A difusão da cultura negra, nesse período, deixou em evidência vários grupos culturais de origem africana em Salvador, como o Ilê Aiyê e o Olodum, que valorizavam a beleza afro-brasileira e passaram a engajar politicamente na luta por cidadania do povo preto. Vovó às vezes se coroava com um belíssimo *black power*. Noutras, fazia tranças na altura dos ombros e as decorava com contas feitas de sementes, conchas e búzios. Ela era alta, esbelta e bela como uma deusa do Ébano.

- Menina, eu era famosa naquela praia. Eu chamava atenção por causa dessas contas. Quando eu descia, já dava pra ouvir aquele "troc troc". Os meninos já sabiam que eu tava chegando, por causa do bater das conchas no cabelo.

Quando pergunto sobre algum fato inusitado, ela muda a expressão. O rosto enrijece, arregala os olhos, me encara e responde séria:

- Quando teve a maré de março, que veio até cá em cima! Maré de março é a maré que enche lá em cima. Eu estava com um amigo. Fomos para as pedras fumar um bagulho e tirar umas fotos. Tô lá, batendo pose, pá… Daqui a pouco, que a gente chegou na barraca de Aloísio, a maré veio. Meu deus, por pouco hoje eu era finada! Não tava nem aqui contando a você as história. Levou as coisas de Aloísio, era a gente correndo pra pegar os bancos, porque veio cá dentro da barraca, rapaz.
- *Mas e as boas recordações?*
- Tinha muita gente legal. Finalzinho de tarde, na época de verão mesmo, a gente ficava vendo o pôr do sol. Era muito bom mesmo.
- *E o Rio das Pedras, como ele era nessa época?*
- Não era como é hoje. Cê vê que a água aqui do rio fica parada, água preta. Você viu ali

quando você passou, né? Ele não era como era assim não. Não era mesmo.

- *Alguma vez, a senhora já ouviu falar em racismo ambiental?*
- Não - responde direta, sem arrodeios.

Tento explicar de forma didática para aquela senhora. Pergunto sobre o Emissário Submarino, mas ela não sabe responder. Não insisto, não quero constrangê-la. Levanto, levo a panela para a pia, pego o prato de vidro transparente com chocolate na geladeira e retomo o meu posto. Volto ao assunto para não fugir daquele momento. Pergunto, dessa vez, de forma mais objetiva:

- *Vó, a senhora tem problemas com saneamento aqui?*
- O meu esgoto tá indo pro rio - responde. Eu queria ver se eles vinham. Primeiro, eles falaram que aqui não tinha a caixa. Eu não sei se a caixa entupiu, mas eu me lembro que tem uma caixa. Os homens, quando vem aí, ficam botando dificuldade. Não tem uma barraquinha ali? Então, por aquela rua, faz. Mas eles não querem passar pelo mato. Tem outras casas aqui que também não tem. A vizinha tava falando que ela tava pagando e não estava com esgoto conectado. Aqui eles já tão passando a cobrar taxa na conta de água, mesmo sem ter esgoto. Já tem um ano, eu acho.

A residência da minha avó fica a poucos metros da sede da Embasa na Boca do Rio. Como ela e outros moradores da rua podiam não ser atendidos adequadamente por serviços básicos de saneamento? O Condomínio Alameda das Acácias, por exemplo, há cinco minutos dali, não me parecia ser desprovido desses serviços. Olho para o relógio na tela de bloqueio do celular. Já são quase 17 horas da tarde. Dali, ainda iria procurar pelo dono da barraca mais famosa da Praia dos Artistas, Aloísio Sky. Junto meus pertences e minha avó se oferece para me ajudar a encontrar a casa do barraqueiro. Seguimos para a Orla da Boca do Rio, a fim de encontrar o bar de Aloísio Sky.

Alina, anos 70 *(Acervo pessoal Victória Santana)*

02

PRAIA DOS ARTISTAS

Quando decido resgatar o panorama cultural da Praia dos Artistas, um dos meus objetivos principais é ir à procura dos artistas que vivenciaram os anos de ouro da Praia para, a partir de uma perspectiva histórico-social, compreender o palco cultural baiano, descobrir o que esses personagens têm a dizer sobre o cenário de poluição atual e o que pensam sobre os fatos.

Começo a organizar um cronograma de entrevistas utilizando uma amostragem por acessibilidade, com critérios de gênero e raça, importantes para o resultado da minha pesquisa. Com a lista pronta, sigo para a busca do maior número de contatos que poderia conseguir. Entre os nomes cotados estavam: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raymundo Sodré, Zizi Possi, J. Cunha, Jorge Papapá, Sérgio Othanazetra, Godi, a viúva de Luiz Melodia Jane Reis, Paulinho Boca de Cantor, Vovô do Ilê Aiyê e a atriz Sue Ribeiro.

É uma tarde nublada de um final de outono em Salvador quando começo a contatar os artistas e suas respectivas assessorias. Faço contato com o primeiro no final daquela mesma tarde. *Tuu... Tuu...* Eu não espero que ela atenda. Antes que a ligação pudesse chamar pela terceira vez:

- Alô! Quem gostaria? - pergunta a voz feminina com um sotaque carioca do outro lado do telefone. Me apresento, falo sobre o motivo da minha ligação e sobre a necessidade das contribuições de Gilberto Gil para a recuperação das memórias daquele lugar.
- Eu estou no camarim com ele nesse exato momento, porque ele vai entrar em um show daqui a pouco. Mas te consigo essa entrevista para semana que vem - responde Gilda Mattoso.

Agradeço, extasiada. Ela se despede e desliga a ligação. Animada, parto para o contato com Luciana, produtora de Zizi Possi, logo em seguida. Não tenho a mesma sorte. Minha ligação sequer foi atendida. Deixo uma mensagem de texto no *Whatsapp*, que tem retorno em algumas horas. A produtora me encaminha o contato Daniela Bassit, assessora de Zizi. Contato Daniela, também pelo *Whatsapp*, devido ao fracasso nas tentativas através das ligações. Pela rede social, Bassit me solicita o envio do questionário de perguntas para que pudéssemos marcar uma data para a entrevista. Envio, aguardando um retorno.

As tentativas de contato com os outros artistas da minha lista também não são bem sucedidas. Os números de J. Cunha e Raymundo Sodré não recebem ligações. Começo a ficar preocupada, não tenho tanto tempo e aquelas pessoas eram importantes. Decido deixar mensagens de voz no *Whatsapp*, aguardando, confiante, suas respostas.

Na semana seguinte, a entrevista com Gilberto Gil cai. Consigo remarcar. Dias depois, somos atropelados por um infortúnio, a grande voz da Música Popular Brasileira, Gal Costa,

parte para o Orum. Nosso encontro foi cancelado mais uma vez.

Daniela Bassit não me retornou. J. Cunha não tem agenda para me receber e Raymundo Sodré sequer ouviu as minhas mensagens.

Eu estava sem direção.

YELLOW SKY

- Se esconda. Vamos fazer uma surpresa para ele - sugere minha avó. Obedeço e me escondo atrás do muro vizinho.
- Aloíiiiisio. Aloísioooo - grita na frente de uma casa branca com primeiro andar.
- Lina?? Ô minha amiga, que surpresa é essa? - ouço romper a voz rouca de um homem idoso.
- Não é rapaz? Há quanto tempo, hein?
- Pois é. Saudade daquele tempo bom daquela Praia dos Artistas.
- É… - responde minha avó, encabulada. - Adivinha quem tá aqui?
- Samanthinha?
- *Não, a filha dela.* - digo, enquanto saio do meu esconderijo e me coloco ao lado da minha avó.

Ele desce as escadas do primeiro andar e vai ao meu encontro. O dono daquela voz é um senhor grisalho, aparentando ter uns 70 e poucos anos, com um bigode enorme e um imenso chapéu de palha na cabeça. A figura veste uma camisa regata branca do carnaval de Salvador de 2008 e uma calça de pescador da mesma cor. Atravessada em seu corpo, está uma bolsa cinza de retalhos coloridos. Seus pés estão descalços no chão.

- A neta de P.E[13].! - diz a figura caricata, me dando um abraço. Como vai P.E., aquele velho safado?

Conversamos a caminho do bar de Aloísio, na orla da Boca do Rio. Ao chegar, sentamos em uma das mesas, um carretel de madeira, pintado de amarelo. Aloísio pede duas águas de côco e uma cerveja para uma senhora com sotaque estrangeiro.

13 Nos anos 70, meu avô ficou conhecido como P.E. em Salvador, quando igressa na Polícia do Exército.

- P.E. é um grande amigo. Ele e Lina. Grandes histórias na Praia dos Artistas…

Após algum tempo de conversa, com a tarde dando espaço para o anoitecer, agradeço a Sky pela atenção, peço seu número de telefone e agendo uma entrevista para o dia seguinte, às 14 horas.

***

Meu entrevistado me avista de longe. Ele não tem dificuldades para me reconhecer; Está vestindo a mesma calça de pescador e uma camisa igualmente branca, que agora estampa a festa de Iemanjá. O chapelão de palha continua sobre a cabeça, a bolsa cinza de retalhos no mesmo lugar, e os pés ainda estão descalços no chão.

Sento na mesma mesa amarela do dia anterior e acomodo meus pertences sobre a mesa, para dar início a nossa conversa. Aloísio vai até a cozinha e retorna à mesa com dois objetos, um em cada mão: o livro "Anos 70 Bahia" e um álbum de fotografias. Helô, sua companheira, uma colombiana doce de meia idade, vem logo atrás, trazendo uma garrafa de cerveja e dois copos americanos de vidro. Ela os coloca sobre a mesa e sai.

- Me acompanha, Victórinha? - pergunta o barraqueiro.

Não recuso o convite.

Aloísio Almeida, apelidado Aloísio Sky, é natural de Conceição de Almeida. Chega em Salvador em 1966, aos 16 anos. Aqui, passa a juventude trabalhando em vários setores de pequenos comércios, como camelô. Nos anos 1970, também atuou como fotógrafo *freelancer* para o Jornal da Bahia. Em três de outubro de 1973, após fotografar um acidente na Orla da Boca do Rio, decide abrir ali uma barraca de praia, a *Blue Sky*.

- Em 1974 eu coloquei uma lona que ficava tirando e botando. Runny Scott, do grupo Garage, falou: "Essa lona aqui… Nós estamos debaixo do *Blue Sky*, céu azul". Também tinha uma colcha de retalhos na cobertura, era a bandeira da barraca, mas não exerceu nome nenhum. Ainda rola a bandeira. Hoje eu não botei porque rasgou e eu não consertei - explica.

Em 1975, o barraqueiro troca a lona azul por uma lona amarela de 96 metros quadrados. A barraca, então, passa a se chamar *Yellow Sky Beach House*. A Praia da Boca do Rio, que já abraçava uma efervescência vanguardista, se torna pioneira na prática do nudismo e do *topless*.

- O nudismo era dos anos 70 até 75. Nêgo tirava a roupa e tomava banho. Passou a ser proibido quando a 9ª Delegacia[14] foi implantada aqui. Aí a turma que curtia a nudez

14 A "nona" a que Aloísio se referia era a 9ª Delegacia Circunscricional de Polícia, uma delegacia que veio para o bairro na década de 1970. Um caso de nudismo envolvendo um casal causou problemas no local, que teve como consequência a proibição desta prática, com liberação posterior apenas para a prática do *topless*. Aloísio revelou que a confusão resultou na prisão do casal.

fazia o "botoless". Tirava a roupa toda e mergulhava várias vezes, tipo boto mesmo. Até 83/85 o *topless* era super liberado. Várias pessoas vinham de fora. Rio, São Paulo… Tinha gente que vinha em excursão pra ver o que era, porque era muita gente! Era visto de todo jeito. Tinha gente que ignorava e tinha gente que não tava nem aí. E aí depois lançaram o cordão cheiroso. Lina era viciada em cordão cheiroso. Lina enrolava, enrolava, apertava a perereca. O cordão aqui atrás entrava na bunda, rapaz… Ai ai. Eu usava tanga de crochê, menorzinha, e ficava com os pentelho tudo aparecendo.

Ele ri e toma um gole de cerveja. Seus olhos brilham.

- *Nessa época, a sua barraca recebia muitos artistas famosos, não é?*
- O povão chegava do lado, sentava: "Vou sentar aqui com vocês". Ninguém reclamava, porque naquela época não tinha pilantragem nenhuma, só amizade mesmo. Todo mundo puxava conversa de junto dos artistas. Caetano, Gil e o pessoal dos Novos Baianos era quem mais ficava concentrado lá. Foram várias, várias, várias personagens naquela época. Florou gostoso os anos 70.

Aloísio se emociona. Não parece entender como aquilo tudo havia ficado para trás. A *Yellow Sky* era a barraca mais movimentada da Praia dos Artistas. Abria todos os dias às 10h. Chegou a ter 14 funcionários.

- O presidente da Petrobras Gabrielli, Jaques Wagner, Domingos Leonelli, Margareth Menezes, Babalu, J. Cunha… Todos frequentavam o nosso canto. Zizi Possi amanhecia o dia na Praia comigo, na esteira, na folha de madeirite ou na rede, que a gente dormia. E assim foi a caminhada, com centenas de artistas - diz, com um sorriso de orelha a orelha. - Tinha um peixe assado com farofa d'aǵua e vinagrete sem vinagre, que era o pau puro! E o que mais saía de roska, era o maracujá. Nêgo pensava que eu fazia outra coisa, não era. Eu batia uma batida de maracujá meio doce, e aí na segunda eu só jogava duas colheres e meia de açúcar. A pessoa que já tava bebendo, quando bebia a segunda eu via o olho bater assim, ó… "tá!" - grita, imitando seus clientes revirando os olhos e pendendo para trás na cadeira.

Ele retoma a postura. Está chorando de tanto rir.

- Aí chegavam: "Aloísio, que bebida é essa?" - altera a voz, imitando uma pessoa bêbada. - Teve um cara que disse: "Quero ver você fazer!". Quando eu bati a segunda, eu vi ele estremecer. Ele disse: "Bote um base pra a gente aí". Naquela época, o fumo colava na mão, e vinha de lá de Juazeiro. Aí eu botei um baseado enorme e enchi. Rapaz, esse cara disse assim: "Eu nem vou tomar banho. Não aguento não". Eu disse: "Viu, filho da puta?" - conta, caindo em gargalhadas.

Ainda rindo das lembranças, ele levanta e coloca Janis Joplin para tocar na televisão do bar. Quando retorna, pergunto, curiosa:

- *Essa praia sempre se chamou Praia dos Artistas?*
- Não. A Praia dos Artistas chama-se Aratubaia e Praia dos Coqueiros, porque era cheio de coqueiros de 15, 20 e 25 metros, de fora a fora. Aratubaia é um poço que já matou a sede de muitos hippies, indígenas e quilombolas há muitos anos atrás. Quando a maré tá no verão, ele aterra. Quando tá no inverno, é cavado. É perigosíssimo. Eu estava com Runny Scott, Chico D'Ávila e outros batendo papo em 1976, e aí botamos o nome Praia dos Artistas. Ficou até hoje. "Ah, em que lugar fica a *Yellow Sky?*", "Fica na Praia dos Artistas, na Boca do Rio" - encena empolgado, gesticulando na mesa.

Ele baixa o olhar e volta sua atenção para um anel dourado em seu dedo, como se aquele objeto guardasse histórias do tempo de outrora.

- Foi muito marcante naquela época. Eu tive colegas como Verinha, chamava-se Maria sem Vergonha, a barraca; Iêda, a finada Iêda, "Tia Pretinha"; Aruba; República; Bahamas, a barraca do paulista; Carlos, Voo Livre… Todos já foram. - ele volta a olhar pra mim e para os nossos copos sobre a mesa. - Quem tá vivo aqui é só o véi Sky mesmo. Da Praia dos Artistas ainda existente aqui sou eu… - interrompe e pede mais uma cerveja para Helô, que vem da cozinha com mais uma garrafa e enche nossos copos.

- *E como eram as relações sociais na Praia dos Artistas?*
- Tinha todo tipo de pessoa. Graças a Deus, nessa caminhada bonita, todo mundo se dava bem. Você chegava na casa do outro, sempre de supetão: "Cadê o da tarde?". Tinha gente que cinco horas gritava: "Ô Aloísio, cadê o das cinco?". Eu digo: "Ainda vai rolar". Ou então perguntavam: "Já rolou?", eu digo: "Nãao", aí descia. Todo mundo fumava. Era o Reduto Hippie, o Reduto da Tropicália. Toda esquerda frequentava lá, no movimento Tropicália. Só teve Gil uma vez que pulou o barco, porque deram a ele um cargo no Ministério da Cultura.
- *Vocês faziam política na Praia?*
- No início tava na ditadura dos 70. De 78 pra cá já foi melhorando. Caetano já tava aqui, todo mundo já tinha anistiado, já tava todo mundo na terra. Anos 80/85 tinha toda a mistura. Nêgo sabia quem era PFL ali, mas ninguém hostilizava ninguém. Todo mundo ouvia, batia um papo, outro sentava separado. E tinha movimentos. "Olha, hoje, Pituaçu, vamos ser contra o que eles querem fazer. Vamos pra ponte", e todo mundo se juntava e colava em cima, mas depois?? - Aloísio enfatiza a pergunta e balança a cabeça de um lado para o outro. Toma mais um gole de cerveja e silencia por um instante.
- *Nos anos 70 e 80, como eram as condições ambientais da Praia?*
- Era duna de 20 metros de altura. - levantava as mãos ao alto e fala excitado. - Nós tínhamos em nossa frente um mangue, onde tinha preá, tinha raposa, tinha tatu, caranguejo, guaiamum, aratu e vários peixes aí no rio… Renata Sorrah e Marcos Paulo

um dia foram fazer uma visita pra mim e fomos pegar Pitu de mão pra eles comerem lá em casa. De mão! - bradou Sky. - No riozinho ali! Além das dunas, essa Colônia de Pescadores era uma ilha. Com a maré cheia, você tinha que passar por dentro d'água. Depois que veio um Governo filho da puta, chegou ali aterrou tudo, tirou a ilha. A fauna aí é pouquíssima. Aqui onde é o SAC, era o lugar onde os tatus viviam. Hoje? Que tu? Aí não tem nem o rabo, quanto mais o tatu!

Faço todas as anotações atentamente. Aloísio mal respira para falar.

- Sabe o que era gostoso? Era você tá na água com a água até aqui - diz, apontando para o tórax. - Você via os peixes. Passavam rasgando. Peixe graaaande! HOJE? Você pode tá a mil metros de altura, você vê um peixe? Culpa do homem e do rolo compressor. Detonaram! Gastaram milhões com o furacão que veio por debaixo da Jorge Amado.

Sky fala sobre a construção do Emissário Submarino do Jaguaribe em 2009 na Boca do Rio, empreendimento milionário, foco do caso de racismo ambiental que eu pesquisava na região. Ele se ruboriza. A face fica ainda mais tensa. Irrita-se. Solta um berro que estremece o corpo inteiro.

- Bombardearam! Gastou milhões e tinha outros milhões de multa se desfizesse do contrato. Essa obra de milhões, dobrou, triplicou. O Emissário Submarino terminou no valor de mais de 250 milhões e não fizeram um trabalho perfeito. Até hoje tem casa rachada na orla… Essa aqui mesmo, tá rachada.

Aquele homem nunca pensara em sair da Praia. O lugar era a sua vida. As pessoas, sua família. Era um ambientalista. Pergunto sobre o processo de poluição e sobre a história do Emissário na Boca do Rio. Ele tinha a resposta pronta. A indignação permanecia atual.

- Como eu tinha uma barraca durante 37 anos na Praia dos Artistas, eu cheguei em momentos bons. De 2009 pra cá, a carga de poluição foi dobrada. Primeiro, porque a desembocadura do nosso Rio das Pedras recebe vários afluentes que também estão poluídos. Eles dizem que fizeram um trabalho ambiental, mas nada disso! Fizeram um Emissário Submarino, onde eu formei equipes e fomos pra rua. Fomos defender o direito ambiental saudável.

Me surpreendo com um soco na mesa inesperado. Me assusto. O tom de voz de Sky é cada vez mais alto. Ele parece não se preocupar com os clientes, que agora passam a olhar para nós.

- A Boca do Rio, até hoje, sempre foi um canto de esquerda, de artistas, de intelectuais, de boêmios, que sempre defenderam a natureza. Foram reuniões e assembleias, para defender o nosso solo freático. Infelizmente, hoje, alguns desses que defendiam a natureza naquela época, são governos. Sabe o que o governo e o capitalismo fizeram? Eu tinha um grupo de umas 40 pessoas trabalhando. O governo tirou 10 pessoas

desse grupo. Quem eles tiraram? Os intelectuais, que sabiam articular, que sabiam se comunicar, que conheciam o direito e a caminhada ambiental.

Ele deixa-se levar pela narrativa lacrimejante, recheada de memórias dolorosas. Os olhos estão marejados. O nó preso em sua garganta, agora, fazia sua voz falhar.

- Menina, eu vou lhe falar a verdade… É muito difícil falar sobre isso. Quando você vê que todas aquelas pessoas que frequentavam teu canto, que comia, bebia, dormia e acordava lá, hoje são políticos, que lhe sucumbiram depois… O final dessa história dilacerou o coração, não só do Aloísio, que trabalhava ali com amor, com carinho, mas em relação ao todo, a essa devastação. Lascaram com tudo o que tinha na Praia, tratando nós como marginais da orla. Nos tiraram com metralhadora, tratores, Policiais Federais, com arsenal de tiro de guerra e a porra. Tirou ao todo 25 mil pessoas direta e indiretamente. Mas o capitalismo é tão selvagem, que não respeita a voz do cidadão. Eu só fui cinco vezes lá na Praia depois que eu saí, entende?

Em 2009, se encerrou, permanentemente, a história da *Yellow Sky*, após decisão judicial, que iniciou um processo de retirada das barracas de praia em Salvador. De acordo com o decreto, para que os barraqueiros utilizassem as praias da Orla Marítima com fins econômicos, seria necessário uma autorização prévia da anuência da União Federal, conforme as Leis N° 9.750/46 e 1.561/77, pautadas na lei federal Nº 7.661/88. Entretanto, essa autorização nunca existiu. A decisão judicial desconsiderou, ainda, a autorização concedida pelo poder municipal para a continuidade da atividade dos barraqueiros mediante uso de toldos e caixas de isopor.

A determinação de demolição das barracas foi dada pelo Juiz Carlos D'Ávila da 13ª Vara da Justiça Federal, no governo de João Henrique Carneiro - PMDB, sob alegação de ilegalidade nas construções que ocupavam a faixa de areia pertencente à União, no caso, a Marinha do Brasil. Em sua sentença, escreveu que a Orla de Salvador estava "favelizada, imunda, entupida de armações em alvenaria". A demolição foi realizada por técnicos da Superintendência de Ordenamento do Uso do Solo do Município (Sucom) e da Secretaria de Serviços Públicos e Prevenção à Violência (Sesp).

- Foi uma ação do Governo, do dinheiro e do "rolo compressor". Não sabiam que um guerreiro com 37 anos de Praia como eu, Juvenal e outros, era quem comandava a cultura da Orla como barraqueiro, que eram os cantos de concentração dos artistas, dos políticos, dos intelectuais, e dos boêmios. Eles não respeitaram isso. Prometeram o que não cumpriram, como indenização. Saímos e ficamos de mãos abanando.

Desde a retirada das barracas, a prefeitura não realizou nenhum projeto alternativo para solucionar a situação, o que fez com que barraqueiros perdessem investimentos altos e cerca de três mil funcionários ficassem sem emprego.

- O antigo Rio das Pedras, que hoje é "Esgoto das Pedras", desemboca no nosso mar. O racismo é esse. Um esgoto desgraçado, que não tão fazendo questão de fazer direito ou

chamar o órgão competente. Nós estamos aqui na Orla, mas e aqueles que estão nas vielas, que estão no desfiladeiro? Se todas invasões tivessem um rumo… Se a Prefeitura, Secretaria do Meio Ambiente fizessem arruamento com esgoto, com tudo… Mas não faz! Pagamos milhões pra botar um emissário submarino que não funciona direito, e não tem saneamento em todas as casas. É brincadeira?? E se falar isso é comunista. Mas é assim. Eu tenho que tá com um milhão junto pra ter a voz de um desses barões - suspirou.

Aloísio Sky, anos 70 *(Acervo pessoal Aloísio sky)*

SANTUÁRIO DOS LOUCOS ALTERNATIVOS

O tempo estava quente e não chovia naquela quinta-feira de junho em Salvador. Um dos netos de Barbinha, Lucas, havia me ensinado como chegar até a casa de Sueli Ribeiro, na mesma rua de sua avó, em frente à Embasa. Bato em três casas diferentes até encontrar a residência, localizada no final da Av. Dom Eugênio Sales. A casa é enorme. Não há campainha visível. *Estou no lugar certo?*, me pergunto. Ao lado do grande muro cimentado, identifico uma oficina. Vou até lá na tentativa de conseguir informações.

- *Sue Ribeiro mora por aqui?* - pergunto aos dois homens que estão no local.
- Dona Sueli? É aqui do lado. Deixa eu chamar ela daqui, porque às vezes ela não escuta. "Dona Sueliiii!" - grita um dos homens. - Dona Sueliiiiii! - berra outra vez.
- Ooooi - ouvimos uma voz ao longe. Alguns segundos depois, ela aparece no primeiro andar, debruçada sobre o muro colado na oficina.

O homem não fala nada. Sueli olha para ele, que devolve o olhar para mim, na espera de que algo seja dito.

- *Oi, eu me chamo Victória. Estou escrevendo um livro sobre a Praia dos Artistas. A senhora tem um momento para a gente conversar?* - pergunto, quebrando o silêncio.
- Vou descer - responde a atriz de meia idade.

Agradeço a atenção do oficineiro e volto para a porta da casa de Sueli.

Aquele era um terreno antigo. Quando criança, pensava eu, se tratar de uma casa abandonada. Era uma casa de esquina, com um muro cinza e uma porta de madeira antiga. O número da casa estava pintado em tinta branca. Espero por alguns minutos. Pego o celular e ligo o gravador. Minha entrevistada finalmente me atende.

- Sai, Kira - escuto do outro lado da porta.

Quando a porta se abre, vejo de perto a mulher idosa que falara comigo do primeiro

andar. Seus cabelos são pretos e lisos, na altura dos ombros. É uma pessoa de pele clara e gorda. Tem em sua companhia uma cachorrinha *border collie* de dois anos.

- *Oii, ela morde?*
- Não, ela gosta de brincar.

  Acaricio Kira, dou um abraço em sua tutora e me apresento.
- Ô, amiga, eu tô é gripada - diz, enquanto me cumprimenta e me convida para entrar.

Falo um pouco sobre o livro-reportagem, enquanto caminhamos até a sala de estar. A varanda de Sueli é rodeada pelo verde de plantas diversas. Por dentro, as paredes e os objetos de decoração são exagerados e coloridos. A sala de estar parece um ateliê, com móveis de madeira e quadros de artistas plásticos nas paredes. Entre eles, estão obras de J. Cunha.

Sue Ribeiro veio para a Bahia nos anos 70. Entre seus trabalhos mais famosos no cinema e teatro, estão a peça *Vixe Maria! Deus e o Diabo na Bahia*, de Fernando Guerreiro, e a interpretação da personagem Magnólia em *Dona Flor e seus Dois Maridos (1976)*. Atualmente, Sue é funcionária da Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia, e coordena um grupo de danças populares, com jovens da periferia. Sua história na Praia dos Artistas começa há 50 anos, quando vem morar na Boca do Rio.

Sentamos lado a lado numa mesa grande de madeira, onde ela conta, com detalhes, como tudo começou.

- Na década de 60 para 70, o auge era Pituba e Amaralina. Eram as praias que tinham muita gente. A Barra também, mas eu tô falando do lado de cá - explica, enquanto mastiga algumas jujubas. - A gente vivia uma ditadura, certo? Em 68, 69, era uma ditadura pesada. Costa e Silva, Castelo Branco e tal. Nessa época, as coisas alternativas e o movimento *hippie*, que é americano, vieram para cá como uma alternativa. Os homens começam a usar o cabelo comprido e surge essa identificação dos sexos, sem a separação cruel e machista. Naquela época, tudo isso vem para trazer para Salvador essa forma de vida.

Nos anos 70, diversos artistas baianos lançam discos, inspirados na contracultura. Frequentadores do Porto da Barra começam a vir para Boca do Rio, trazidos por artistas do teatro, da dança e da música, dividindo o espaço com a comunidade. Nesse momento, as praias baianas se consolidam como um dos palcos de expressão de identidades culturais, marcadas pela resistência ao Golpe de 64, e a Praia dos Artistas teve papel importante neste momento.

- A gente ainda nem sabia que a gente era contracultura - fala calmo e devagar, num tom contraditoriamente alto. - Foram rompidos vários preconceitos, como o preconceito da virgindade, o amor livre, toda essa libertação de estruturas, contra determinados padrões que existiam. Esse foi o grande rompimento.
- *E o que a Praia da Boca do Rio tem a ver com isso tudo?*

- Aí é que tá! Foram essas pessoas que acabaram se encontrando na Boca do Rio, porque foi um espaço onde vieram morar alguns artistas. Quando esses artistas vêm para cá, a gente começa a ficar indo para praia, a usar a religião indiana, usar patchouli, a se enfeitar com os colares do axé… A gente usava conta de lá do Mercado Modelo. A gente tinha um circuito de pessoas na cidade que acabaram vindo para a Boca do Rio, trazidas de alguma forma. Então, inicialmente, não é a praia que é libertária, nós é que éramos libertários, fugindo de padrões. Nós éramos os loucos alternativos.
- *Foi nessa época que eclodiu a Tropicália?*
- Sim, e a Praia tem total relação com o movimento, porque a Tropicália traz esses elementos do rio, do mar, da coisa brasileira, da valorização do que é nosso, valorização das nossas praias, do nosso acarajé. O movimento tropicalista traz a valorização da nossa cultura e traz em sua música, o jeito de ser tropicalista, de gostar da sua natureza local. Caetano e Gil vinham muito aqui, assim como no Porto da Barra. Então, na década de 1970 para 1980, a gente colocou um *status* na maneira de andar, de curtir e de ver, que hoje existe e estão presentes aqui. Foi uma revolução na Boca do Rio. Passaram diversas pessoas aqui e ela se tornou divulgada e cantada em versos e prosas.

A dúvida não aparece em nenhuma de suas palavras. Ela continua a falar, olhando para mim, enquanto coloca no colo um saco imenso de jujubas e masca uma após a outra.

- Eu ouvi falar da Boca do Rio lá no Rio de Janeiro. Eu conhecia uma pianista, e o marido morava na Bahia. Ela falou: "Olha, quando você for morar na Bahia, procure casa na Boca do Rio. Lá tem muita casa barata". Foi o que eu fiz. Só que não foi só eu que pensei assim. Várias pessoas pensaram assim ao mesmo tempo. Cada uma num local, cada uma, uma história. Essas pessoas são J. Cunha; Possi Neto e Zizi Possi; Ticão, que já se foi; Gilson Rodrigues, artistas plástico muito importante, que também já se foi; Sandra, de Gil, veio morar aqui em Salvador; os Novos Baianos moraram um tempo aqui nessa rua, não todos. O pai de Pepeu Gomes morava aqui nessa rua. Além dos nativos que tinham aqui, e que já faziam música. E tinha também Aloísio. Todos vieram morar aqui, porque era mais barato. Foi aí que começamos a conviver e a se encontrar.
- *E como era a praia nessa época?*
- Eu comecei a frequentar a Praia dos Artistas antes de 70, antes de ter barraca. Era deserta. Não tinha a barraca de Aloísio. A gente botava toalha para deitar na areia. Não se bebia álcool na praia. Cerveja na praia vem depois. A gente ficava bebendo água de côco, curtindo o pôr do sol, tomando banho e fumando, mas bebia cá fora. A primeira empreendedora foi uma baiana de acarajé, Luiza. Não era uma barraca, ela vendia acarajé. A primeira barraca quem botou foi Aloísio. Era a *Yellow Sky*, porque ele colocou uma lona de caminhão amarela. Depois veio a segunda barraca, a de Dona

Linda, e a de Carlos, que foi a terceira. Os dois já morreram. Depois veio Charles, que a gente chamava de Carlinho, que morreu também. Era Carlos Voo Livre, a barraca.

Antes de ir para a Praia dos Artistas e abrir a barraca Voo Livre, o barraqueiro Carlos era proprietário de um bar no famoso Beco dos Artistas, no bairro do Garcia, *point* de encontro dos alternativos, ligados às artes, onde se euniam e seguiam para a Praia da Boca do Rio.

- Antigamente era só dunas. Você não via a praia, não via quem tava lá embaixo, nas barracas. As barracas eram de palha de coqueiro. Os pescadores pescavam, tinha canoas… Continua tendo pesca aqui, porque aqui sempre teve essa coisa característica de pescador. Cunha e Babalu conheciam Carlos do Beco dos Artistas. Então, começaram a ir para Carlos, e nós fomos levando todo mundo pra lá. Saímos da barraca de Aloísio, porque Babalu gostava de ficar em um lugar com poucas pessoas. Como a *Yellow Sky* estava sempre muito cheia, ele foi para a Voo Livre e a gente foi junto. A gente fez a barraca de Carlos crescer bastante.
- *Lá as pessoas ficavam nuas?* - pergunto, notando que o assunto polêmico ainda não fora citado.
- Gente andando nu eu nunca vi. Quem andava com pano amarrado era Agrippino e Maria Esther[15], a mulher dele. Ela era dançarina e ele, músico. Tem uma história que eu vivi quando lançou a Tribuna da Bahia - conta. - Para chamar atenção, o jornal colocou duas meninas de *topless* ali nas dunas. Aí, minha amiga, quando eu cheguei na Praia, eu não acreditei. Tinha um monte de ônibus parado, para ver as meninas de *topless.* A praia cheia de gente e essas meninas lá, distribuindo a Tribuna da Bahia. Nesse dia, as meninas foram se esconder na água. Elas estavam sem poder sair, porque os meninos estavam jogando areia, jogando água… Aí Gilberto Gil veio andando, foi lá e puxou as meninas. Aí o jornal, quando é sábado, botou "*Topless* na Praia dos Artistas", porque eles viram os artistas lá. Aí pronto, virou a Praia dos Artistas. Quando eles chegaram, os artistas que estavam vivendo escondido lá, saíram, mas já tinha virado a Praia dos Artistas. Aí começou a vir um bocado de gente que não tinha nada a ver com a nossa visão da praia da Boca do Rio. Isso já foi na década de 80, quando a Boca do Rio virou notória.
- *Muita coisa mudou dos anos 70 para os anos 80?*
- O início foi totalmente desconhecido. A gente vivia nesse paraíso recolhido. Sempre teve maconha, o que era proibidíssimo, então a gente não queria muita gente. A gente era contracultura. Depois ela ficou super comercial na questão gay. Um publicitário, que

15 Trata-se de José Agrippino (1937 - 2007), escritor, cineasta e dramaturgo brasileiro, que se destacou pela obra PanAmérica, fundamental para o desenvolvimento do movimento da Tropicália. Agrippino foi casado com Maria Esther Stockler (1939 - 2006), bailarina, coreógrafa, preparadora corporal, e personagem chave do movimento de vanguarda no Brasil dos anos 60.

eu conhecia, comprou uma barraca, que virou a Aruba, o paraíso gay, onde você podia beijar homem e mulher. A Aruba concorria com a barraca de Carlos.

A barraca Aruba tinha como ponto de referência três bandeiras gigantes com as cores do arco-íris, além de algumas estátuas da cultura africana que também ornamentavam a entrada. Além de representar um território democrático e de resistência, ela representou um movimento de visibilidade e liberdade. Para além de reunir a comunidade lgbtqiapn+ e simpatizantes, a fama da barraca Aruba atraía integrantes de várias tribos, como estudantes e intelectuais.

- A gente fazia réveillon, fazia concurso na praia, shows, brincadeiras, os meninos botavam a sungas esticadas no rabicó… Eu cheguei a frequentar a Aruba no início, porque eu conhecia o dono, era meu amigo. Ela ficou mais gay feminina. Era uma barraca muito bonita, bem organizada, e decorada. Tinha bastante garçons. O cardápio era mais variado, todo impresso, porque ele, como publicitário, sabia como fazer. Ele fazia outdoor, vinha gente de vários bairros, que não eram os hippies daqui. Mas, ao lado, já tinha a de Carlos que já fazia isso há anos, sem ter nada escrito - revela a atriz, enquanto coloca a sacola de jujubas de volta sobre a mesa. - Quer?
- *Não, obrigada.*

Minha entrevistada conta que, o lugar libertário, além de reduto cultural, foi também palco de muitos movimentos sociais. Moradores do bairro lutaram contra a construção do Aeroclube[16] nos anos 90 e, em 2009, a polêmica sobre a implantação de um emissário submarino na Praia dos Artistas, levantou a preocupação de moradores, ativistas raciais e ambientalistas que também se mobilizam contra o Projeto.

- Eu soube que a Prefeitura ia vender aquele espaço para fazer o Aeroclube. Primeiro, eles tiraram os pobres daquela avenida do Rio das Tripas, entre a Pituba e o lado de cá, no Jardim de Alah. Ali na beira do rio tinha uma favela. Com essa questão de canalizar os esgotos, as pessoas dali viriam para a área que era o Aeroclube. Aí nós juntamos PT, PCdoB, e fomos para a rua. Ficamos panfletando "não vender o aeroclube", "não vender", "não vender"... Vendeu!

Moradores do bairro e ativistas tinham o plano de montar um centro artístico no local, com uma arena para shows, e uma área de preservação, para proteção da flora da região.

- Aqui nos areais da nossa praia nasce um monte de flores e vegetais que são típicas de sertão. Então, a gente ia fazer a preservação dessa vegetação e dessas plantas originárias, mas botaram o Aeroclube lá. Aí, menina, foi bomba, trator e as porra tudo em cima da gente. Do mesmo jeito foi o Emissário Submarino. A boca do emissário é aqui. Eu

16 O **Aeroclube** Plaza Show foi um centro comercial em Salvador, localizado na Avenida Otávio Mangabeira, entre bairros da Boca do Rio e Jardim Armação, inaugurado em 1999 com um conceito de shopping a céu aberto. Possuía restaurantes, cafés, lojas, farmácias e serviços diversos.

participei, a gente protestava com faixas, tinha mobilização, mas depois começou a ficar um pouco devagar. Eu tive uma rachadura aqui em alguns lugares. Dizem que foi do booooom! booooom! E a Embasa nunca pagou. A barraca de Carlos, na época, ficou torta.

Algo naquela lembrança a faz soltar um riso involuntário.

- Eu acho que a nossa geração plantou essa coisa da amizade, da paz e amor. Não é sobre droga. É sobre conhecer os diferentes e amá-los independente de como sejam. Não foi o bairro inteiro que compreendeu a Praia, mas para um grupo, foi muito importante culturalmente. Ela era um ponto de vivência. Foi um ponto de lazer e convivência com pessoas de diferentes bairros de Salvador. A Boca do Rio ainda tem sua poesia na praia, né? É uma coisa que eu não gosto de falar, porque me dá uma tristeza…
- *Esse é o sentimento hoje?*
- Infelizmente, amiga. Eu levei 10 anos sem ir ali. Outro dia eu fui andar com Kira e decidi entrar lá. Eu me tremi toda quando cheguei naquele lugar. Eu vi toda a vida pulsante que teve ali, as risadas, os amores, as confraternizações… Isso virou um passado que está na memória das pessoas. Ninguém é dono dali, é a natureza. Mas o Governo determinou que as barracas teriam que sair, sem mais nem menos. Foi um caos. Primeiro, eles botaram o emissário submarino, que tem aí e não resolveu. O esgoto tá lá ainda, junto dos pescadores, da população… Eu não deixei de ir lá, eu tô indo na outra praia, que é extensão da Praia dos Artistas.
- *Qual a sua maior indignação hoje?* - encaminho o fim da nossa conversa.
- Várias. Eu já vi enchente aqui que entrou água na minha casa pela rede de esgoto. Esse rio era saudável, hoje tem muito lixo. Eu passo ali naquela ponte e sinto o mau cheiro. Eu fico muito triste, porque foi uma época muito importante na vida da gente. Como é que o capitalismo modifica as paisagens? Eles poderiam ter feito um sistema sanitário para as comunidades, mas isso não foi feito.

Ela pega mais uma vez o saco de jujubas e nada mais é dito sobre o assunto.

Sue Ribeiro, 2023 *(Victória Santana)*

CAMBUÍS

Alguns meses antes estou com amigos no Catuni, povoado no interior baiano. É abril de 2023. Semana santa. Lá, costumávamos consagrar reencontros entre amigos da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, marcados pela contemplação das serras do sertão, sob um céu infinito. Naquele dia, comemos caruru, vatapá, farofa de dendê e outros pratos que fazem a tradição baiana no feriado religioso. O grande amigo, fotógrafo e cronista bonfinense, Mauro Coelho, registrava nas lentes 50mm os nossos melhores momentos.

Conversávamos sobre suas experiências fotográficas quando contei sobre o meu trabalho. O artista me escutou e se dispôs a fortalecer a minha produção, me enviando, naquele instante, vários contatos que poderiam ser úteis para a minha pesquisa. Entre eles, estava o contato de Raymundo Sodré. Noto que aquele não é o mesmo número que eu tinha. Penso que essa pode ser a minha segunda chance de conseguir a entrevista.

Dois meses depois, em Salvador, inicio a minha tentativa. Começo enviando uma mensagem no *Whatsapp* do artista. Recebo uma notificação oito minutos depois: "É só marcar. Abraços", diz. No dia seguinte, acordo cedo e me preparo para o encontro. O tempo está quente e nublado, mas não chove. Estou usando *dreadlocks* de um metro e meio. Faço uma trança comprida, coloco um vestido preto e vou até a Avenida Dorival Caymmi, para imprimir alguns documentos necessários para a minha entrevista. Estou passando uma temporada na casa dos meus tios-avós, em Farol de Itapuã.

Ao chegar na Avenida, um letreiro de led anuncia "Xerox" numa loja de assistência técnica especializada em telefones celulares. Entro e sou atendida por uma jovem simpática.

- Tá calor aí fora, né? - Fixa os olhos em minha testa umedecida, que revela o suor e oleosidade da minha pele preta. - Até que tá sendo bom esse tempinho de chuva, eu

só fico preocupada com o povo que tá na favela. Salvador tá em estado de alerta. Tá alagando tudo, vei. A situação fica barril demais.

Fico surpresa com aquele comentário. Parecia saber o que eu estava fazendo ali. Ela estava certa. Moradores e moradoras das periferias de Salvador inteira estavam sofrendo com os alagamentos, anunciados diariamente nos noticiários da TV. De acordo com dados da Defesa Civil de Salvador (Codesal), o acumulado de chuvas registradas na capital naquelas últimas 24 horas havia chegado a 51mm. Da impressora sobre a mesa de madeirite, a atendente puxa as folhas já impressas e me entrega.

***

Quando chego à casa do meu entrevistado, o tempo ainda está muito abafado. O dia está cinza e nublado. Na base da ladeira que dá acesso ao Alto São Francisco, na Boca do Rio, está a Paróquia São Francisco de Assis, onde fui batizada aos cinco anos. Começa a garoar quando subo a ladeira. Paro na frente de uma bonita casa laranja de dois andares, com uma vista panorâmica da Orla Atlântica do meu bairro.

O muro que envolve a casa é coberto de pedras de tamanhos diversos. Há uma garagem com um portão de ferro e uma porta pequena do meu lado direito. O 1.º andar tem paredes laranjas, pilastras de madeira, uma porta e duas janelas com grades de ferro da mesma cor das paredes. A fachada do 2.º andar é revestida de tijolinhos aparentes, no estilo industrial, com duas largas janelas de vidro e madeira. Como não localizo nenhuma campainha, bato palmas na frente da casa e, na sequência, envio uma mensagem para o artista que me aguarda: *Cheguei*, envio.

São 14 horas e 18 minutos de um domingo de junho. Um homem negro com uma cabeleira assanhada põe a cabeça para fora de uma das janelas no 2º andar e presenteia com um belo sorriso. Raymundo Sodré desaparece e surge no 1.º andar. Posso vê-lo descer as escadas, para abrir o portão do térreo. Então, me direciono até lá. Ele está com uma camisa branca e uma bermuda jeans num tom pastel. Para a minha surpresa, não sou recepcionada apenas por ele. Uma bola de pelos laranja o acompanha.

- Psi, Mel! Não deixe não, se não ele vai puxar. - diz, afastando o gatinho dos meus *locs*.
  - Esse é o Mel.
- *Oi, Mel* - cumprimento o bichano acariciando-o.

Abraço meu entrevistado e subo as escadas, logo atrás dele. No 1.º andar, entro em uma sala de estar espaçosa. Ela é decorada com quadros de mulheres africanas e alguns objetos de

madeira. O cômodo possui quase todas as paredes pintadas de branco, com exceção de uma, na cor laranja. Ela acomoda uma tela com elementos cubistas, sem assinatura, e um violão. No chão, descansa outro violão e uma espécie de escultura feita de bambu, com um chapéu de couro no topo. Um metro e meio à frente, está uma poltrona cor de rosa desbotada, uma escultura pequena feita de madeira e um *puff* preto. À direita, um banco largo de madeira e acabamento em verniz, se instala sob um quadro indiano.

Meu entrevistado me convida para um café. Aceito e o acompanho até a cozinha, um cômodo menor, em relação a sala de estar. Há um fogão, uma geladeira e um armário pequenos. Há também uma mesa de madeira, onde me sento sobre um banco.

Ofereço ao anfitrião uma ambrosia, feita pela minha bisavó.

- Menina, que emoção você me fez agora. Como é o nome da sua bisa?
- *Egla* - respondo, contente em ter acertado na lembrança.
- Que nome lindo! Minha tia fazia lá em Ipirá e colocava numas latas. Quando chegava aqui não tinha mais nada. Qual o seu signo?
- *Peixes, e o seu?*
- Peixes, que massa! Eu sou leão. Eu tenho muitos amigos e amigas de peixes. O pisciano é sonhador, assim como eu, né? O leonino também é muito sonhador.
- *Somos sonhadores e...* - sorrio.
- E…? - pergunta o artista gargalhando, como quem já espera uma resposta.
- *Sofremos demais por amor.*
- Tem razão. - ele concorda, ainda com um imenso sorriso no rosto. - Mas isso todo mundo sofre, menina. A gente tem coração.

E assim começa a nossa entrevista, numa conversa sobre astrologia, orixás e política. Sodré, que está sentado ao meu lado, levanta para passar o nosso café da tarde, sempre inclinado, de modo a ter uma boa visão da sua visitante. Pego minha agenda e começo a falar sobre a minha pesquisa.

- *Estive conversando com Aloísio sobre a ascensão da Praia dos Artistas nos anos 70...* - dou a deixa.
- Setenta, foi. Com Aloísio, ali na barraca. Os artistas faziam *topless*. Foi o lugar pioneiro a fazer o *topless* aqui. Você sabia?
- *Sim, isso mesmo. Você conhecia as mulheres que faziam topless?* - tento explorar aquela informação.
- Só as artistas mesmo, né? Tinha tanta gente, menina - ele segura o coador de pano em uma das mãos, e transfere o líquido quente da panela para o utensílio. Volta a falar devagar, mas está completamente concentrado em sua tarefa. - Naquela época ainda tinha tolerância… A princípio foi tudo bem, aí depois começaram vir pessoas

que não toleravam isso. Uns machistas babacas. Uma coisa tão linda, o seio, né? Que eles mamaram quando criança. Uma mente idiota, rapaz. Começaram a jogar areia nas pessoas, menina - comenta, confirmando a informação de Sueli. - Dedé, a mulher de Caetano… Tinha tanta gente! Sandra, de Gil… Tinha um bocado de gente boa, bonita. Como é o nome dela? É… *Tsc**. Regina Casé! Tava menina, tava mocinha. Mas tá mudada essa Bahia, viu? - comenta com insatisfação, enquanto põe as xícaras e o açúcar mascavo sobre a mesa, sentando-se em seguida.

Meu entrevistado é pai de três filhas e dois filhos. Inúbia, Inaê, Saphira, Irandi e Peri. Nascido em Ipirá, é um dos músicos mais importantes da Bahia. Ficou conhecido nacionalmente após conquistar o terceiro lugar no Festival da Nova MPB dos anos 80, ao interpretar a música "A Massa", composta em parceria com Jorge Portugal.

- Eu nasci artista. Eu já nasci cantando - ele ergue sua xícara e leva até a boca. Faz uma pausa e conta empolgado. - Aos cinco anos de idade eu dançava candomblé. No dia 22 de julho mamãe dançou Candomblé pra caboclo. E quando foi no dia 23, às cinco da manhã, me pariu. Quer dizer, eu nasci ao som do catabum, catabum, catabum. E ainda me banharam lá na bacia de Oxum. Eu sou filho de Oxóssi com Iansã. Mas você é filha de Oxum. Tenho certeza. Eu senti de longe. Eu tenho uma música de Oxum. Oração pra Yá Oxum. Vou mandar pra você ouvir - diz e toma mais um gole de café.

Sua testa e o pescoço estão suando. Naquele cômodo apertado, em poucos minutos, o caloroso café intensifica o mormaço do ambiente.

Na Juventude, Sodré morou no bairro São Caetano, em Salvador. Quando serviu o Exército nos anos 70, conheceu a Praia dos Artistas.

- Não fui muito assíduo não, mas eu ia sempre. Às vezes eu fugia do trabalho e ia pra lá pra ficar curtindo, tomando uma cerveja. Eu ia com amigos, pra ver as pessoas. Tinha tanto artistas ali, né, menina? Caetano, Gal, Bethânia, Gil… A turma toda. Zizi Possi, Zelito Miranda, quer ver mais? Tantos outros aqui… Luiz Melodia! - o artista limpa o suor que escorre pelo seu rosto, com a gola da camisa, interrompendo seu relato. O calor nos obriga a retornar para a sala de estar, local mais amplo e arejado.

Sodré senta-se na poltrona cor de rosa desbotada e eu, sobre o *puff* preto. Imediatamente, Mel junta-se a nós, dividindo lugar com seu tutor. À nossa frente, contemplamos o cenário da Orla Marítima do bairro, agora repleto de prédios e construções.

- Isso aqui era mato puro, uma coisa linda! Cajueiro, Cambuí… A orla toda era cheia de Cambuí, umas frutinhas deliciosas, que, inclusive, botavam na cachaça. Caramba, a gente tomava muito! Acabaram com o cambuí, menina. Não sei se foram os cachaceiros ou as construções desenfreadas - ri. - Quando eu cheguei aqui, por exemplo, não tinha aqueles prédios. - explica, apontando para o horizonte. - Cheguei em 2006 nessa casa.

Daqui eu via o Jardim de Alah.

- *Quais são as suas principais recordações da Praia?*
- Ah, essa curtição! As pessoas fumavam e ficavam bem à vontade. Depois que vieram pessoas que não tinham nada a ver, e foi afastando as pessoas.
- *Você frequentava a barraca de Aloísio?*
- Sim! Meu amigo, filha. Ele tem uma irmã que mora aqui perto, Perpétua. Eu lembro dele com aquele chapelão. Era massa. Eu bati violão lá na Praia dos Artistas. Na barraca de Aloísio.
- *E você guarda alguma memória marcante daquele lugar?*
- Infelizmente não posso lhe dizer não, mas o couro comia na barraca dele - hesita, fazendo um suspense dramático. Ele olha no fundo dos meus olhos, balança a cabeça para cima e para baixo, mas não consigo arrancar mais nada sobre o assunto. - Aquela barraca tava sempre cheia. A gente vinha de lá do quartel, correndo, pra tomar banho aqui. As mulheres, quando vinham com aquelas duas peças, era o maior sucesso. Leila Diniz usava duas peças grávida. Eu sempre usei sunga também, não muito pequena. O dia-a-dia lá era muito diverso. Você não via a separação das pessoas, das classes média e baixa. E acho até que eles curtiam muito isso. O pessoal que vinha do Rio, São Paulo… Vinham curtir os nativos daqui.

Faço algumas anotações na minha agenda. Quero saber mais sobre as relações políticas na Praia. Pergunto. Ele afasta as costas do respaldo da poltrona e responde, em tom mais sério, que os artistas que estavam ali, questionavam as coisas e o mundo o tempo inteiro.

- Em 1969, Gilberto Gil e Caetano foram expulsos, né? E aí, menina, ficou todo mundo assim, naquela de horror. Eu mesmo tive problema com a política, em 81, com o Governador daqui, que era o ACM. O prefeito era Mário Kertész. Sempre teve esse problema de empresas de ônibus aqui. Os empresários ajudaram o Mário Kertész a ganhar a eleição, financiando. Então, o Mário Kertész se viu na obrigação de aumentar a tarifa de forma exorbitante. Em 15 dias do mês já tinha acabado o salário de um operário. Aí, pronto, começaram a quebrar os ônibus por aí. Eu morava no Rio nessa época. - tosse e passa as mãos pela cabeleira cacheada. - Eu vim convidado por eles, porque eu era a grande estrela do momento. Me convidaram pra ver se apaziguava a coisa, piorou! Eu vim pra inaugurar o Aquidabã, dia seis de setembro. Quando eu cheguei aqui, já estavam há três meses quebrando ônibus - ri sarcasticamente. - Meu show sempre foi político, então quando eu saí de cena, começaram a jogar casca de laranja e a zorra toda nele. Com isso ele queria me matar. E, de uma certa forma, ele me matou. A partir de 81 eu fui proibido de cantar em rádio, televisão… Foi bem radical mesmo. Na época, eu cantei "A Massa" num festival. Tava em plena ditadura. E a minha música foi muito

ousada mesmo! Eu cantei com vontade! - o sorriso do poeta me fazia sorrir de volta. - Isso abalou o Brasil, e teve muita gente que não gostou. Mas nós, artistas, somos assim. E levávamos nosso jeito para qualquer lugar que estivéssemos, inclusive para a Praia - explica. - Eles queriam me usar, o pessoal da direita, mas comigo não! Se eu sou de esquerda desde que eu nasci. Eu nasci na merda, menina. Eu vou entrar nessa coisa de direita? Nãaao! - gesticula com as mãos. - Nasci de esquerda, passei fome pra estudar.

- *Então, a ditadura foi muito marcante?*
- Foi uma época criativa, né? A Praia ficou conhecida como Reduto da Tropicália. E é interessante que tinha censura. A gente, pra cantar, tinha que ir ao Teatro. A gente fazia o show toooodo. Quer dizer, a cada dia a gente fazia dois shows, pra eles liberarem. Aí passou pra um outro… Ih, caramba! O cara não queria mais liberar. Eu que ia responder, né, porque Jorge Portugal era militante do PT e eu não, mas eu era militante da minha classe, povo! Até hoje eu sou defensor do povo. Sou sofredor como eles, tô do lado deles até morrer! - brada, enquanto bate no peito que acumula uma mancha de suor sob a camisa branca.
- *A Boca do Rio foi inspiração para algum dos seus trabalhos?*
- Naquela época não. Naquela época eu não compunha. Eu vim compor tarde… Mas aqui, no riozinho, eu já fiz várias músicas.
- *E você chegou a ir até lá depois que ele ficou poluído?*
- Muitas vezes! Quer dizer, passei por ele. Quando eu passo ali, sobe aquele cheiro… - comenta, franzindo as narinas. - Anteontem mesmo eu passei com Inaê, eu digo: "Ó praí, Inaê! Isso aqui eu via clarinho. Era tão lindinho aquilo ali". É uma situação triste mesmo, menina.

Pergunto o que o poeta pensa sobre aquela poluição. Ele responde num tom baixo, rouco e sério:

- A nossa educação aqui é muito precária. Nós, da classe pobre, lutamos pra conseguir o pão de cada dia, aí as outras coisas ficam de lado. Estar aqui, cada vez mais é uma tristeza, sabe, Vic? A maioria das praias aqui são impróprias, mas ninguém olha isso. Muita coisa mudou. Antes tinha o sonho das pessoas, as pessoas eram mais relaxadas. Digo, não tinha aquela coisa do medo. Você ia pra Praia, não tinha receio de falar com ninguém, todo mundo era todo mundo, sem nenhuma distinção…

Deixo ele à vontade para falar e rememorar os momentos. Ao final, pergunto se ele conhece o conceito de "racismo ambiental".

- Assim, como esse termo, não.

Antes de explicar, faço algumas perguntas. Deixo que ele tire suas próprias conclusões.

- *Em 2009 o senhor estava morando aqui?*

- Sim.
- *Ficou sabendo de uma mobilização contra a construção de um Emissário Submarino aqui no bairro?*
- Sim, eu me lembro. Só foi dinheiro gasto. *Tsc**, aqui na Bahia sempre é assim! Na Bahia toda! Aqui o serviço de esgoto… Ô, meu Deus do céu… Tem tanto lugar aí, que eu não sei como o povo vive. Aí pelo lado da suburbana, aqui nas favelas… Tem tantos lugares, que é deplorável. É triste ver isso, e pior é que é o povo que sustenta o país.
- *É verdade, Sodré. Você consegue enxergar uma solução pra isso?*
- Menina, é complicado… Nunca se pensou no negro. Ele nunca foi e nunca teve moral na vida dessa gente. Somos os mais desprezados, somos lixo e vivemos no lixo - ele pausa. Olho para ele e levanto as sobrancelhas. Não digo nada. Deixo-o absorver por si só o conceito, até então, "desconhecido".
- Caramba! É tão óbvio, que a gente nem liga uma coisa a outra. É verdade, é verdade. Existe um racismo ambiental.

Tento desenrolar um pouco mais, mas percebo que aquele calor latente deixa minha fonte cada vez mais desconfortável. Finalizo.

- *O que o senhor acha da preservação dessas histórias?*
- Os nossos filhos e netos que virão, vão ter pelo menos uma ideia do que foi aqui, né? Que bom que a nossa história está sendo contada. É a história da Boca do Rio. É a nossa história.

Raymundo Sodré, 2023 *(Victória Santana)*

PÉROLA NEGRA

Tomo uma moto-Uber às quatro e cinco da tarde e vou ao encontro de Jane. Levo cerca de 50 minutos para chegar no bairro da Graça, onde está localizada a residência da viúva de Luiz Melodia. Não consigo localizar o prédio, então peço informações a um porteiro que conversa com uma senhora a poucos metros. Ao me aproximar, escuto:

- Ela está comigo, é Victória.

O homem abre o portão e vou ao encontro da minha orientadora, Céres, que me aguarda na parte de dentro do condomínio, num banco de madeira, com um vestido branco na altura dos joelhos e sapatos coloridos. Seus cabelos grisalhos, sempre muito compridos, agora estão soltos na altura dos ombros. As contas de Oxum, côr de âmbar, ornamentam seu pescoço.

O porteiro nos anuncia e Jane autoriza a nossa entrada. No elevador, Céres aciona o 4º andar, que nos transporta a um corredor pequeno. Uma senhora muito bonita, com sotaque carioca, abre a porta verde e branca à nossa frente e nos recepciona.

A sala de estar é grande, minimalista e bem iluminada. Jane também carrega em seus cabelos, arquivos do passado. Eles são lisos e estão presos no topo da sua cabeça com um delicado prendedor de cabelo verde-água. Ela nos convida a entrar e fecha a porta atrás de nós. Seus passos são cuidadosos. Ela caminha devagar, devido a uma contusão recente no joelho.

Sob uma grande janela horizontal à nossa frente, sento-me em um banco rústico de madeira de três lugares, revestido com uma capa de couro branca. Mais à frente, estão duas cadeiras de jardim idênticas, uma de cada lado. Céres se senta em uma delas e minha entrevistada posiciona-se ao meu lado.

Jane Reis nasceu em Jequié, município no sudoeste da Bahia. Mudou-se para Salvador aos 12 anos com a família, sendo criada no bairro de Nazaré e tendo construído as mais caras

memórias afetivas na Boca do Rio, onde teve casa por 13 anos. Foi lá que conheceu Luiz Melodia, por quem se apaixonou em 1977. Aos 24 anos, vai embora da Bahia, mudando-se com o artista para o Rio de Janeiro.

- A gente se conheceu numa festa na minha casa, lá na Boca do Rio. Ele ficou meio lá, meio cá. Meses depois ele foi pro Rio. Ele não queria ir embora, eu que expulsei ele. Não pode, né? Eu tive que prometer que ia, e eu fui. Ele foi em julho, e eu fui em setembro - sua voz era bonita e calma. - A gente sempre teve casa aqui. Sempre passei três meses do ano aqui. Luiz enlouquecia se não viesse. Ele era apaixonado pela Bahia, Salvador… Apaixonado! Apaixonaaado pela Bahia!
- *Vocês ainda têm a casa na Boca do Rio?*
- Não. A gente vendeu a casa na Boca do Rio quando Mahal tinha 15 anos, então tem quase 30 anos. Uma coisa que eu lembro da Boca do Rio, é que era um bairro de pescador, né? Eram as pessoas varrendo a rua, as pessoas limpando… Era muito simbólico - recorda com saudosismo.
- *Quando vocês começam a frequentar a Praia?*
- Há 47 anos eu já frequentava. Foi na década de 75, 76, por aí. A Praia era limpa, e de repente todos os amigos começaram a ir. Os barraqueiros eram muito simpáticos e ofereciam recursos que não tinham, né? Tipo barraca armada pra a gente botar os meninos pra dormir.
- *O que mais vocês gostavam?*
- A gente podia comer alguma coisa, beber e ficava todo mundo muito à vontade. A gente ficava na barraca de Aloísio. Comia peixe frito, caranguejo… Mahal cresceu indo comer o caranguejo lá. Todo mundo foi morar na Boca do Rio por minha causa. Minha família foi toda pra Boca do Rio. Eu era moradora da Boca do Rio. Ali era praia de morador, aí os artistas começaram a chegar.

A viúva conta que frequentava a praia diariamente. Acordava, fazia o almoço, dançava para se exercitar e ia para a Praia dos Artistas. A rotina se repetia um dia após o outro.

- Eu lembro que a barraca de Aloísio tinha muita alegria, muita cordialidade. Lembro do Aloísio com o chapéu enoooorme! A calça de capoeira, aquele sorriso dele, e cuidando da gente, praticamente, né? A gente tomava tanto banho de mar. Tudo era limpo, tudo era limpo. Eu não me lembro de praia suja. Atrás do Bahia[17], a gente passava por aquele riozinho, pra poder ir pra Praia. Era cheio de coqueiro, era lindo. Eu lembro que eu dormia! Uma delícia era isso também. A gente dormia na sombra do coqueiro. A gente dormia hooooras. Era perfeito. Era perfeito, porque a Boca do Rio era um coqueiral.

17 Referência à antiga sede do Esporte Clube Bahia, localizada na orla do bairro da Boca do Rio, desapropriada pela Prefeitura de Salvador em 2009.

Ela fica mais à vontade e vai revelando, aos poucos, os encantos da Boca do Rio dos anos 70. Conta que, embora existissem biquínis, os trajes de banho eram, em sua maioria, improvisações com lenços diversos. Na praia, se banhavam com óleo de côco caseiro, da pele aos cabelos. O óleo era produzido por outra moradora do bairro. Para se bronzear, adicionava urucum e ficava com a pele e cabelos num tom dourado avermelhado.

- *A senhora fazia topless?*
- Cê sabe que eu não me lembro? Provavelmente. Todo mundo fazia, porque não tinham pessoas na praia. Era nossa, praticamente. Eu já tomei banho nua lá, de noite. Começou a juntar gente depois do *topless*. Virou atração. Mas antes não tinha muitas pessoas, principalmente em dia de semana. Era mais a gente. Mahal cresceu lá na Praia dos Artistas.

As relações do ambiente eram bastante cordiais. Numa interação saudável e natural, entre artistas e a comunidade.

- Eu não lembro de nada errado não, sabia? Os meninos ficavam até tarde jogando bola na Praia. Apesar da ditadura, eu não me lembro de batida policial na Praia, nada disso. Uma época inocente até. Feliz. Solta. - ela olha para Céres, buscando uma confirmação para suas afirmações e prossegue.
- Grande parte da minha geração, lidou com a repressão, até porque a gente era muito jovem. 15 anos, o que cê ia fazer? Entrar na luta armada? Quem queria aqueles meninos? A gente nem sabia direito! Eu tinha 13 anos quando essa zorra começou. A gente virou o quê? Novos baianos! - diz, rindo. - A gente era um "besta é tu"! Nossa, a gente saiu quebrando todos esses dogmas aí. Aliás, custou caro, né? Mas foi importante. Mesmo assim, as pessoas conseguiram viver muito bem. Nós construímos muita coisa, nós mudamos muita coisa - concluiu. Ela olha pela janela e repara no dia lá fora que começa a escurecer.
- *Quem foram as outras pessoas que viveram os bons momentos dessa época?*
- Godi participou, é uma figura marcante. Tinha o Leguelé, o Cardan Dantas, Cunha. J. Cunha sabe de coisa! Ah, muita gente. E que saíram da Boca do Rio! A gente inventou um jeito de viver que não tinha.
- *Que jeito de viver era esse?*
- Olha, a gente não se encaixa no estabelecido, e isso era uma coisa natural. A gente não compreendia. Até hoje a gente toma susto com as coisas. Acho que tem muito essa coisa de ser artista e ficar fora da casinha, né? Eu sempre comparo aquela frase do Vinícius, mas sem o álcool. Ele dizia que a humanidade tá a duas doses abaixo. Os artistas estão duas doses acima. Sem bebida nenhuma. Sem nada!

Ela se refere a Vinícius de Moraes. O poeta dizia que nós vivemos duas doses de uísque abaixo do normal, isto é, para que fosse possível compreender suas nuances, o ser humano precisava de duas doses da bebida, para que tudo ficasse às claras. A frase, na verdade, é de autoria do ator norte-americano Humphrey Bogart.

- *Lembra qual foi a última vez que a senhora visitou a Praia?*
- Não. Eu não tenho vontade não - a melancolia se expressa em sua voz tênue. - Me dá tristeza ver como a Praia está suja. Só de ver aquele rio nojeeeeento, preto. Preto! As coisas aqui me perturbam, claro, mais do que o normal, porque é a minha cidade. Eu fico mais injuriada do que eu fico nos outros lugares. Eu não vou não.
- *Mas já chegou a ir lá depois dessa poluição?*
- Já, já. Acabou. Não tem nem coqueiro mais. Depois de um tempo, a gente migrou pra uma Praia em Patamares. E eu lembro, inclusive, que passou a ter muito turista estrangeiro lá, aí a gente parou de frequentar. A gente foi só descendo. Depois a gente veio pro Porto da Barra. Quer dizer, o Porto da Barra desde sempre, né? Mas a gente fez o percursos Boca do Rio x Porto da Barra x Jaguaribe… Ia enchendo, a gente ia saindo. A gente ia descendo, até parar em Itacimirim - explica cautelosamente. - Cê sabe onde eu tenho ido? Em frente ao Hospital Espanhol, porque desativou. Não tem mais lixo, não tem mais esgoto, não tem nada. Eu tenho ido ali. Mas era linda a Praia dos Artistas. Linda, linda, linda, linda, aquela praia, a Boca do Rio. Linda! Linda!
- *A senhora tem alguma memória marcante de lá?*
- Tenho da própria Boca do Rio, que era um encanto, né? A Praia era a sequência do bairro, de tudo que era. Era tudo um encanto. Era tudo lindo! Foi muito prazeroso e importante meu filho crescer ali, foi um presente. Com aquela vizinhança, a comunidade que era de lá, não tinha ninguém de fora. A que gente era de fora.

  Nos anos 1970, Luiz Melodia criou a lavagem da ladeira da rua de sua companheira. Crianças e vizinhos se reuniam e se divertiam, lavando a ladeira de suas casas na Boca do Rio. Jane relembra o momento, quase chorando de tanto rir.
- Eram quatro casas, era muito engraçado! - conta, gargalhando por minutos. - Era muito engraçado! Então, não tem preço isso.

Falo sobre racismo ambiental, mas minha entrevistada também desconhece o termo. Explico, rapidamente, com o dia lá fora caindo, dando espaço ao anoitecer.

- Eu entendi o que quer dizer. Como é uma comunidade mais pobre, eles se aproveitam. Minha filha, lógico! Comunidade pobre sofre racismo de tudo. É o quê? Falta de política pública. Não tem política pública pra pobre. O rico não. O rico tem a própria política. Era tão lindo aquele lugar, né? - lamenta, olhando para mim. - Aquela rua que passa o rio, aquilo ali era pra ter sido canalizado, gente. É um horror. Minha mãe morava naquela rua.

  Antes que eu perguntasse, ele toca no assunto que eu ainda queria chegar.

- Botaram ali o Emissário, porque é lugar de pobre. Eles fazem isso com tudo! E isso é o quê? Falta de política pública. A Boca do Rio é uma praia de pescadores, então é o ambiente dessas pessoas. A praia é deles. A gente pede licença e entra. Essas são as primeiras pessoas a serem afetadas. Por isso que Bolsonaro ganhou e teve essa força toda, porque a gente tem a ilusão de pensar que isso não existe, e isso existe, existe muito!
- *Então a senhora acha que há racismo ambiental na Praia dos Artistas?*
- Eu penso isso que eu lhe falei, que isso acontece em qualquer lugar de pobre, que tenha pobre, que more pobre. Não é só no ambiente da praia. É nas escolas, nos transporte, no meio ambiente, é saúde, tudo. Vão fazer, vão esculhambar mesmo.

Ela faz uma pausa. Lembra de casos semelhantes, que agora identifica como racismo ambiental no Rio de Janeiro. Relata e expressa sua opinião.

- Eles não vão ser ouvidos. Eles não vão ser ouvidos. Vão? Não vão. Tanto que a praia deu no que deu. Ali era lugar de pescador. Eles vão fazer o quê? Uma favela vai reclamar de quê? Fede! Lá já fede. Cê passa, fede! Cê sente o fedor. Ali era lugar de pesca. Lugar de sustento de muitas famílias, que teve que fazer o quê? Virar o quê? Bicaste. E aí o que é que tem lá? Favela. Os pescadores não saíram. E essas pessoas, dessas favelas, continuam frequentando o que dá pra frequentar.
- *Você acha que ainda dá para fazer alguma coisa, para mudar esse contexto?*
- Vou falar uma coisa a você, eu não sei não. O que eu penso não é bom, então nem gosto de falar, porque, porra, acabaram de tirar a força de Marina Silva e Sônia Guajajara[18]. O que é que a gente pode esperar? O que é que a gente pode esperar depois disso aí? Sônia Guajajara e Marina chutadas. O que é que a gente pode esperar? Guerra? O que tinha de estrutura pra elas trabalharem agora, não tem mais nada. Nada. A gente espera o quê? Uma guerra ou tudo se acabar. Eu não sei, eu não sei o que dizer. Eu não tenho resposta pra isso.

  Ela olha para a grande janela que está atrás de nós e se distrai. “Olha que linda que tá a estrela!”. Olho pela janela, concordo. É uma belíssima lua minguante. Volto ao assunto para não perdermos o foco. Meu tempo para aquela entrevista já está se esgotando. Retomo a mediação e ela conclui.
- Então… Eu percebo que eu não vivia aqui nessa realidade, porque quem vive o tempo

18 Trata-se de Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil do Governo Lula (2023), e de Sônia Bone de Sousa Silva Santos, conhecida como Sônia Guajajara, líder indígena brasileira e ministra dos povos indígenas do Governo Lula (2023). Em maio de 2023, parlamentares retiraram atribuições dos ministérios comandados por Marina e Sonia, aprovaram uma medida provisória que afrouxava regras de proteção da Mata Atlântica e deram aval para que tramite em regime de urgência um projeto que dificulta a demarcação de terras indígenas.

todo na arte, fica um pouquinho fora, sabia? Eu tomei um susto da porra, ainda tô tomando. A gente fica meio fora, não é? A gente não vive aqui direito não. A gente vive meio acima.

Começo a guardar meus pertences, para anunciar minha partida.

- A gente vê uma Praia tão importante culturalmente e tão bela, hoje se transformar no que é hoje… E quantas, quantas e quantas? Se a gente começar a olhar tudo… Não é só aqui, não é só aqui.

Ela entende que preciso ir. A pérola negra de todas as melodias finaliza.

- Eu acho maravilhoso você tá se interessando por isso. Acho maravilhoso. Espero que as coisas que foram importantes continuem sendo objeto de interesse e de pesquisa. Acho que tudo deve ser objeto de interesse e de pesquisa, porque sempre se vai descobrir coisas, sempre se vai informar… O jornalismo serve pra isso.

Jane Melodia e Luiz Melodia, anos 70 *(Acervo pessoal Jane Reis)*

CASA 40

É mais um dia chuvoso no inverno de Salvador. Vou ao encontro do poeta no Shopping do Farol, em frente a antiga casa de Vinicius de Moraes, em Itapuã. Ofereço carona no meu guarda-chuva e seguimos até o fim da rua, para o condomínio onde moram os meus tios-avós.

Minha tia está organizando o jardim. Eu apresento o compositor e o levo até a sala de estar. Sento num sofá amarelo de dois lugares. Ele, numa cadeira de mesma cor, à minha frente, e ao lado de um rack retrô *classic*, que reúne uma coleção dos melhores vinis da Música Popular Brasileira. Cardan me presenteia com um livro de sua autoria "Gole d'água", em parceria com Luís Galvão e Jorge Portugal. Agradeço, lisonjeada. Ele mesmo inicia a nossa conversa.

- Cê conhece os maluco de Juazeiro? Galvão, Mauriçola, Kaká… Quando eles vinham de Juazeiro, eles ficavam lá em casa, na Boca do Rio. A maluquice era ali, naquela Casa 40. Eu morei lá um tempão, gostei muito daquela casa. Eu pensei até em construir uma igual hoje. Agora aquela Rua do Meio já tá toda mudada. Querem fazer mais prédio, é difícil… Naquela época que eu cheguei na Boca do Rio, não tinha as duas pistas. Era só uma pista de barro.

Cardan Dantas, 78 anos, é um poeta e compositor soteropolitano. Ele chega na Boca do Rio nos anos 70, onde começa a fazer sucesso na MPB, em colaboração com artistas como Jair Rodrigues, Luiz Melodia e os Novos Baianos, que lhe conferiram sucessos nacionais.

- Eu tava em São Paulo fazendo algumas coisas relacionadas à arte, à música e composições. Como lá não tinha dado muito certo, eu falei: "Ah, vou desistir desse negócio, não quero mais". Aí, quando eu voltei pra Salvador, meu primo passou pra mim a casa que ele morava, na Boca do Rio. Aí começa a história.

A Casa 40 ficava na Rua do Meio, a Av. Dom Eugênio Sales. Onde mora Barbinha, Sue Ribeiro, J. Cunha, e onde moraram Jane Reis e os Novos Baianos. Ali, muitos artistas que Cardan queria conhecer, foram começando a chegar.

- Terminei conhecendo tudo na Boca do Rio, principalmente os Novos Baianos, que fizeram alguns trabalhos musicais comigo. Paulinho Boca de Cantor era meu parceiro em algumas músicas. Galvão também. Fizemos um sucesso nacional, que é a música "Ela não é flor que se cheire".

Galvão foi um dos artistas que morou na Casa 40. O lugar, que era uma casa de pescador, virou uma casa lendária, onde vários artistas e pessoas de esquerda passaram na época da Ditadura Militar.

- Foi a época que as pessoas resistiram mais. Apesar de todo o drama, o pessoal ia pra Praia, ia dançar, ia ser *hippie* na rua. Então foi um movimento, na verdade. Se transformou num movimento, porque as pessoas saíram, foram parar em Arembepe, e de Arembepe foram pra Boca do Rio. O irmão de Zizi Possi, que é uma das maiores referências de teatro do Brasil, Possi Neto, também morou na Boca do Rio. Tem um filme dos novos baianos, que eles também fizeram lá no bairro.

A presença de Galvão no bairro movimentou tudo. Quando chega, ele traz a turma toda. E a Praia dos Artistas passa a ser o ambiente frequentado por esses artistas. Ali foi o começo de muita coisa.

- Eu recomecei a minha carreira na Boca do Rio, porque quando eu encontrei Galvão, fizemos uma música que foi sucesso nacional. Então começou tudo de novo e me reanimou. Então, essas coisas vão acontecendo naturalmente, e a Boca do Rio aconteceu naturalmente.
- *O que levou vocês a começarem a se reunir na Praia dos Artistas?*
- A liberdade de fazer as coisas. Eu ficava na Praia o dia todo. Eu ia pra Praia cedo e voltava pra casa de noite. Me parece que a primeira barraca que foi feita na Praia dos Artistas foi a de Aloísio. Era uma espécie de uma tenda árabe, que ele fez. Toda juventude vivia esse ritmo de festa, de ficarem à vontade, de fazer aquilo naturalmente. Mas aquilo era uma ação contra a ditadura.

O movimento dos *hippies*, nos Estados Unidos, influenciaram toda a América do Sul. O primeiro festival de *Woodstock* foi o ponto de partida desse movimento no mundo todo.

- Todos se divertiam, as pessoas brincavam… Depois a Praia dos Artistas foi se transformando num local de atrações, de movimento, de pessoas que eram também do movimento da esquerda. Alguns, que são autoridades hoje, passaram pela Praia dos Artistas, na Boca do Rio, na barraca de Aloísio. Fim de semana tava todo mundo lá. Aí depois veio Caetano, Gil veio com a família dele… E foram fazendo as coisas

acontecerem naturalmente.

A Casa 40 era uma casa aberta. Era de um modelo antigo, típico das casas da Boca do Rio antiga, feita de reboco de taipa. Tinha duas salas, dois quartos e uma cozinha. Quando Cardan e sua turma saíam para a barraca de Aloísio, deixavam portas e janelas abertas.

- Ninguém entrava, ninguém fazia nada.

Saindo da Casa 40, os artistas se reuniam na famosa Yellow Sky.

- A barraca de Aloísio teve uma conotação muito importante, porque ela foi o ponto de referência. "Vai pra onde?", "Vou pra barraca de Aloísio". Aí quando a prefeitura viu que tinha uma importância, criaram um sistema de barracas, que era tipo uma taba de índio. Era redonda, com palha, muito bonita.

Cardan se referia ao primeiro padrão de barracas, distribuídas em toda a orla. O engenheiro que desenhou essas barracas foi Beto Roseveld.

- Os estrangeiros, quando vinham, achavam uma ideia genial. Depois foi acabando tudo, até eles tirarem todas as barracas da Praia e cometerem esse grande crime. Pra fazer o quê? Eu não sei. Até hoje eu não sei - diz, rindo. - Quer dizer, cometem vários erros por influência do capitalismo - conclui, levando a mão direita ao queixo.

Meu entrevistado cruza as pernas, coloca as mãos sobre os joelhos e diz:

- A Boca do Rio era um coqueiral. Jane Reis foi uma pessoa que frequentou muito a Boca do Rio com Luiz Melodia. Eles tinham uma casa lá no bairro e todo fim de ano eles vinham. Eu fiquei muito amigo do Melodia. Tenho saudade dele, porque era um gênio pra mim. Ele sabia lidar com as palavras. Era educadíssimo, um cara fino, um rei.
- *A população se dava bem com todos esses artistas?*
- Os moradores admiravam, porque alguns já eram artistas famosos. Até a Janis Joplin passou na Boca do Rio com Joildo Góes.
- *E pra você, a Boca do Rio já foi inspiração?*
- Eu vivo de poesia. O primeiro livro de poesia que eu fiz, eu escrevi lá na Boca do Rio, que é o "Canção Luminosa", que fala alguma coisa da Boca do Rio. Esse livro é da década de 60 pra 70 ou 70 pra 80, um negócio desse. Então, foi um momento bonito, que eu vivi, que várias pessoas viveram. Todo esse momento que vivenciamos foi inspiração para mim e para vários artistas.

Peço licença e sirvo um suco de manga para mim e para o meu convidado. Tomo um gole e pergunto sobre a história da Tropicália na Praia dos Artistas.

- Veja bem, a Tropicália começou em São Paulo, com a palavra e a grandeza do Caetano Veloso, porque o Caetano sempre foi um tropicalista. Gil também. Quando ele faz o disco Transa, no exílio, ele traz aquela riqueza musical para o Brasil. Eu vejo a palavra Tropicália como uma renovação. Tanto Gil, como Caetano, são gênios da música

popular brasileira, assim como Luiz Gonzaga. São inventores, criadores, são mestres. Nós seguimos eles - sorrimos em sincronia. - Caetano e Gil adoram os concretistas, aquele movimento que fez uma mudança em alguma coisa, renovou alguma coisa, então tem tudo isso. A Boca do Rio foi tudo isso nessa época - explicou.

Ele toma um gole do suco e completa.

- Quando os Novos Baianos fazem o disco Acabou Chorare, é uma coisa tropicalista, por causa das cores que eles trouxeram. Porque a Tropicália buliu com vários sentidos. Ela estava nas cores, nos modelos de roupa. Ela foi lá e vasculhou tudo. A Praia dos Artistas foi uma dessas influências, porque tudo o que a gente faz vem de uma influência de alguma coisa antes. Alguma visão de alguma coisa antes. Tudo o que você escreve vem de uma visão de alguma coisa antes, que você, às vezes, nem sabe o que é, mas aparece.
- *De lá pra cá, o local mudou muito?*
- Total! Tem aquele rio que não resolveram até hoje o problema. Tinha um Projeto aqui em Salvador, chamado Bahia Azul, que também não resolveu. Eles tiveram a ideia de botar um emissário submarino com os esgotos que vinham de Lauro de Freitas pra lá. Eu quero saber, depois que a orla estiver repleta de edifícios, onde é que eles vão colocar toda essa aguaria?

Ele descruza as pernas e conta, gesticulando.

- No final daquela Rua do Meio passava um rio. Hoje, os rios estão todos poluídos, e eles não querem cuidar daquilo. E tem que tá poluído mesmo, porque são séculos e mais séculos sem ninguém fazer nada. O fundo das casas todas dão pra ali. Não é mais um rio, é um esgoto. Eles fizeram um emissário submarino e não buliram ali. Pra que serve esse emissário submarino? - ele não queria que eu respondesse. Já tinha as respostas. - Na verdade, eu nem acredito muito nesse emissário. Chegaram a dizer que perderam um aparelho lá e nunca acharam esse aparelho, que valeu uma fortuna! Teve essa história lá. Esse emissário que inventaram de botar ali me parece que é um emissário duvidoso, entendeu?
- *Completamente. A Boca do Rio se mobilizou para tentar impedir que o empreendimento fosse construído. O senhor chegou a participar dessa movimentação?*
- Não.
- *Por que?*
- Não me interessei. Eu já sabia o que era aquilo ali. Quando eu vejo uma coisa assim, eu digo "Ó, isso aí os caras já compraram o aparelho, já fizeram tudo, não adianta falar". Os caras vão fazer uma coisa, não comunicam a ninguém, as pessoas não ficam sabendo. Quando sabem, já está tudo pronto. Tem que vir políticos, tem que vir uma associação, contratar técnicos e pessoas especializadas para acompanhar o trabalho,

mas os caras fazem tudo sozinhos, fazem o que querem. Depois não vieram mais ver como esse emissário está - diz ironicamente. - Como é que pode?

- *Qual a sua opinião a respeito desse Emissário?*
- Você nem sabe se tem emissário mesmo, se é verdade. Aquele projeto do Bahia Azul é mais ou menos isso. Sempre é isso, sempre assim, sempre assim - o semblante simpático do meu convidado ganha uma nova expressão. Rígida e inconformada.
- *Qual a última vez que o senhor foi à Praia dos Artistas?*
- Nunca mais fui. Não tenho mais interesse de ir à Boca do Rio não. Faz tempo que eu não vou. Muito tempo! Depois que tiraram as barracas, eu não fui mais. As autoridades perderam a grande oportunidade de transformar a Praia dos Artistas num local de turismo pela sua história, porque o turismo é construído pela sua história. Sem história não tem turismo. Eles focaram muito no Pelourinho, na Barra e não vieram pra cá, também por um preconceito. Por um preconceito. Agora é que eles tão querendo vir pra cá, porque as construtoras estão chegando e construindo prédios, valorizando.
- *O senhor acha que outras mudanças espaciais vão acontecer ali?*
- Claro! A Boca do Rio não valia nada. Não valia nem um tostão. Vai chegar um dia que os caras vão derrubar três ou dez casas daquela comunidade ali e transformar em prédio. Você acha que vai ficar essas casinhas na Orla? Essas portas de garagem? Não vai, não vai.
- *O que o senhor acha que está acontecendo com aquele lugar?*
- Olha, aquelas dunas da Boca Rio, estão ali até hoje, porque a Maria Esther se colocou na frente das máquinas da Prefeitura, que vieram pra tirar as dunas e derrubar os coqueiros, naquela época. Queriam derrubar tudo! Isso foi antes de tirar os barraqueiros, muito antes. Ela ficou na frente e começou a tirar a roupa. Se não fosse isso, aquelas dunas nem existiam mais. Com o passar do tempo, as dunas se tornaram uma coisa perigosa. Quem vai pra ali? Eu não sei se é um projeto político… - hesita.
- Como assim? - instigo meu entrevistado, que formula teorias e tece críticas importantes até ali.
- As praias são um espaço social. Servem para a sociedade, servem para as pessoas. E as barracas eram todas bem visitadas. Então por que eles tiraram essas barracas da Praia? Pra ninguém ir mais lá. Para as pessoas da comunidade não se encontrarem. Tem alguma coisa nisso. Tem alguma coisa política, eu acho. Uma coisa que começou ali. Porque no momento em que você não pode se reunir em algum lugar, tem alguma coisa estranha. E foi bem violento, uma coisa trágica. Teve trator derrubando tudo, não respeitando nada. Então, é uma coisa política - afirma, de uma vez por todas, enquanto toma seu último gole de suco.

- *Toda essa história da Praia é significativa para o bairro?*
- Acho que representa mais hoje do que naquele tempo, porque naquele tempo as pessoas não tinham noção do que estava acontecendo. Hoje virou uma história pra se contar, e algumas pessoas que conviveram, estão aqui, contando. Então a história dessa Praia tem um sentido na vida de muitas pessoas e até na vida do país, porque algumas pessoas que foram tocadas pela ditadura também passaram pela Boca do Rio. José Agripino foi incomodado pela ditadura militar. A gente nunca passou por nada na praia, porque eles tinham interesse nos comunistas, e eles já tinham a lista. Mas que bom que essas histórias estão sendo contadas agora. As pessoas precisam saber. Os colégios não querem ensinar nada, mas a gente gosta de fazer. A gente tem que fazer. É uma forma de resistência.

Cardan Dantas, 2023 *(Victória Santana)*

VERÃO DE 1970

Eu estava em Juazeiro quando realizei minha primeira entrevista com a dançarina baiana, de carreira internacional, Nadir Nóbrega. Nosso primeiro contato foi através de uma chamada de vídeo pelo *Google Meet*. Agora, em Salvador, agendo com a artista, um segundo encontro, presencial. Além de bailarina profissional, Nadir, ex-moradora da Boca do Rio, militante do movimento negro, 68 anos, é escritora e professora aposentada do curso de licenciatura de dança da Universidade Federal de Alagoas - Ufal.

Vou até a sua casa, no bairro da Pituba, onde relembramos nossa primeira conversa e exploramos outros assuntos sobre a Praia dos Artistas. A casa da bailarina tinha a composição perfeita de quadros, livros, plantas e esculturas. Ela senta-se no sofá da sala de estar e estica as pernas sobre um *puff*. Sento em uma cadeira na sua frente.

Nascida e criada em Salvador, Nadir passa uma temporada na Europa, dançando numa companhia de dança profissional. Em 1974, retorna à Bahia. Um ano depois, começa a frequentar a Praia dos Artistas.

- Foi no auge da Praia. Foi justamente quando a gente mais se concentrava lá. Eu conhecia J. Cunha, o artista plástico, que mora lá na Rua do Clube dos Médicos. Cunha era figurinista e dançarino do grupo Viva Bahia, que era um grupo que concorria com o grupo que eu dançava.

Na década de 70, existiam dois grupos folclóricos de dança importantes na cena soteropolitana, o Viva Bahia e o Brasil Tropical que, inicialmente, se chamava Olodumaré. Nadir era dançarina do grupo Brasil Tropical. Os grupos ensaiavam e se apresentavam em vários espaços culturais de Salvador, como o Teatro Castro Alves.

- Eu e Cunha nos encontrávamos diariamente no teatro. Nós éramos amigos. Cunha, tinha um irmão na época, que se chamava Babalu, que também era artista plástico. E eles organizavam festas temáticas na casa deles. Todos nós íamos. Era uma festa, fazia parte de um calendário. Era ali mesmo, na Boca do Rio, na rua do Clube dos Médicos. Cunha mora lá até hoje.

A casa de J. Cunha e Babalu era o *point* dos artistas da dança, das artes plásticas, da música e do teatro. As festas aconteciam à noite. No decorrer da madrugada, quem não conseguia voltar para casa, por conta das logísticas de transporte, dormia por lá. As meninas, em sua maioria, dormiam na casa de Cunha. Os rapazes e alguns casais, dormiam na Praia dos Artistas, que possuía uma vegetação robusta.

- Na época não era tão violento. Só existiam duas barracas, a de Carlos e a de Aloísio. Eles eram bastante conhecidos e acolhedores. Aí todo mundo ia e dormia lá. Na manhã seguinte, a gente acordava, tomava café e ia pra Praia, porque rolava o Baba dos Artistas. Nem se falava nessa coisa de futebol masculino, futebol feminino. Era tudo misturado. Sempre tinha babas, banhos de sol e banhos de mar. E aí, coincidentemente, nessa época, Zizi Possi morava ali perto. Ela e o irmão dela, Possi Neto, também frequentavam a Praia. Era um ponto que a gente ia, cantava, dançava e jogava bola, entendeu?

A Boca do Rio sempre gozou de uma cultura futebolística. Os babas aconteciam na Praia dos Artistas, em frente às barracas. Quem chegava, entrava no baba. Não havia campeonatos. Eram babas improvisados, com sandálias de um lado e côcos de outro, que sinalizavam o gol.

A Boca do Rio guardou momentos importantes para aqueles fazedores de arte. Os meninos se vestiam de mulher, dublavam e cantavam nas festas organizadas por Babalu e Cunha. Todos se divertiam, riam, dançavam. Na casa de J. Cunha, assistiam ao programa de Elíbia Portela[19] e reproduziam receitas culinárias.

- Babaloo imitava Elíbia Portela e eu era a auxiliar. Então era eu que tinha que mexer e pegar os ingredientes. Tudo isso a gente fazia naquela casinha pequena da Boca do Rio. Eu me lembro que a atriz Jesse Jesse, que foi casada com Vinicius de Moraes, estava nessa festa e queria porque queria meter o dedo na massa do bolo. Eu dizia que só eu podia provar. - conta, com os olhos saltitando pelas órbitas e um sorriso escancarado. - A gente arrumava a mesa, todo mundo ria, todo mundo se divertia… E depois sempre estávamos na Praia dos Artistas.

Diferente dos músicos, os grupos de teatro e das artes plásticas ficavam na barraca Voo Livre, do barraqueiro Carlos.

- Eu conhecia seu Aloísio, ele era muito simpático. Chamava atenção aquela bandeira

19 Trata-se da cozinheira criadora do pão delícia e do boliviano. Elíbia Portela é professora de gastronomia há 50 anos e apresentadora do Programa Prato da Casa, veiculado na TV Bandeirantes.

dele de uma colcha de retalhos, aquele chapelão e tudo. Mas eu gostava mais de ficar na barraca de Carlos. Era um homem gay, negro, muito tranquilo, muito agradável, de um coração aberto. A irmã de Carlos era uma baiana de acarajé, também muito simpática. Cunha e Babalu eram moradores de lá. Eles já iam direto pra barraca de Carlos, e aí a gente ia também, entendeu? Não foi uma escolha proposital, foram aqueles acasos.

A barraca de Carlos era uma barraca pequena que mal cabiam duas pessoas dentro. Era feita de madeira, com mesas do mesmo material. Era identificada por uma bandeira branca.

- Naquela época, a gente guardava as nossas coisas lá. Tinha um andarzinho em cima que a gente guardava as nossas coisas, pra não ficar espalhado. Quando o dinheiro tava sobrando, a gente comia o acarajé da irmã de Carlos. Dentro, especificamente, da barraca de Carlos, eu mesma mal consumia, porque não tinha dinheiro. Eu era estudante. Isso nos anos 70. Anos depois eu comprei uma casa na Boca do Rio, na antiga Travessa dos Pescadores, perto do final de linha. Então esse já é num outro momento, que eu volto pra Praia dos Artistas. Aí já não tem mais aquele movimento que a gente fazia na década de 70.

Nadir Nóbrega, assim como minha avó, foi uma das mulheres pioneiras a realizar a prática do *topless* na Praia dos Artistas.

- Olhe só, pra a gente do teatro, pela história, pelo processo histórico… Era natural, para nós, colocar o peito na rua. Eu confesso a você que eu nem tinha noção dessa coisa que era *topless*. A gente, além de ter essa liberdade corporal, a gente tinha também uma coisa de não deixar a marca do sutiã no corpo, porque, esteticamente, ficava feio duas cores. Mas nada que fosse uma coisa premeditada, era tudo natural. Aí a gente tomava banho de sol e o corpo bronzeava como um todo. Era todo mundo artista, aí a gente esticava a toalha e tirava a blusa. A gente ficava ali conversando e tomando banho de sol.
- *E a senhora sempre fazia topless?*
- Eu gostava de usar blusa só quando eu jogava. Aí eu ia pro mar, vinha e tomava meu banho de sol. A gente fazia isso. Depois saiu até uma matéria grande, porque chamava atenção a quantidade de pessoas fazendo *topless*. A gente ficava nu da cintura pra cima. Os meninos de sunga e a gente só com a parte de baixo do biquíni. Nós fomos vanguarda nessa época. Era natural, ninguém censurava ninguém. Nem pelo fato de ter peito grande ou peito pequeno, ser gorda ou ser magra… A gente ia, tirava roupa, tomava banho de mar, tomava banho de sol e ia pro baba. Depois botava a roupa e ia embora pra casa.
- *As pessoas que não realizavam o topless não se incomodavam?* - pergunto.
- Na época, anos 70, os frequentadores éramos nós. Todo mundo que não era conhecido, já sabia da fama. Já chegava sabendo o que ia encontrar. Nunca tivemos problema. Todo mundo era amigo, e quem não era amigo passava a ser. Eu sofri muito com minha

família por conta dessa coisa de botar os peitos na rua na década de 1970, mas nesse ambiente da praia era muito tranquilo. Eu dancei anos numa companhia de dança que o camarim ficava a metros de distância do palco. Você não pode dizer que você acaba uma coreografia e vai para o camarim se dar ao luxo de se enxugar. Não existe isso no mundo da dança. É ali na coxia, no meio do sonoplasta, do contrarregra.

Pergunto à bailarina o que mais a marcou naquele cenário, naqueles anos, naquele palco. Seu semblante é alegre e relaxado. Ela olha pra cima, tentando recuperar as lembranças, e responde:

- As grandes amizades que eu tive e que eu tenho até hoje por conta desse período. Essa coisa de uma espontaneidade, de uma alegria espontânea. Embora nós fossemos de uma carreira competitiva, porque a arte é muito competitiva, a gente não tinha essa coisa. A gente era de grupos opostos, mas a gente se respeitava e a gente se dava bem. Quando a gente fala Zizi Possi, as pessoas não têm noção que ela era aquela pessoa que sentava na areia com a gente e ia para festa na casa de J. Cunha. Zizi não começa em São Paulo, Zizi começa aqui na Bahia, com o talento dela. Ela morava perto do Rio das Pedras. Essa época da Praia dos Artistas foi muito interessante. A Boca do Rio sempre teve essa mistura das questões sociais e étnicos-raciais. O bairro, olhando assim, em grosso modo, é um bairro pobre. Naquela época eram casas muito simples, não eram grandes construções - aproveito o direcionamento e conversa e me dirijo para as questões ambientais da região.
- *Como era o Rio das Pedras?*
- Olhe, criatura, vou dizer uma coisa a você, se era poluído, eu nem percebia. Aliás, ninguém percebia, porque não se via mal cheiro. Nunca vimos lixo acumulado. A folhagem da Praia era maravilhosa. Tinha coqueiros enormes. O caminho para a gente descer pra barraca de Carlos era mato, um mato legal para as pessoas se deitarem. A pista não era tão larga como é hoje. Hoje tem aquele pedaço da quadra de esportes, né? Mas tudo aquilo ali era areia. Naquela época, a areia não era suja, tinha muito muito verde, e não tinha tanta civilização. Eu me lembro que anos depois teve uma mobilização, porque iam fazer uma rede sanitária. Acho que iam construir um emissário. Sei que eu vi o pessoal fazendo esses manifestos, se mobilizando em relação a isso, mas aí eu já não morava mais na Boca do Rio.
- *Qual foi a última vez que você foi lá?*
- Menina, por incrível que pareça foi na pandemia[20]. Fui fazer uma caminhadazinha lá.

20 Referência à pandemia da COVID-19, um surto de doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em Wuhan, China. As tentativas de contê-lo falharam, permitindo que o vírus se espalhasse para outras áreas do país e, posteriormente, para todo o mundo, sendo classificada como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Interna-

- *Qual a principal diferença nesses 50 anos?*
- Hoje tem menos verde, não tem barracas, você não vê a natureza. Você vê um adoecimento. O bairro cresceu muito, e desordenado. Eu sou técnica aposentada na lista do patrimônio. Lá teve um diretor que participa deste Plano Diretor de Salvador e tudo, ele não é da minha época. Mas quando eu entro, já vinham discutindo isso. Ele falava que a poluição refletia na flora, na fauna e nos Orixás. São essas coisas que todo mundo sabe, a prefeitura sabe, mas é um descaso. Eu lembro que teve essa mobilização que te falei, ali no antigo clube do Bahia, mas deu em quê? Deu em nada. As pessoas começam a ser compradas.
- *E o que a senhora pensa sobre essa poluição?*
- Eu não vou dizer a você que eu não fico preocupada, mas isso não faz com que eu não vá à praia não. Pobre não tem outra opção de lazer. Que opção de lazer a negrada tem, a não ser uma praia? Com poluição ou não, é ainda uma opção gratuita que a gente tem.

Começo a falar sobre racismo ambiental. Não preciso explicar o conceito para Nadir. Devo lembrar que minha entrevistada é militante do Movimento Negro.

- A gente sabe que existe a questão estrutural da constituição dos Estados. Ela tem sua base também no racismo. Então a gente não pode perder de vista essa questão de quem são os que organizam e quais são os que recebem os reflexos dessa organização. É o negro e o pobre, diz
- *A senhora vê uma relação entre Racismo Ambiental e a Praia dos Artistas?*
- Claro! Quando você vai à Praia, quem é que tá lá pescando o Xaréu? Então, quem faz com que as coisas fiquem organizadas de uma maneira tão ruim e perversa, não tá vivendo 100% nesse lugar. Não são eles que vivem disso. Eles podem até comprar o Xaréu, mas eles não vivem da pesca. Não estão lá em contato direto com a poluição. A coisa é bem organizada e a base é justamente o racismo - observa. - Às vezes a gente fica até paranoica na frente dos outros, porque acham que tudo que a gente vê, a gente enxerga como racismo. Não é o que dizem? Mas a gente sabe. A gente não precisa que ninguém nos conte. Eles nunca tiveram a preocupação de organizar a questão do Rio para que não polua a praia, como nunca tiveram a preocupação de deixar que várias casas fossem construídas na beira do canal, que outros lugares também construíssem e que a rede de esgoto fosse para lá para o rio. Justamente porque é uma praia que essas pessoas não frequentaram. Porque era frequentada por porra-loucas, pela comunidade e negros. Então tudo tem muito a ver com o racismo ambiental. Decidiram colocar um emissário, mas quem eram os moradores e habitantes? A sua grande maioria negros e

cional (PHEIC) e como uma pandemia em 11 de março de 2020. A Organização Mundial de Saúde declarou o fim da PHEIC no dia 5 de maio de 2023.

pobres.

Pergunto a Nadir se é possível que algum dia a sociedade consiga reverter essa situação.

- Olha, todo o interesse é político. Denúncia se tem, estudo se tem. Tanto desse termo novo de racismo ambiental, como tem os arquitetos, e aquelas pessoas que sempre falaram dessa questão das múltiplas residências irregulares. O que acontece é que não tem interesse político. Se tivesse interesse político, se sentava com esse grupo de pessoas e tentavam ver o que fazer. Mas não tem interesse. Não sei se hoje, a essa altura, se teria dinheiro para resolver isso, mas o principal é interesse, porque denuncia, tem.
- *E por que não há interesse?*
- Porque eles não moram lá, entendeu? - ri. Vamos ser sinceros, os brancos ricos não estão lá nas praias da Boca do Rio. Quem tá lá é a negrada. A classe média alta não está lá, e se não está lá, não há interesse. O governo não é besta, nem nada. Quando eu digo o governo, tanto faz PT como PMDB… O que se tem é uma falta de interesse político. Projeto se tem, não é falta de projeto. É ter e arregaçar a manga. Mas existe esse faz de conta que tá ensinando e a gente faz de conta que tá aprendendo. Só quem viveu aquele momento, vai olhar para a Boca do Rio sem ter um olhar negativo. A gente tinha essa forma de viver a praia e vivíamos bem entre nós, muito bem. Mas vamos contar essa história. Eu aqui, olhando para trás, com os pés apontados para o futuro, para você falar um hoje, através do futuro. Só os orixás sabem do futuro, mas o que a gente quer é uma cidade menos poluída e que não nos afete. É o resgate dessas memórias que nos mantêm vivos.

Nadir Nóbrega, 2023 *(Victória Santana)*

UANGA

O Programa de Direito e Relações Raciais da Universidade Federal da Bahia - PDRR/Ufba realizava um projeto de promoção de atividades de inserção de experiências estéticas na formação acadêmica dos estudantes, "Exuêutica jurídica: fecundando a imaginação através da arte".

A proposta da atividade naquele dia era realizar uma visita no dia 10 de junho daquele ano, às 16 horas, à nova exposição do artista plástico J.Cunha, em exibição no Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM e contemplar a performance *Thank You, Exu*, realizada pelo poeta Nelson Maca. Fui convidada pelo meu tio-avô, Samuel Vida, coordenador do Programa de Extensão, para acompanhar a atividade. Com o momento oportuno, contatei J. Cunha e marquei uma entrevista na mesma data e local.

Chegando no museu, temos uma calorosa acolhida pela equipe, que nos conduz e nos contempla com uma mediação fantástica sobre a exposição *Uanga*. Ao final da mediação, o artista plástico chega no local. Avisto meu entrevistado de longe e vou recebê-lo. Antes da nossa conversa, o artista brinda os estudantes do curso de Direito com uma verdadeira aula sobre sua trajetória, seu olhar sobre o direito, a arte, a sociedade e seus desafios sobre o futuro.

J. Cunha é um artista de múltiplas linguagens, que atua com as artes plásticas, cenografia, design e figurino. Para a minha surpresa, ele está acompanhado do historiador e também morador da Boca do Rio, Casemiro. Saímos juntos e sentamos para conversar no jardim do MAM. Casemiro traz água para mim e para ele. Para Cunha, um Whisky com gelo.

O artista plástico soteropolitano, nasceu na Ponta de Humaitá. Chegou a morar em

comunidades no Centro Histórico e depois foi para o Rio Vermelho. Lá, Cunha morou durante anos, em lugares diferentes, com grupos diferentes. Nos anos 70, mudou-se para a Boca do Rio, onde fincou moradia.

- A Boca do Rio era um lugar ainda bacana, e era barato de se alugar casa. Comprei a casa que eu aluguei, e agora eu comprei uma outra, que é a oficina de trabalho.
- *Como era a Boca do Rio quando você chegou?*
- Quando eu cheguei ali, nos anos 70, tinham aquelas dunas e só pescadores passavam ali, porque era desertíssimo. Tão deserto que a gente tirava a roupa e ficava ali tomando banho nu.
- *Então, ali rolava o nudismo?*
- Rolava. Começou a chamar atenção demais de algumas pessoas de mentalidade periférica. Não é periférica no sentido de região. É mentalidade periférica no sentido de que não consegue ver uma pessoa lá, à vontade, e tem que estar em cima, olhando… Aí não há quem aguente, né? Inclusive, foi onde aconteceu o primeiro *topless*. A praia não tinha muita gente. Os caminhos eram pequenas trilhas pelas dunas. Eram caminhos que os pescadores faziam. Não tinha barraca nenhuma, nenhuma mesmo. Não tinha isopor de bebida, não tinha nada. As pessoas iam lá tomar banho e saiam. Depois foi que chegou o Aloísio. Acho que foi a primeira barraca ali. Aloísio reunia uma turma pop, a turma de música, uma turma mais chegada a boemia mesmo.
- *E o senhor pegou todos esses momentos históricos?*
- Tudo, tudo. Passei tudo aquilo. Era engraçado demais. Eu era jovem, diziam que eu era bonitinho. Eu ficava nu e ninguém passava a mão em mim. E não tinha necessidade, né? Não tinha esse negócio de passar a mão e fiu fiu. Tinha uma brincadeira de macho, um negócio de pauzinho, quem perdia tirava a roupa. Ia tirando os pedaços de roupa. Seja lá quem for. Perdeu? Tem que ficar nu.
- *Quem fazia topless?* - pergunto.
- O *topless*, no meu tempo, tinha muita gente da Globo, gente das TVs. É lógico! Uma pessoa de TV, que faz *topless*: "huuum, vou ver!". Entendeu? Geralmente só incomodava quem era de fora, porque quem tava lá, não. Eu já fui em várias praias de nudismo para queimar o corpo, porque eu era bailarino e queria queimar o corpo inteiro. Nadir fazia *topless*. Nadir era lindíssima naquela época. Ela tinha um corpo inteiro, ela era uma bailarina, né? E ela fazia mesmo, fazia.

Passando pelo pioneirismo do nudismo e do *topless*, lembro ao meu entrevistado que a Boca do Rio possuía também, uma cultura futebolística. Ele relembra a prática do voleibol de praia, sua paixão na juventude.

- Lá vai entrando algumas coisas de esporte. Eu comecei a praticar voleibol de praia,

então a gente já tinha lá uma turma que era para voleibol mesmo, entendeu? Tinha uma rede já tradicional lá. A gente levou muitos anos ali. A minha geração acabou, a nova geração, não sei. Foi de lá que saiu o time de vôlei da Boca do Rio, que foi confederado e que participou de muitos campeonatos de voleibol de praia oficiais. A praia deu seu luxo. A outra praia que tinha isso era a Barra e a praia de Itapuã, que tinha outro grupo também de voleibol, de Piatã.

- Como era a movimentação naquela Praia ali?
- A praia foi invadida por muita barraca, por causa do comércio que foi dado como ponto atrativo, e veio vários gêneros. Isso durou décadas. Tinha muita frequência estrangeira e nacional. Grandes artistas famosos na época ficavam lá. Eu vi vários, conversei com vários deles, inclusive cheguei a ver Eric Clapton lá na Praia, com a companheira de George Harrison, dos Beatles. Ficaram lá, na rua Orlando Moscoso. Eles e outros artistas, gente de São Paulo muito famosa, da literatura, tudo ficaram junto ali. O pessoal de teatro como Possi Neto, a irmã dele, Zizi Possi, todo mundo morou muito ali, e nós ficávamos juntos na Praia.
- *A convivência e a relação de vocês era bacana?*
- Era uma coisa de uma saúde bacana, uma gente bem tratada, no sentido de beleza mesmo, física. Tinha muita beleza física lá, uma alegria bacana, jovens… A maconha lá, que rolava e essas coisas. Tudo legal. Todos os gêneros dos anos 70, que nasceram nos anos 70, que brotaram hoje, e que estão se impondo como gêneros humanos, nasceram por ali. Nas conversas e pelas atitudes.
- *O que era mais gostoso naquele lugar?*
- O sol, areia, a praia… Todo um sistema de bem-estar, né? Era a cultura baiana. Ficava tomando sol mesmo, jogando voleibol… Para mim, era um prazer tremendo. Depois começou a vir as barracas, veio a cervejada, aí veio as comilanças e tudo. Às vezes eu ficava lá na praia até quase meia-noite, porque era verão e a gente queria ficar ali mesmo. O ar era quente, o trago era quente…
- *Como era a rotina de vocês?*
- A gente vinha, bebia, conversava, falava mal dos outros, o que era ótimo, e isso foi ficando anos e anos - ri. - Eu sempre andei de turma. Tem gente que eu nem sei onde é que está hoje. Mas Sue Ribeiro foi do meu tempo, Nadir Brechó foi do meu tempo. Nadir era bailarina do meu tempo. A gente frequentava e estávamos juntos, não só na praia, mas nas festas de Largo, no Teatro Castro Alves… Ela no Olodumaré e eu no Viva Bahia. Há muitas outras pessoas… O pessoal do balé, todo o pessoal de dança, o pessoal de capoeira… Esse pessoal que saía nos Filhos de Gandhi ia para lá, o pessoal do Ilê, uma parte ia para lá. Então, algumas pessoas que estão ainda na ativa, como artistas do

teatro e de dança, diretores de teatro… Todos eles passaram por lá.

- *Mas essas pessoas se dividiam, né?* - pergunto. - *Na barraca de Aloísio, ficavam mais os músicos e já na barraca de Carlos, as pessoas do teatro, dança e artistas plásticos…*
- Sim, exatamente. Exatamente isso. Não eram guetos, mas era assim, círculos de pessoas que se entrelaçavam em qualquer hora, qualquer momento, mas, preferencialmente, eu ficava na barraca de Carlos. Ele fazia uns drinks bem interessantes, embora eu só gostasse mesmo do velho whisky e da velha cerveja - diz, tomando um gole da sua bebida. Geralmente eram grupos que ficavam em afins, né? A barraca de Carlos era a que guardava a nossa rede de voleibol. A gente frequentava ela, porque em troca, ela guardava nosso material ali. Se fez um grupo de voleibol muito grande ali e grupos lgbtqiapn+, que não tinha nada desse nome todo, mas também começou a frequentar lá, aí encheu. Começou a dar mais gente, mais lucro.
- *Quem mais estava na barraca de Carlos?*
- Era uma juventude muito mais ousada, mais colorida. Criou-se um ambiente muito propício a um bem-estar. A gente ia comer, beber, brincar, jogar… Ficávamos confortavelmente nos grandes bancos de madeira, que a gente chama de bancos de fazenda. Eram coletivos. Muita gente sentava junto, era uma coisa interessante. Antes de ser cadeiras individuais, eram esses bancos, parecendo os banquetes medievais. E ali era peixe que vinha, aqueles peixes grandão. A gente encomendava. Comi, muita gente comia também, a cerveja rolava o tempo inteiro.
- *A Aruba também reuniu esse público, certo?*
- Aruba veio depois. Aruba se caracterizou por agregar o maior número, mas as outras eram todas misturadas. Você nem ia saber quem é quem ou quem não é quem, e também, ninguém tava interessado. Era sunga, cerveja, acarajé, abará e falar mal dos outros, que é muito bom, a fofoca. Eu ficava mais na de Carlos, porque ali eu me sentia à vontade. Ele sempre foi meu amigo. Eu trabalhava ali. Eu ia fazer projetos cenográficos e de carnaval numa barraca dessa, numa mesa daquela.
- *O que vocês mais conversavam?*
- Além das fofocas, se falava muito de política, em relações sociais… Tinha pessoas de direita, mas isso de direita e de esquerda não existia. Já tinha lá, mas não tinha briga, porque eu sou isso ou porque você é aquilo… Mas se comentava sobre política, se comentava muito.

Para Cunha, a cultura esportiva na Praia foi o mais marcante.

- Jogar voleibol, sair dali super suado e entrar na água devagarinho pra não ter choque térmico e mergulhar assim, ahhhh… Nossa, é um prazer tremendo. Aí depois vai, toma a cerveja gelada… Não tem melhor. *Boca do rio, beleza pura…* - cantarola o verso

de Caetano Veloso. - *Mouch of the rivers*[21]. Eu vivi a praia da Boca do Rio, uma doce lembrança. E é uma continuidade que eu tenho. Eu vou pra lá sempre. Sempre.

- *Então você tomava muito banho de mar?*
- Que pergunta ordinária, é claro! - gargalhou. - Era limpa, não tinha esgoto. Era limpa. Era muito limpo, tudo muito natural. Tinha muito mato ainda, não tinha quadra, não tinha nada. Tinha muita preá ali, cobras verdes. Mataram tudo quando fizeram as quadras, elas saíram loucas.
- *E o Rio das Pedras?*
- O Rio das Pedras era limpo, fininho. Tinha umas pedras ali onde ficam os pescadores. Eles passavam por ali. Era fininho, estreitinho. Era limpo, tinha peixe. Ainda tem lugares na Praia que eu tomo banho, com a água limpa. Quando o rio, que sai da Embasa, vai pro lado de cá, a gente não toma banho, que a água é poluída - explica. - A poluição da Boca do Rio é igual a poluição da cidade inteira. É uma constante de um de um desordenado progresso. Mas tem rios aqui que são poluidíssimos, como aquele ali do Stiep e o Rio das Pedras, o pequeno rio da Boca do Rio, que a Embasa deságua muita coisa, quando lava os tanques. Deságua muito pó. E esgoto que tem ali ainda. Tem muito esgoto associado ao rio, que já devia ser tirado há muito tempo.
- *Então, o senhor ainda acessa a Praia?*
- Acesso, mas eu fico em Corsário[22], que é cômodo. Tem cadeiras pra sentar, com braços, tem mesas, tem um cara que lhe serve, tem sombreiro quando a gente quer... Na Praia dos Artistas não tem mais nada. De vez em quando jogo umas sementes lá pra ver se nasce alguma coisa. Uma vez nós jogamos trezentas e tantas sementes de amendoeira lá.

Cunha e Casemiro, atualmente, coordenam o Projeto "Se essa Rua Fosse Minha". Projeto independente, que visa a conscientização ambiental e a preservação das dunas da Praia dos Artistas, através de mutirões de limpeza.

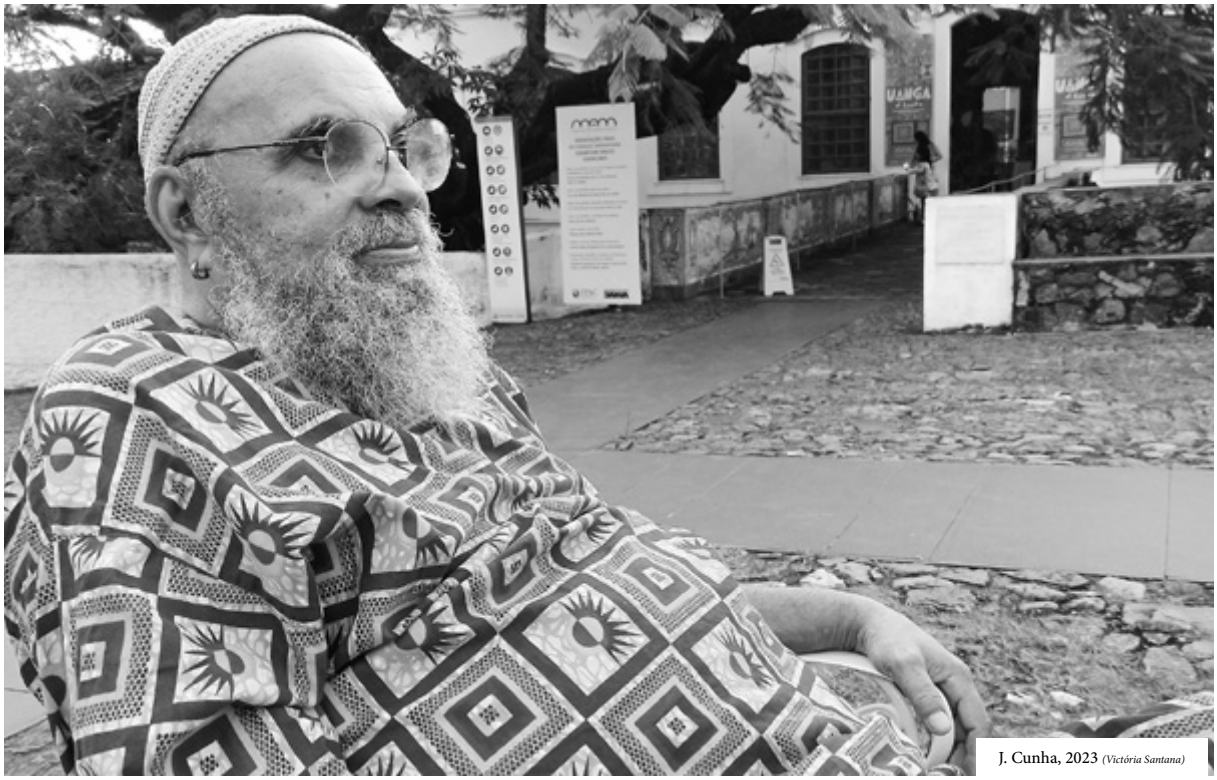
- *Falando nisso, o senhor lembra das mobilizações contra o emissário submarino?*
- Lembro. Eu acho que era necessário fazer aquilo. Se não fizesse, ia pra onde aquele esgoto? Ali não vai pra praia, ele vai pra longe, entendeu? Aquele riozinho lá que a Embasa alagou que é esgoto puro. Eu não sou contra emissários não, essas tecnologias de melhorar…
- *Mas você tem informações sobre o funcionamento desse emissário?*
- Eu não tô informado, porque não há meios políticos que informem. Eles não querem informar.

Pergunto se ele conhece o termo racismo ambiental.

21 Termo em inglês que significa foz do rio, boca do rio, embocadura do rio ou desembocadura.

22 Praia localizada entre os bairros Pituaçu e Boca do Rio, em Salvador.

- Com tantas palavras, tantos gêneros que existem, não me lembro do termo racismo ambiental. Só se for discriminação entre uma zona da favela e de condomínios.
  Explico. Trago exemplos e considerações.
- Ahh, deve ter. Claro, claro. Lugar de rico ninguém mexe. Só lugar de pobre. Lugar de pobre. É racismo ambiental mesmo. A gente sabe. Isso existe, é latente, está aí. Existe em todo lugar. Existe racismo ambiental. Existe até outros tipos de racismo. Tem muitos. Tem muita coisa aí. O tratamento de limpeza que tem na Barra, não tem lá na Liberdade.
- *E na Boca do Rio?*
- Não é igual aos bairros de classe média.



J. Cunha, 2023 *(Victória Santana)*

03 RACISMO AMBIENTAL

Entro em contato com a assessoria da Empresa de Água e Saneamento em Salvador, pela primeira vez, via email. Escrevo:

Boa tarde, tudo bem?
Me chamo Victória Santana, sou jornalista e estou escrevendo um livro-reportagem sobre cultura e meio ambiente. Gostaria de entrevistar um especialista em recursos hídricos da Embasa em Salvador, tão logo seja possível. Como devo proceder para formalizar essa solicitação?

Com atenção,
Victória Santana

Para a minha surpresa, tive retorno no mesmo dia. É 5 de junho de 2023.

Boa tarde Victória,
Para melhor ajudar na sua solicitação, peço que ligue aqui para a assessoria da Embasa, para conversamos.
Ligue para 3372-4687, e procure por Silvia.

Atenciosamente,
Gerência de Comunicação Social da Embasa

Entro em contato com a assessora, que me pede para explicar a demanda. Me apresento e falo resumidamente sobre o meu trabalho. Quero realizar uma visita ao SDO do Jaguaribe e conversar com algum especialista em águas e saneamento da sede do local. Ela diz que volta a entrar em contato comigo, para me dar um retorno.

Não obtive retorno.

Volto a ligar para o número informado. Não sou atendida. Tento novamente. A assessora me sinaliza que devo ligar num outro momento, para saber o resultado da minha solicitação.

Uma semana depois. Eu ainda não tenho respostas. Ligo mais uma vez. Recebo o seguinte e-mail no dia 13 de junho:

Boa tarde Victória,

Você poderá marcar uma entrevista com Waldmir Vieira Conceição, Superintendente da Produção de Água e Esgotamento Sanitário em Salvador e RMS.

Os melhores horários para ele são quinta pela manhã ou sexta a tarde.
Por favor, telefone para a secretária dele, Claudia, para agendar. O telefone é 3335-7164;

Atenciosamente,
Gerência de Comunicação Social da Embasa

Ligo para a secretária e falo sobre a agenda proposta no e-mail. Ela não parece gostar. Não havia sido informada. Me pede para encaminhar as perguntas para seu e-mail e fica de verificar a disponibilidade do Superintendente. Fico aguardando seu retorno.

No dia seguinte, recebo:

Prezada,

Podemos agendar a entrevista para próxima segunda (19/06) às 09:00h.
Me confirme se pode ser.

No aguardo,
Atenciosamente,

Superintendência de Produção de Água
e Esgotamento Sanitário - MP

Confirmo. Na manhã do outro dia a secretária me informa, via e-mail.

Victoria,
Segue endereço:
Av. Juracy Magalhães , s/n
Parque Paulo Jackson - Rio Vermelho
Sala da Superintendência - MP

Rio vermelho? Não foi o que solicitei. Por ligação, sou informada de que só ele pode me atender. "Não se preocupe. O Emissário do Rio Vermelho é bem maior", justifica a secretária.

PROLIXO

São 9 horas de uma manhã de julho. Está chovendo muito quando chego na sede da Embasa, no Rio Vermelho. Me direciono para o setor da Superintendência. Cláudia, a secretária, está na sala. É uma mulher branca, de cabelos lisos, na altura dos ombros. Usa uma blusa verde limão e um xale azul amarrado no pescoço. Ela anuncia minha chegada e me pede para aguardar. Em poucos minutos Waldmir reaparece e me convida para entrar em sua sala. O local é pequeno e a parede principal é pintada de azul-marinho, na paleta de cores da Empresa. Há uma mesa grande para reuniões, com algumas cadeiras ao redor.

Sento à mesa de trabalho do superintendente, uma mesa pequena, que comporta, praticamente, apenas o seu computador. O superintendente é um homem pardo, alto e calvo. Está usando uma camisa social quadriculada azul-claro, com um crachá azul-escuro envolvendo o seu pescoço. Me apresento e começo a entrevista. Peço para que o profissional explique a importância do saneamento nas cidades.

- Saneamento básico, pra mim, não é defendendo por eu ser sanitarista - inicia, com um sorriso. - Mas, pra mim, é um dos pilares até da própria construção. Você tem que garantir o direito da pessoa à habitação e ao saneamento básico, que é uma condição ideal de moradia. Pra você ter uma ideia, a cada um real que você gasta com saneamento básico, você economiza quatro com saúde - explica. - Porque a importância do saneamento básico é o quê? É a qualidade de vida. Você melhora a qualidade da água, melhora a qualidade do entorno, da moradia, você retira lixo, retira esgotamento sanitário, que são fatores fundamentais para a proliferação de doenças que são advindas de veiculação hídrica e melhora a qualidade 100% das habilidades e da moradia das pessoas.

- *E quais são os principais impactos negativos da ausência de cobertura sanitária?*, mesmo conhecendo as respostas, peço a explicação.
- São muitos. Pro meio ambiente, por exemplo, no caso dessas habitações que lançam esgoto nos córregos, nos rios e vai pra praia, você tá tornando a praia imprópria, né?

Aponto para o profissional alguns dados de poluição dos afluentes da Boca do Rio, causados por esgotos domésticos.

- *A Embasa tem conhecimento desses dados?* - pergunto.
- A Embasa é responsável pela concessão de água e esgotamento sanitário, mas a parte de controle de ocupação urbana é da prefeitura. Aquela região da Boca do Rio, se você for ver, são 13 grandes favelas. São 13 grandes áreas de ocupação subnormal, de ocupação desordenada, que não tem um controle efetivo do município. Não porque o município não quer, mas é pelo próprio adensamento da cidade. A cidade cresce muito rápido e cresce desordenadamente. O saneamento vai nessa mesma linha. O poder público não tem essa velocidade que tem o adensamento para acompanhar, e aí fica sempre um saneamento andando um pouco atrás. Ali você tem uma área de adensamento muito elevada. A maioria das pessoas, quando fazem ocupação, não tem essa preocupação com a parte de esgotamento sanitário e geralmente interliga por esses pontos.

  Rio, involuntariamente. É óbvio que essas questões ficam em segundo plano, num contexto em que comunidades, sobretudo, pretas, desprovidas de políticas públicas, possuem necessidades básicas, e buscam, minimamente, a dignidade de um teto para morar.
- *Como é o acesso à cobertura nessas localidades?*
- Aqui, geralmente, eu tenho um custo médio de 11 mil reais por unidade habitacional nessas condições. Como é desordenado, eu não tenho arruamento. Eu preciso do arruamento pra conseguir pegar essa casa e trazer pro sistema. Como elas são ocupações desordenadas, é muito difícil eu conseguir acessar.
- *Nesse caso, o custo para levar saneamento para esses lugares acaba sendo maior pra vocês?*
- É, acaba ficando maior. É mais caro e mais complexo. Mas assim, a gente aqui… eu tenho setor aqui, é… é… só pra fazer esse tipo de coisa. É o setor de adensamento, que trata exatamente disso. A gente faz contrato, justamente pra fazer essas captações dessas residências. Hoje Salvador tá com 85% da cidade com sistema de esgotamento sanitário dando destino.
- *Mas esse número engloba as moradias que estão nesses locais informais?* - pergunto. Eu já conhecia essa conversa.
- Envol… Assim, engloba no geral. Engloba no geral, a cidade como um todo. Esse é o…

Mas eu tenho isso estratificado por região. Tem região que tem mais, tem região que tem menos. Geralmente essas regiões que têm menos adensamento são as regiões mais periféricas. Eles têm uma concentração maior de residências que não são atendidas. Mas o miolo de Salvador, você tem a média essa aí, de 85% de adensamento.

Anoto e pergunto sobre o Programa Bahia Azul.

- O Bahia Azul foi um programa de uns 20 anos atrás. Hoje, o modelo que a gente segue é o modelo das estações de condicionamento prévio, que a gente faz o tratamento aqui e encaminha para os emissários submarinos, justamente, para deixar a Baía de Todos os Santos despoluída.
- *Muitos moradores que entrevistei, na Boca do Rio, relataram que pagam a taxa do Bahia Azul, mas não tem seus esgotos ligados ao sistema. Por que isso acontece?*
- Ó, o esgoto que é direcionado pro rio é aquele que tá em habitação subnormal, aquelas que eu falei antes, da desordem de adensamento. Mas assim, ali, naquela região, quem paga esgoto, tem esgoto lançado no sistema. É captado e lançado no sistema.
- *Mas alguns moradores antigos do bairro, que pagam a taxa do Programa, quando há a vazante do rio, tem suas casas invadidas pelos esgotos. Então, o esgoto dessas pessoas, permanece ligado ao rio?*
- É o que eu lhe falei, porque muitas dessas residências, elas são… elas já ocupam áreas que não eram para alagar. É… da natureza. Você sabe que se chover, ele vai aumentar o nível e, geralmente, a margem do rio ali vai sofrer influência mesmo dessa chuva.
- *Algumas dessas casas estão na orla de Boca do Rio. E mesmo as que não estão, como é possível essas pessoas estarem pagando pelo serviço e continuarem com seus esgotos ligados ao rio?*
- Eu acho um pouco difícil tá pagando e não ter ligação, mas assim… pronto. Se chegar pra gente, chegar no canal de reclamação da Embasa e dizer, a gente faz a investigação, e se for devido, a gente faz a devolução. O que geralmente acontece é o seguinte, porque o sistema de esgoto ele funciona, às vezes… tem casa que a gente… que lança, já lança pra esse córrego e a gente não consegue ou está em processo de contratação para fazer o esgotamento sanitário.
- *Entendi. Você pode me explicar mais sobre os emissários submarinos?*
- Aqui em Salvador a gente tem dois. Tem esse aqui, do Rio Vermelho e tem o de lá da Boca do Rio. Primeiro a gente faz um gradeamento, a gente tira a parte sólida, a parte de lixo grosseira. Eu tenho as grades aqui de 10 milímetros e dois milímetros e meio. Depois, no mesmo processo, eu passo a caixa de areia, que eu retiro toda a areia do sistema, para não ir pra praia essa areia. Depois eu venho pra um peneiramento fino, com peneira de um milímetro de espessura, que aí ela pega até um grão de arroz para

separar, e o que vai pro emissário é a parte líquida do efluente. O de lá da Boca do Rio, tem uma extensão, se eu não me engano, de quatro quilômetros e meio e lança a 45 metros em profundidade. O daqui, tem dois quilômetros e meio e lança a 27 metros de profundidade. Todos os dois funcionam assim.

- *E o funcionamento desses emissários é monitorado?*
- A gente faz o acompanhamento desses emissários, tanto o daqui, quanto o da Boca do Rio anual. Faz uma inspeção do sistema e faz o monitoramento da qualidade do efluente e da zona de influência desse emissário ali naquela região. A gente monitora anualmente isso.
- *Esses resultados estão disponíveis?*
- Tão disponíveis, inclusive, a gente é fiscalizado pelo Ibama, pelo órgão ambiental que é quem homologa o funcionamento dos dois.
- *Onde eu encontro?*
- No site da Embasa eu não sei se tem publicado - se contradiz. - Mas no órgão ambiental eles fazem o monitoramento e a gente faz o monitoramento da Praia também. Acho que o monitoramento tem no site, você consegue ver o monitoramento dos emissários.
- *O especialista em Gestão Ambiental, Audrey Borde[23], realizou um estudo entre 2014 e 2015, para a investigação da influência do emissário submarino na qualidade da água. O resultado apresentou irregularidades na qualidade do afluente lançado.*
- É uma coisa pra se entender, quando ele fala… Todo o esgoto que é tratado, tanto aqui, como no emissário da Boca do Rio, é afluente doméstico. A característica dele, basicamente, é de nutrientes. No final do processo, o que é que tem ali? O que sai ali é fósforo, nitrogênio e potássio, que é 99.9% da composição do esgoto doméstico. Todos esses elementos químicos são elementos, inclusive, que geram vida. É o sistema que é usado - diz, rindo. - Não é só aqui. É usado no mundo todo, entendeu?
- *Mas o que você tem a dizer sobre o estudo de Borde?*
- Não, não. É porque o tratamento tem várias etapas e vários tipos de tratamento. Esse tratamento com destinação oceânica é uma forma de tratamento, é um tipo de tratamento… ligação.

Ele dá voltas e não chegamos a lugar nenhum.

- *A comunidade da Boca do Rio não queria que o Emissário fosse instalado, porque a comunidade se preocupava com a poluição. Essa preocupação é plausível?*

23 Engenheiro sanitário e ambiental, formado pela Universidade Federal da Bahia - Ufba, e especialista em Gestão Ambiental em Municípios – Polo de Mata de São João, BA, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. Em sua monografia da sua pós-graduação investigou a influência do Sistema de Disposição Oceânica do Jaguaribe, o emissário submarino da Boca do Rio, na qualidade da água.

- Essa é a preocupação que a gente aqui da Embasa mais tem. O nosso negócio aqui é proteção ambiental, é o meio ambiente. Esses dois emissários passaram por uma série de estudos, de projeto, tem relatório de impacto ambiental que se cobrava na época e hoje, a gente trabalha para garantir a qualidade e eficiência do sistema.
- *Então, o senhor afirma, que o tratamento do emissário da Boca do Rio, acontece de forma adequada?*
- Acontece. Se depender dos dois emissários, o trabalho é de excelência. O que a gente tem, é que como a gente não consegue acompanhar o crescimento da cidade, a gente parte sempre atrás. Então esse *delay* que a gente tem de identificar uma residência nova instalada, para poder atuar retirando esse afluente, eu acho que isso aí é que é o grande X da questão, que a gente tem no próprio Brasil.
- *Então, o emissário não polui?*
- Não, não polui - responde, dando risada.
- *Outra coisa que eu gostaria de saber é como foi feita a escolha dessas localidades para a instalação dos emissários?*
- Foi feito um estudo de correntes para ver o melhor posicionamento e as correntes de fuga, que a gente chama de corrente de saída. São nesses dois pontos, entendeu? Não poderia ter sido em outro lugar por isso, porque a zona de influência das correntes poderia trazer pra Praia e a zona de corrente dos dois emissários direcionam pro alto mar.
- *O senhor está me dizendo que, aqui em Salvador, o único ponto que poderia receber um Emissário naquela época era a Boca do Rio?*
- A Boca do Rio e o Rio Vermelho são os únicos pontos grandes que você recebe aqui. Só que tem algumas localidades, por exemplo, Cajazeiras, que você tem sistema próprio de tratamento, que a gente também opera, que a gente também dá uma atenção, que a gente também cuida. Alguns condomínios nessas áreas também. Eles têm sistema próprio, que a gente chama de sistema individualizado. Geralmente a gente tem alguns conjuntos ali naquela área de Águas Claras, Tramboji…
- *Mas não foi isso que eu perguntei. O que eu quero saber é se aqui em Salvador, o único ponto que poderia receber um Emissário naquela época era a Boca do Rio?*
- Sim, os dois únicos pontos que a gente tem… É… Todo… Aqui, essa unidade aqui, ela recebe… 70% do esgoto de Salvador é direcionado pra cá e os outros 20%, mais ou menos, vai para a Boca do Rio.
- *Certo, Waldmir, mas supondo que fosse preciso colocar um novo emissário aqui em Salvador. Quais locais da cidade poderiam receber o empreendimento?*
- Não, os dois emissários aqui suportam uns 10/20 anos aí.

- *Certo, eu compreendo, mas "se"* - enfatizo - *fosse preciso ter outro ponto? Teríamos outras possibilidades?*
- Mas é isso, a capacidade… A gente ainda tem capacidade para receber efluente. Não teria, pelo menos hoje. Daqui há uns 20 anos, teria a necessidade de fazer um estudo. Mas, assim, os pontos de Salvador, que tem estudo, e onde foi direcionado para colocar são esses dois.
- *Então só foi feito estudo nesses dois locais?*
- Não, foi feito estudo sobre os melhores pontos. Os outros pontos, a maioria dos pontos, tem conversão para dentro da praia, pra direção da cidade, entendeu?
- *Eu tenho acesso a esses estudos no site da Embasa?*
- No site não. Talvez na biblioteca da Embasa, no CTI do projeto. Esse é um estudo antigo. A gente tem um estudo, mas ainda é físico aqui, porque a gente até usa como referência. Você chegou a ir na BRK conversar com alguém? É o emissário do Rio Vermelho. Seria interessante você ir, conversar, entender o processo de tratamento - muda de assunto.

Waldmir Conceição, 2023 *(Victória Santana)*

ÁGUA NÃO SOBE LADEIRA

O Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (Inema/Salvador) fica no Centro Administrativo da Bahia - CAB, na Avenida Paralela. Perto do Inema, está o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra/Salvador). Nas imediações do órgão, um número muito expressivo de povos originários realizam uma mobilização contra a PL 490/2007 e o Marco Temporal[24], que ameaça os direitos e a vida dos povos indígenas.

Chego no Inema completamente encharcada. Tinha me deslocado até o CAB de moto, e havia pegado uma chuva forte no caminho. No órgão, realizo um cadastro, para ter acesso às dependências. Tomo o elevador e me direciono ao 2.º andar. Os assessores Diego e Tiago, me aguardam. Tiago me acompanha até a sala de Eduardo Topázio, Diretor de Fiscalização Ambiental do órgão.

A sala do engenheiro sanitarista é enorme. Há mapas e fotografias da natureza nas paredes. Entro no local e cumprimento Eduardo, um homem branco de meia idade. É calvo e usa óculos retangulares, como os da minha avó. Atrás dele, uma ampla janela de vidro, facilita a visualização do CAB. Nos sentamos à imensa mesa de madeira e mármore. Quando começo a falar sobre a minha pesquisa, ele brinca:

- Você não era nem nascida ainda - diz, rindo. - Eu encontrei Luiz Melodia ali, bêbado, todo enrolado na areia. Depois eu tomei cachaça com ele.

Rio com ele e inicio a entrevista. Começo apontando os dados sobre a principal causa da poluição dos rios da Boca do Rio: os esgotos domésticos.

24 O marco temporal é uma tese jurídica que defende que os povos originários só têm direito a uma terra se já estavam ocupando-a no momento da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988.

- É o único fator - responde, em alto e bom tom. - Existe uma coisa em Salvador, que é crônica, que é o uso e ocupação do solo desordenado. Isso é fruto das condições sociais da cidade e faz com que o sistema de esgotamento não alcance uma percentagem razoável da população. É muito comum você ouvir, inclusive, da área de saneamento, o pessoal fazer um comentário sobre o setor de saneamento da Embasa, especificamente, de que cobre não sei quantos por cento de esgotos. Só que essa percentagem é algo a ser avaliada, porque é considerada aquela que ele chama de cidade no nível da lei, não é a que está abaixo da lei - olha para mim por cima dos óculos e ergue as sobrancelhas grisalhas. - É aquela cidade regular, porque acho que a cidade irregular não tem nem cadastro. Ninguém conhece onde é que ela está, como ela está, de que maneira ela está. Então isso é um problema que é crônico. Ali já tem um emissário submarino, que pega uma bacia de contribuição, mas muitas comunidades naquela religião ali, literalmente, é dentro do rio. Se você correr o rio, você vai encontrar gente morando literalmente dentro do Rio. São rios que viram canais de transporte de esgoto, por que as casas são acopiadas e não tem nem como processar um projeto convencional de saneamento.

Atualmente o Rio das Pedras, bem como os demais rios do bairro possuem um elevado índice de poluição, de acordo com coletas realizadas pelo Inema em 2021. Nos resultados do Índice de Qualidade da Água, referentes aos pontos analisados na bacia hidrográfica do Rio das Pedras, três foram classificados como “Péssima”; três como “Ruim” ; dois como “Regular”, e apenas um como “Bom”. A BH ainda apresentou um alto grau de eutrofização, classificando todos os pontos de coleta do Rio como “Hipereutróficos”.

- Hipereutrófico significa que está altamente eutrofizado. Quer dizer, você tem muita matéria orgânica que gera uma condição de produção de algas em geral de material vegetal, que tornam o estado trófico dele desequilibrado, então fica hipertrófico. Por exemplo, você chega em Pituaçu, você vai encontrar muitas baronesas, muitas vegetações. Isso é uma condição de estado trófico. Aí, claro, isso sequestra oxigênio, isso causa problemas de mortalidade eventualmente, de animais que precisam de oxigênio para sobreviver, né? Os peixes precisam.

As algas e microalgas são plantas que realizam a fotossíntese, processo de produção de energia das plantas. Nele, as plantas sequestram o carbono presente no ambiente e transformam em oxigênio. É comum que esse índice de mortalidade aconteça de madrugada, porque é a hora que não há oxigenação, feita pela fotossíntese, pois esse processo só ocorre na presença da luz solar. Durante a noite, elas consomem o oxigênio presente na água, resultando na mortalidade dos peixes. As baronesas, indicadas por Topázio, são o resultado de um processo de poluição dos corpos d’água.

- A maioria dos rios de Salvador são péssimos. Cerca de 80% dos pontos que a gente

monitora em Salvador são péssimos. Só são bons em áreas que têm baixa densidade populacional e que tem áreas preservadas, para você ver a importância de preservar.

- *Qual seria o ideal?*
- O ideal seria que esses rios tivessem sido devolvidos à comunidade sem ocupação no seu entorno. Eles deveriam ser permeáveis, com vegetação natural. Isso amorteceria muito o impacto das cidades sobre os rios. No caso do Rio das Pedras, você vai andar ali, saindo da Jorge Amado, você vai ver que pessoas moram ali dentro. Em síntese, é o uso e ocupação do solo completamente desordenada.
- *Quem controla o uso e ocupação do solo é o poder local, o município, certo?* - pergunto.
- Exatamente. E esse uso e a ocupação do solo é um dos grandes problemas para uma solução do saneamento. Vou te contar um segredo, você pode espalhar, se quiser - me entrevistado silencia e espero atenta pela informação. - Água não sobe ladeira não - revela. Confirmo com a cabeça e continuo a ouvi-lo. - Como é feita a coleta do seu esgoto? É coleta no ponto baixo. Você recebe pela caixa d'água da sua casa. A água que você toma banho, que sai da sua torneira e a água que você dá descarga no seu sistema sanitário, sai por baixo, desce e vai para o ponto mais baixo, então tem que ter uma rede lá para baixo. Quando a pessoa constrói muito em cima do rio, você não tem espaço para coletar, porque a rede teria que estar abaixo do nível do rio. Então, a gente tem um problema estrutural sério e que não é debatido, não é discutido.
- *E toda essa poluição do Rio das Pedras, que acaba desaguando na Praia dos Artistas, pode impactar na qualidade da água da Praia?*
- Impacta, literalmente. Agora, o que acontece é que a capacidade de diluição da praia é muito grande, então depende muito das circunstâncias e do momento. Na saída do Rio: imprópria. Para sempre, até resolver essa questão estrutural urbana.

Uma praia considerada imprópria significa que ela não é balneável, ou seja, não é recomendável para banho, por apresentar uma alta concentração de bactérias do grupo coliformes. Significa dizer que ali tem material fecal, material de esgoto, porque essas bactérias não vivem na natureza. Elas vivem no organismo de todo o ser humano vivo, de sangue quente, mamíferos em geral. Se elas estão na água, significa que os seres humanos e os animais as expeliram. Estudos indicam que a concentração muito elevada dessas bactérias aumenta o risco de contágio de doenças de veiculação hídrica, por parasitas, verminoses e outros.

Quando questiono sobre o problema para o meu entrevistado, ele responde:

- Você tem, aqui no Brasil, um fator adicional que é o seguinte, a descarga das redes de esgoto da Embasa possuem uma alta concentração de cloro e isso termina matando muitas bactérias. Muita gente não usa o cloro, porque ele pode causar danos. Pode causar câncer, essas coisas. E, naquela região, tem um fator ali adicional, que é complicado… -

hesita. - Você mora ali? Não, né? - "Não", respondo. - Seguinte, ali tem uma estação de tratamento da Embasa. A água que aquela comunidade recebe é a primeira água que sai da estação de tratamento. Então, a concentração de cloro dela é mais elevada que a do resto da cidade. Saiu daqui, distribuiu, quando chega lá na ponta da rede a concentração de cloro já é bem menor, porque aquele cloro, em tese, não seria nem necessário. É uma segurança adicional, para caso haja uma contaminação na rede por rupturas.

- *Então, esse alto teor de cloro não é bom para a saúde daquela comunidade.*
- É bom para a qualidade de concentração bacteriológica, mas tem, na verdade, muita gente que acha que o cloro não é uma coisa muito boa. Eu não tenho muita piração com minha cabeça não. O gosto da água é muito forte, porque o cloro mata a gente. O cloro é um gás altamente tóxico para o ser humano, para a vida. Então, por isso que usam o cloro. Se eu jogar aqui um gás de cloro, morre todo mundo em fração, você entendeu? Mas é claro que tudo isso tem norma técnica. A concentração de cloro que está na água é a concentração máxima permitida. Mas como eu falei, aquela ali da Boca do Rio é o que sai o máximo permitido, depois vai diminuindo. Então esse é um fator que, termina eu pensando, que quando o cara usa aquilo ali também para dar descarga, a própria bactéria que já é diluída, nesse lugar, dilui mais ainda.
- *Então, o senhor acha que o contato dos pescadores com o esgoto não é um grande problema para a saúde pública?*
- Victoria, eu fiz a licença ambiental do projeto Bahia Azul. Eu propus para os governos daquela época, nos anos 90, que fosse feito um estudo epidemiológico. A intenção era exatamente essa. É você ver uma relação causal direta. A gente sabe que os problemas das praias são a falta de saneamento, então eu queria saber o seguinte: vamos aproveitar a oportunidade, que tinha recursos, e fazer um estudo epidemiológico com a população de marisqueiros da Cidade Baixa. Por que elas? Porque elas tinham contato diário com a praia, então eu ia acompanhar a saúde dela e ver a evolução, ao tempo que eu acompanhava a qualidade de água do mar e tentava criar uma relação causal direta entre a saúde delas. Não foi aprovada, porque acharam que era muito complexo. O Governo do Estado, na época, nos anos 90, não aceitou essa proposta. Eu quase sou crucificado: "Ô, cê tá inventando história" - diz, reproduzindo uma voz mais grave. - Ainda usei a seguinte justificativa: "Se a gente está fazendo um investimento de saneamento, com a finalidade de melhorar a qualidade das nossas praias e, acima de tudo, saneamento é uma ação de saúde pública, porque não fazer avaliação do impacto, já que está fazendo um investimento amplo e intenso como nunca antes foi feito aqui na cidade de Salvador?" - o sanitarista rodava o bocal de uma caneta bic azul. Ele a deixa de lado, entrelaça as mãos sobre o mármore da mesa e fixa os olhos nos meus. - Aqui no Brasil, a gente não

gosta de fazer pesquisa. A gente não valoriza a ciência, infelizmente. Agora espera-se que volte, né? Há um grande problema quando a gente não tem uma cidade planejada adequadamente. Você não tem política habitacional, política para a população de baixa renda, e aí as pessoas constroem de qualquer jeito e a prefeitura faz de conta de que não tá vendo. Mas são doenças que são fáceis de você registrar no sistema SUS. O problema é que você pode pegar uma hepatite com aquela água ali, uma coisa desse tipo, mas, geralmente, são doenças diarreicas, porque na água do mar você só vai se contaminar se a gente ingerir. O contato com a pele pode levar a uma uma reação alérgica, a não ser que você tenha feridas, aí tem algumas doenças. Então, é muito mais crítico ali no rio do que na água salgada, porque a água salgada é muito agressiva para essas bactérias, entendeu?

- *Mas esses pescadores passam, justamente, por dentro do rio, para ter acesso ao mar* - explico, retribuindo o olhar fixo.
- Eu já vi naquela ponte ali. Eu já fui medir qualidade de água ali e falei: "Rapaz, essa água tá completamente contaminada". Se você pegar o solo ali e for analisar a concentração dessas bactérias, na areia ali, é muito maior - penso em Barbinha, nos meus irmãos, nos amigos. Me preocupo. Meu semblante é aparente, não consigo disfarçar. - Eu costumo dizer que o risco é maior para crianças e idosos. É uma teoria que eu tenho, porque não temos indicadores de saúde que demonstrem que tem muitos problemas para aqueles que frequentam. Eu sugeri, na época, ao Governo do Estado, porque não é a gente que teria que fazer, mas a área de saneamento. Aí eles terminaram fazendo o quê? Um acordo com a Ufba, e fez um treinamento teórico sobre esse assunto. Fez um curso sobre saúde pública com o pessoal. Beleza, foi bom para os técnicos, mas não foi bom para a sociedade, que não sabe desse problema.

  Suspiro.
- *E sobre os emissários? Toda a orla tem estrutura para receber um equipamento desse?*
- Isso depende de estudo. O emissário é uma opção. Poderia não fazer o emissário, por exemplo. Eu, particularmente, defendo é que você usasse essa água em algum tipo de tratamento com água de reuso, entendeu? Agora nada impede. Você pode botar emissário em qualquer lugar da orla, nada impede, desde que você estude a capacidade de diluição. Em tese, pode ser em qualquer local do litoral, nada impede, mas vai depender das condições locais. Originalmente, o da Boca do Rio seria feito no Jaguaribe, porque a intenção é coletar todos os esgotos do Norte da cidade de Salvador, então, quanto mais ao norte, melhor. Por algum motivo eles resolveram fazer na Boca do Rio.
- *Houve muita polêmica entre os moradores da comunidade.*
- Foi. Ninguém queria. Ninguém queria. É a maior discussão.

- *Muitos diziam que era uma obra para dar dinheiro a empreiteiros.*
- É provável - concorda, rindo. É porque essa obra foi feita no governo de Paulo Souto, mas foi concluída no governo Wagner. Só que não dava para o governo Wagner simplesmente dizer assim: "Ó, não vou fazer mais", porque a obra já tinha começado. Agora o que é que é importante nisso? É fazer um monitoramento e um acompanhamento - Eduardo se desloca para a frente do computador e começa a utilizar o dispositivo. - Você até tá me provocando agora. Eu vou até checar aqui se não tem algum tipo de informação adicional sobre isso, porque eu nem sei se faz fiscalização, porque é uma área que não é de domínio legal da gente. A lei brasileira de meio ambiente determina que o licenciamento em mar é do Ibama.

Exausta com aquela conversa, vou direto ao assunto.

- *Você acha que toda essa situação pode ser enquadrada como racismo ambiental?*

Ele deixa o computador de lado e volta para o lugar que estava antes, frente a frente com a sua entrevistadora.

- Eu acho que isso não é levado em consideração não, eu não tenho certeza - silencia. - Gilberto Leal, que trabalhou aqui, geólogo, era um líder do movimento negro aqui, um dos meus melhores amigos aqui dentro. Essa questão do racismo ambiental tem uma série de vertentes sim, mas isso tem muito a ver com a questão econômica, porque os negros são discriminados historicamente. Então essa questão do racismo aí tem a ver, porque boa parte dessas comunidades, onde passam esses projetos, são comunidades onde a maioria são da população negra. Agora eu não sei se isso é levado em consideração não. Agora você tá tocando num assunto… - ele coloca uma das mãos sob o queijo e se projeta sobre a mesa. - Porque como eu te falei, o projeto original era em Jaguaribe. Será que é porque ali tinha muito condomínio e tinham que desapropriar e passar por cima? É provável - ri. - Não duvido não. O que eles argumentam, que eu ouvi oralmente, é que, na verdade, é onde estava a maior concentração do que seria mais barato.

Eduardo Topázio, 2023 *(Assessoria Eduardo Topázio)*

KAÔ KABECILÊ

Eu estava no Centro Histórico de Salvador, no bairro dois de julho, para entrevista com meu tio-avô, Samuel Vida, advogado e professor de Direito da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Ogã de Xangô do Terreiro do Cobre, referência no Movimento Negro e na luta contra o racismo e intolerância religiosa. Seu ativismo foi fundamental para a elaboração do Estatuto da Igualdade Racial Federal, na condição de consultor da Câmara dos Deputados, e na formulação da proposta original do projeto de lei do Estatuto Estadual da Igualdade e Combate à Intolerância Religiosa, protocolado na ALBA em 2005. A participação dele me traria respostas mais concretas e conceituais sobre racismo ambiental e sua aplicação na sociedade.

Nos anos 90, a militância negra brasileira, no âmbito jurídico, se viu diante do desafio de tentar fazer com que a Lei Antirracista tivesse efetividade. Em 88, tivemos a conquista da criminalização do racismo e várias outras normas na constituição. Em 89, entra em vigor a Lei Caó, que prevê a prática do racismo como crime, mas com um delineamento muito restritivo, que caracteriza, basicamente, condutas interpessoais, como proibir alguém de frequentar um estabelecimento comercial ou negar atendimentos. Ou seja, situações muito reduzidas para o tipo de cultura racista que estrutura a nossa sociedade, deixando muita coisa de fora.

Nesse mínimo, que é incidente nas ofensas individuais, havia ainda um esvaziamento, porque a polícia e o judiciário não conheciam a Lei e eram - e são - resistentes a ela. Nos primeiros anos, várias sentenças diziam que não havia racismo no Brasil, reproduzindo o mito da democracia racial. Foi preciso todo o esforço do movimento negro pra convencer o Estado, por meio da polícia, produzir material informativo, dar maior visibilidade à Lei. Afinal, é o Estado quem estabelece o modelo das políticas de segurança pública. Samuel Vida entra na Ufba como professor concursado nos anos 2000, trazendo esses debates para o espaço institucional.

Em 2003, formaliza o Programa de Pesquisa e Extensão de Direito e Relações Raciais, um programa permanente, que desenvolve vários projetos, com uma atuação que não se limita a uma temática.

O PDRR, começa a desenvolver uma série de intervenções em parceiria com entidades do movimento negro, sempre entendendo que para debater essas pautas na Universidade é preciso dialogar com quem, na realidade, as constrói, considerando que a academia é, espistemologiamente monucultual, brancocêntrica, e incorpora elementos do racismo na sua forma de conceber a produção do conhecimento. É nesse contexto que o Projeto de Extensão e Pesquisa é pensado. Ele surge para vislumbrar uma atuação dentro e fora da Universidade e para discutir as demandas junto com os movimentos sociais.

As demandas sobre o racismo ambiental já estavam latente no movimento negro e na crítica que era feita ao ambientalismo anti-classe média e ao ambientalismo branco, que marca a história do ambientalismo brasileiro. Nesse ínterim, surge o contato do professor Samuel Vida com o Racismo Ambiental.

Umas das primeiras pautas de pesquisa do PDRR/Ufba foi em cima desse conceito. O grupo começa com um mapeamento de alguns casos emblemáticos de racismo ambiental na Bahia, como a plantação da caça de cultura em Salinas das Margaridas; o processo de degradação do Parque São Bartolomeu, como representação do racismo ambiental do sítio sagrado das religiões de matriz africanas; Santo Amaro e a contaminação por chumbo. A pesquisa resultou na produção de um pequeno relatório. Um dos resultados mais consistentes das intervenções do PDRR foi o Trabalho de Conclusão de Curso de Arivaldo Souza, que acabou virando o livro "Direito e racismo ambiental na diáspora africana".

Após a participação de Robert Bullard[25] na conferência da OAB, o programa passa a fazer um debate mais organizado, tentando interferir no rumo que o debate sobre o racismo ambiental tomou no Brasil, que foi um rumo, um tanto mais academicista e, paradoxalmente, controlado por intelectuais brancas, que, mesmo admitindo a categoria, dificultava que ele fosse apropriado de maneira mais intensa pelos setores organizados do Movimento Negro.

Na casa de tio Samuel, sentamos à mesa de vidro da sua sala de estar. Seus dreadlocks estão presos para trás por um elástico vermelho. Óculos redondos enormes na cor azul enquadravam-se em seu rosto. Ele coloca uma perna sobre a outra e responde a minha primeira pergunta.

- A gente, intuitivamente, chamava atenção para a necessidade de uma pauta ambiental que considerasse o fato de que as populações negras, nos momentos de exposição, sempre eram as mais atingidas. Então, quando você pensa num empreendimento altamente

25 Professor afro-americano e um dos proponentes do conceito de Racismo Ambiental, com foco nos Estados Unidos..

poluente, você pode prestar atenção que ele vai ser cogitado, instalado e muitas vezes, autorizado pelo Estado, para uma região onde a maioria das pessoas que habitam são negras, ou num território tradicional de populações já marginalizadas, negros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, etc.

Entre o final dos anos 90 e o início dos anos 2000, o movimento negro brasileiro estabelece o contato com uma militância que já discutia isso de uma maneira mais elaborada conceitualmente, principalmente através do trabalho do Bullard. Nos Estados Unidos o movimento por justiça ambiental ganha um relevo cada vez mais étnico-racial, pela percepção de que os povos originários norte-americanos e os negros, assim como latinos, outras minorias políticas e outros setores subalternos, sempre eram atingidos mais impactantemente pelos efeitos de práticas ambientais destrutivas.

- Nesse período, provavelmente, mais pro iniciozinho dos anos 2000, a gente incorpora formalmente a categoria de racismo ambiental como melhor forma de nomear o fato de que mesmo nas situações de poluição ou de afetação ambientais que podem atingir, difusamente, um determinado grupo indeterminado de pessoas, quando a gente vai olhar mais de perto, há uma lógica que faz com que essas consequências seja mais perversas pros já mais vulneráveis. Então a gente vai trabalhar com essa categoria de forma mais intensa. Aqui no Brasil, a gente traz o Robert Bullard, se eu não me engano, em 2003 ou 2004, para uma série de palestras aqui em Salvador a partir do Programa de Direito e Relações Raciais.
- *Falando juridicamente, existe alguma lei que tipifique racismo ambiental como crime?* - pergunto ao advogado.
- Não. Não há. Nós ainda temos um desafio grande de pensar uma legislação que dê conta da complexidade do racismo. O nosso esforço tem sido por superar o paradigma do racismo como crime que apenas incide nas práticas inter-individuais, ou seja, aquela prática de ofensa pessoal, de agressão subjetiva, praticada por um determinado indivíduo contra outros ou contra uma comunidade. Esse ainda é o modelo conceitual de racismo que vigora no imaginário da sociedade, dos operadores do direito e na tipificação legal. A gente tem avançado um pouco a partir da elaboração das legislações que tratam das ações afirmativas, tentando introduzir outras categorias, mas esse é um processo ainda muito lento. Há projetos tratando de racismo institucional e racismo estrutural, que pela abrangência poderiam contemplar essas manifestações, mas é um debate ainda muito incipiente, que precisaria ser melhor enfrentado, tanto pelos movimentos sociais, quanto pela presença negra na academia, quanto pela presença negra no legislativo.
- *E quando são identificados casos de racismo ambiental, que são levados para a justiça, eles são julgados como crime de racismo?*

- Há muitas vezes a argumentação de que aquela prática se caracteriza, mas não há um reconhecimento jurídico dessa caracterização. Então vai se analisar o dano ambiental, eventualmente, o crime ambiental. A legislação ambiental não trabalha a categoria do racismo como parte da sua arquitetura normativa. Ela usa o argumento do racismo como argumento sociológico e político, mas não com a carga jurídica.

Em 2009, durante a polêmica da construção do Emissário Submarino na Boca do Rio, meu tio esteve presente nas manifestações, enquanto advogado e enquanto professor universitário. De maneira sumária, o que marca a história desse Emissário é que se trata de uma proposta que foi construída fora do Estado. Grandes construtoras já apresentavam o Projeto antes do debate ser encampado pelo Estado, invertendo completamente a lógica do que deveria ser uma política pública.

Uma política pública tem que ser construída a partir de um debate do Estado com a sociedade, em torno das necessidades da sociedade. Num segundo momento, dependendo do caso, busca-se no meio empresarial a tecnologia, o *know-how*[26], a técnica, para empreender a efetivação da política. Neste caso, trata-se de uma empresa que trabalha com a lógica de lucro, e não com a lógica de uma preocupação social.

O segundo aspecto é que, na época, nos debates organizados pela militância negra, a opinião dos técnicos, que não eram integrantes das grandes construtoras, era de que, primeiro: a capacidade de resolução da dispersão dos dejetos em Salvador ainda não estava saturada, ou seja, a obra não era emergencial; e segundo: questionava-se a própria localização. Havia um questionamento se o melhor lugar seria a Boca do Rio. Tecnicamente, seria possível imaginar outras alternativas, entretanto, essas outras alternativas afetariam áreas ocupadas pela classe média alta de Salvador. Então, a Boca do Rio foi, de certa forma escolhida, não porque tecnicamente era a melhor opção, mas pelo fato de ser a que provocaria menor impacto junto às elites instaladas na Orla Atlântica da cidade.

- O debate do Emissário Submarino começa ainda no Governo Paulo Souto, no início dos anos 2000, e gerou uma mobilização apoiada pelo movimento negro, mas fundamentalmente puxado pela Comunidade da Boca do Rio, como pescadores, pessoas envolvidas com o movimento comunitário e artistas - diz. - Foram eles quem deflagraram, de fato, a mobilização, e convidaram pessoas de fora para acompanhar, para reforçar, para apoiar. A gente passou a acompanhar nessa condição, como integrante do movimento negro, já discutindo racismo ambiental e dando suporte teórico e político, dizendo "Ó, isso é um caso evidente de Racismo Ambiental". Isso nos levou também a mobilizar uma memória. A Orla Atlântica de Salvador foi, ao longo dos anos 60 e 70, sobretudo,

26 Termo inglês que significa "saber fazer". Consiste nas capacidades e habilidades que um indivíduo ou uma organização possui para realizar uma tarefa específica.

intensamente repovoada por uma redesignação de importância, num momento em que a classe média alta resolve ocupar aquela região. Então, comunidades populares da Barra até Itapuã foram expulsas ou removidas, com operações de despejo e de desapropriação em larga escala, ou empurradas para a faixa mais interna. Então, esse processo não tinha como ser dissociado. A verdade é que a instalação do Emissário na Boca do Rio era a continuidade de um processo de redesignação do uso e, consequentemente, da valorização imobiliária, simbólica, da região da Orla Atlântica. Então foi, nesse sentido, que nós nos opunhamos.

Militantes ligados tanto ao movimento do saneamento básico, quanto intelectuais, como o Deputado Federal Afonso Florence, participavam desse processo, criticando e se declarando publicamente contra o Projeto. Quando Jaques Wagner ganha a eleição em 2006, o Projeto é encampado pelo Governo do PT e Afonso Florence-PT, na condição de Secretário do Desenvolvimento Urbano, passa a ser o executor do Projeto, o que acaba gerando uma derrota para a comunidade. Houve um processo brutal de aliciamento e cooptação de lideranças, que deixou o movimento de resistência reduzido a um grupo muito pequeno de pessoas que não teve força social e não encontrou eco suficiente para conseguir barrar. Em 27 de maio de 2011 o Projeto é inaugurado, com um investimento da ordem de 259 milhões.

- Esse projeto acabou com a Praia dos Artistas, do ponto de vista prático. Hoje o que existe nem se compara com o que foi no passado. Era um território libertário da contracultura local e isso acabou. Hoje, praticamente, não existe mais como um lugar balneável, seja porque a estrutura de lançamento de dejetos ocupou uma parte, seja porque até, simbolicamente, o empreendimento afastou e redefiniu o lugar no imaginário popular. Hoje as pessoas mais novas sequer sabem que havia uma praia famosa ali. Eu comento com meus alunos de 20, vinte e poucos anos e ninguém conhece. Sabem da Boca do Rio difusamente e veem a Boca do Rio como um lugar que não é balneável. Uma praia poluída, um local degradado da Orla. Então, esse processo se consumou com essa derrota.
- *Não teria que haver um monitoramento desse Emissário?* pergunto.
- Aí nós entramos numa situação onde o Ministério Público costuma atuar de uma forma muito precária e, muitas vezes, numa espécie de cumplicidade com o Estado. Eu diria que, talvez, até mesmo um alinhamento com essas macro-políticas neoliberais que traduzem na linguagem política do desenvolvimento, intervenções que são definidas por uma lógica de absoluto desprezo aos impactos ambientais e de interesses econômicos. Nós não podemos dizer isso com todas as letras, nem isso se aplica a todos os integrantes do Ministério Público. Nós temos interlocutores importantes do Ministério Público que cumprem papeis, muitas vezes, fundamentais para enfrentar esses grandes projetos.

Mas, no geral, prevalece uma atitude institucional do Ministério Público de não se opor àquilo que é visto como empreendimento que gera desenvolvimento, emprego, e que é relevante para o Estado. Então, nós temos aí um problema. Provavelmente, o Ministério Público não tem um estudo sobre o impacto ambiental provocado pelo funcionamento do Emissário Submarino. A sociedade não tem mecanismos de pressão atuantes e vigorosos, porque o grande problema do racismo no Brasil é que ele é tão abrangente que a gente tem que escolher o que é mais emergencial. E aí, algumas pautas vão ficando pra trás. Então, hoje é um assunto que tá fora do radar de mobilização. Teu trabalho, talvez, seja uma oportunidade de recolocar pelo menos "Olha, tem um problema aqui mal resolvido", porque, na prática, a gente não discute mais. É um fato consumado.

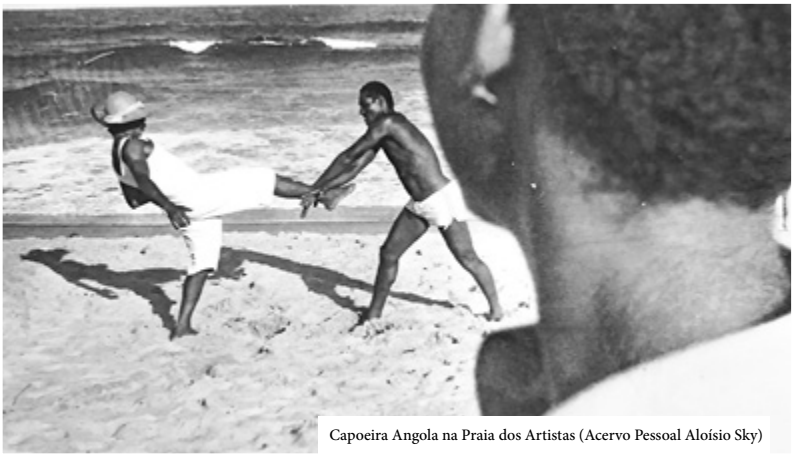
- *O que ainda pode ser feito?*
- Diante desse cenário, é preciso que haja um aperfeiçoamento normativo e mobilização da sociedade, e no meio desses dois movimentos, uma institucionalidade fiscalizatória. A sociedade tem que pautar. Não há possibilidade de que o Estado paute isso sozinho, porque o Estado hoje é controlado por uma concepção de governança que naturaliza aquilo que eu falava no início da entrevista, ou seja, as obras, as ações principais do Estado, mesmo quando governado pelo PT, pela esquerda, são determinadas pelas grandes empreiteiras, pelo capital e os seus interesses. Então, são políticas definidas fora do Estado. Como é que a gente controla isso? Como a sociedade mobilizada e escutando, constrangendo o Estado a assumir uma outra lógica, que é a de pensar as políticas a partir da agenda da sociedade. E no meio, entre Estado e Sociedade, órgãos de fiscalização com poder e com prerrogativas institucionais de interferência, de monitoramento, de fiscalização, de suspensão de iniciativas governamentais que não atentem a esses cuidados.

***

Samuel Vida, 2023 *(Canal Futura)*

MEMÓRIAS
SUBMERSAS

Barraca de Aloísio Sky, anos 70 (Acervo pessoal Aloísio Sky)



Capoeira Angola na Praia dos Artistas (Acervo Pessoal Aloísio Sky)

A Casa 40 (Acervo pessoal Cardan Dantas)

Placa na Praia dos Artistas (Jornal A Tarde, 2020)

Acervo Pessoal Aloísio Sky

Topless nos anos 80, 2020 (Jornal A Tarde)

Topless nos anos 80, 2020 (Jornal A Tarde)

Caetano e Gilberto Gil (Blog Boca do Rio Cultural)

Manifestação contra emissário Submarino, 2007 (Acervo pessoal Aloísio Sky)

Pai e filho atravessam Rio das Pedras poluído, 2023 (Victória Santana)

Pesca na Praia dos Artistas, 2023 (Victória Santana)

Poluição na Praia dos Artistas, 2023 (Victória Santana)

"Peixe-sacola", 2023 (Victória Santana)

"Peixe-sacola", 2023 (Victória Santana)

Foz Rio das Pedras, 2023 (Victória Santana)

Lixo na Praia dos Artistas, 2023 (Victória Santana)

Rio das Pedras, 2023 (Victória Santana)

EPÍLOGO
O berro da boca

Estou a caminho de volta para Juazeiro. Comprei, por erro, um ônibus que realiza uma rota mais longa, passando por Canudos. Estou exausta, mas a minha mente está a todo vapor. Sou perturbada a todo instante pelas memórias relatadas sobre a história e o fim da Praia dos Artistas. Aquele cenário anunciava também o fim do bairro que eu conhecia? Seria um projeto de morte das nossas comunidades? A tal da necropolítica de Mbembe[27]?

Rabisco mais algumas linhas deste trabalho, uma intervenção social, para que, pelo menos, parte da sociedade, reconheça o racismo enquanto um fenômeno sistêmico. Afinal, enquanto a sociedade continuar a trabalhar o racismo como um fenômeno pontual, a sociedade não vai conseguir enfrentar isso da forma adequada.

Discute-se saneamento, sem associar a questão racial. Mesmo as pautas mais abrangentes, como o movimento ambientalista na Bahia, não possuem uma conexão estreita com a temática, porque as pessoas não conseguem perceber que o racismo é um fenômeno que modula estruturas, intervenções, e apela sistemicamente.

A Bahia possui 17 anos de gestões neoliberais controladas pelo capital, do ponto de vista das definições estruturantes, das obras mais importantes e do manejo do orçamento. Isso faz com o que obras como o SDO do Jaguaribe, na Boca do Rio, sejam pensadas, não pelo impacto social que podem trazer de positivo, mas para cumprir outros interesses. E, por outro lado, uma estrutura institucional também capturada pela lógica neoliberal. Se não capturada economicamente, capturada ideologicamente.

O Ministério Público, como instituição, mantém um alinhamento com o Governo do Estado, em torno das políticas que são definidas, sempre alegando que não podem travar o desenvolvimento da sociedade, que é preciso ter o cuidado de não afetar a autonomia do Executivo como gerenciador de políticas econômicas, e essa autonomia tem desaparecido ao longo do tempo. Esse poder funciona como uma espécie de instância, de escritório, de interesses do capital internacional, que nenhum compromisso tem com o combate à desigualdades ou preocupações sociais, muito menos com o combate ao racismo.

É preciso tomar muito cuidado, escrevo. Quando a esquerda brasileira gerencia o Estado Brasileiro, cria-se uma aura de representação popular que nem sempre corresponde ao que de fato acontece. Tenho em minhas mãos uma história complexa que resgata episódios históricos,

27 Conceito de Achille Mbembe, filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês, que se refere à capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte de determinados grupos está legitimada.

que podem ajudar a compreender essa dinâmica, pois trata-se de um conflito que continua posto. Ele vai se deslocando de lugares e de formas, mas continua posto.

Salvador é uma cidade dividida. Há uma tensão racial que organiza a política pública, a política cultural e organiza a vida cotidiana da cidade. Nela, há uma dificuldade de pautar esses debates. Enquanto faço minhas anotações, reclino o respaldo do assento, pego um dramin na minha bagagem de mão e engulo.

Durante as entrevistas, muitas pessoas se surpreenderam com a categoria racismo ambiental, como se fosse algo inventado. Então, há um desafio da sociedade, que é o de reposicionamento na interpretação sobre o que é o racismo e suas manifestações. No caso do Estado, nós precisamos descolonizar o Estado.

Adormeço.

Referências

ACHILLE MBEMBE. *In*: **Casa África**, s.d. Disponível em: https://www.casafrica.es/pt/pessoa/achille-mbembe#. Acesso em 02 ago 2022.

A HISTÓRIA. *In:* **Boca do Rio Cultural**, 2011. Disponível em: http://nossabocadorio.blogspot.com/. Acesso em 20 jun 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

A PRESENÇA DO NEGRO NO ROCK, POR RUBENS GIAQUINTO. *In*: **Portal Geledés**, 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-presenca-negra-no-rock-por-rubens-giaquinto/. Acesso em 03 out 2022.

BACIA DO RIO DAS PEDRAS NASCE NO CABULA E É UMA DAS MAIORES DE SALVADOR. *In*: **Portal Gov.Br**, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/fundaj/pt-br/destaques/observa-fundaj-itens/observa-fundaj/revitalizacao-de-bacias/nov-9-bacia-do-rio-das-pedras-nasce-no-cabula-e-e-uma-das-maiores-de-salvador-novembro-2017. Acesso em 05 set 2022.

BAHIANA, Ana Maria Pereira. **Almanaque anos 70**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

BAUER, Martin, W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: Um manual prático**. -7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt br.php>. Acesso em: 28 abr 2023.

BOCA DO RIO. *In:* **Observatório de bairros Salvador**. Disponível em: https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/boca-do-rio. Acesso em 19 jun de 2022.

CARVALHO, Diana; SCHIMIDT, Fernanda. **Racismo Ambiental: porque algumas comunidades são mais afetadas por problemas ambientais? Futuro depende do fim da desigualdade**. ECOA, São Paulo, 2020.

CIDADE MAIS NEGRA FORA DA ÁFRICA, SALVADOR COMPLETA 467 ANOS. In: **Agência Brasil**, 2016. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa#:~:text=E%2C%20de%20acordo%20com%20um,negra%20fora%20do%20continente%20africano. Acesso em 28 jun 2022.

CINCO PRAIAS DE SALVADOR CONCENTRAM MAIORES NÍVEIS DE POLUIÇÃO. *In:* **Jornal**

A Tarde, 2018. Disponível em: https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/cinco-praias-de-salvador-concentram-maiores-niveis-de-poluicao-929385. Acesso em 20 jun 2022.

DESIGUALDADE, INJUSTIÇA AMBIENTAL E RACISMO: UMA LUTA QUE TRANSCENDE A COR. In: **Racismo Ambiental.** Disponível em: https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/desigualdade-injustica-ambiental-e-racismo-uma-luta-que-transcende-a-cor/. Acesso em: 28 jun 2022.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENTREVISTA COM DIOSMAR FILHO: O QUE É RACISMO AMBIENTAL? *In*: **Amazônia Legal Urbana: Análises Socioespaciais de Mudanças Climáticas**, 2021. Disponível em: https://amazonialegalurbana.com.br/2021/11/04/entrevista-com-diosmar-filho-o-que-e-racismo-ambiental/. Acesso em 24 set 2022.

FAGNER, Washington. Praia dos Artistas. *In*: **Soteropolitanos da orla marítima**, 2007. Disponível em: https://soteropolitanosdaorla.wordpress.com/2007/11/19/um-olhar-sobre-a-praia-dos-artistas/. Acesso em 05 set 2022.

FARZÃO, Dilva. Biografia de Caetano Veloso. *In*: **eBiografia**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/caetano_veloso/. Acesso em 03 out 2022.

FARZÃO, Dilva. Michel Foucault. *In*: **eBiografia**, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/michel_foucault/. Acesso em 03 out 2022.

FERNANDES, Cláudio. Rastafarianismo. *In*: **História do Mundo**, s.d. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/rastafarianismo.htm#:~:text=O%20rastafarianismo%2C%20ou%20religi%C3%A3o%20rastaf%C3%A1ri,anos%20de%201930%20a%201974.. Acesso em 03 out 2022.

FILHO, Luiz Vianna. **O negro na Bahia** (um ensaio clássico sobre a escravidão). Salvador: Edufba, 2006.

FREIRE, Tâmara. IBGE: renda média de trabalhador branco é 75,7% maior que de pretos. *In:* **Rádio Agência Nacional**, 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2022-11/ibge-renda-media-de-trabalhador-branco-e-757-maior-que-de-pretos#:~:text=A%20pesquisa%20mostra%20a%20cor,que%20%C3%A9%20de%20R%24%201.764.. Acesso em 04 maio 2023.

GABLER, Louise. Lei Eusébio de Queirós. *In*: **Portal Gov.br**, 2015. Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/288-lei-euzebio-de-queiroz#:~:text=A%20lei%20n.,extin%C3%A7%C3%A3o%20da%20escravid%C3%A3o%20no%20pa%C3%ADs.. Acesso em 03 out 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São paulo: editora atlas, 2009.

GONZALEZ, Mariana. Topless não é crime no Brasil, mas pode levar mulheres à prisão; entenda. *In*: **Universa Uol**, 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/01/30/fazer-topless-nao-e-proibido-no-brasil-mas-pode-levar-a-prisao-entenda.htm. Acesso em 05 set 2022.

GOVERNO BOLSONARO REJEITA CONCEITO DE "RACISMO AMBIENTAL" NA ONU. *In:* **Notícias Uol**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/10/04/governo-bolsonaro-rejeita-conceito-de-racismo-ambiental-na-onu.htm. Acesso em 28 jun 2022.

HERCULANO, Selene. **"Lá como cá: conflito, injustiça e racismo ambiental"**. I Seminário Cearense contra o Racismo Ambiental, Fortaleza, 20 a 22 de novembro de 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LEGNAIOLI, Stella. O que é racismo ambiental e como surgiu o conceito. *In*: **eCycle**, 2021. Disponível em: https://www.ecycle.com.br/racismo-ambiental/. Acesso em 24 set 2022.

LEI ÁUREA: O FINAL DE UMA LUTA QUE COMEÇOU BEM ANTES DE 1888. *In*: **Portal Geledés**, 2014. Disponível em: https://www.geledes.org.br/lei-aurea-o-final-de-uma-luta-que-comecou-bem-antes-de-1888/. Acesso em 03 out 2022.

LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989. *In*: **Planalto.Gov**, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20(Vetado).. Acesso em 03 out 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Livro-reportagem.** São Paulo: editora brasiliense, 1991.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. **Gêneros jornalísticos no ensino-aprendizagem da escrita: da entrevista ao perfil**. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 15, n. 2, p. 86-95, 2013. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.152.02. Acesso em 21 jun 2022.

MATÉRIAS EM JORNAIS. *In:* **Boca do Rio Cultural**. Disponível em: http://nossabocadorio.blogspot.com/p/materias-em-jornal.html. Acesso em 21 jun 2022.

MENDONÇA, Tatiana. Era uma vez um rio. *In*: **Portal A Tarde**, 2015. Disponível em: https://atarde.com.br/muito/era-uma-vez-um-rio-679693. Acesso em 05 de setembro de 2022.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global Editora, 2006.

O TRIÂNGULO DOS ALTERNATIVOS EM SALVADOR. *In*: **Blog Anos 70 Bahia**, 2016. Disponível em: http://anos70ba.blogspot.com/2016/07/o-triangulo-dos-alternativos-em-salvador.html. Acesso em 05 set 2022.

PACHECO, Tania. **Breve radiografia dos conflitos ambientais no Brasil tendo por base o Mapa da Fiocruz**. FAE, São Paulo, 2017.

PAULO SOUTO - BA. *In*: **Senado Federal**, s.d. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/

senadores/senador/-/perfil/924. Acesso em 03 out 2022.

PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS. *In*: **Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba**, s.d. Disponível em: https://edufba.ufba.br/livros-publicados/pele-negra-mascaras-brancas. Acesso em 03 out 2022.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: editora contexto, 2016.

PIONEIRISMO. *In:* **Boca do Rio Cultural**, 2011. Disponível em: http://nossabocadorio.blogspot.com/. Acesso em 20 jun 2022.

POLÍTICA. *In:* **Boca do Rio Cultural**, 2011. Disponível em: http://nossabocadorio.blogspot.com/. Acesso em 20 jun 2022.

QUALIDADE DAS ÁGUAS. *In*: **Instituto do Meio Ambiente em Recursos Hídricos - Inema**, s.d. Disponível em: http://www.inema.ba.gov.br/servicos/monitoramento/qualidade-das-aguas/. Acesso em 05 set 2022.

QUAL O ESTADO COM MAIOR EXTENSÃO LITORÂNEA DO BRASIL?. *In*: **Estados e Capitais do Brasil**, s.d. Disponível em: https://www.estadosecapitaisdobrasil.com/qual-o-estado-com-maior-extensao-litoranea-do-brasil/#:~:text=A%20Bahia%20%C3%A9%20o%20estado,Ilh%C3%A9us%20e%20Porto%20Seguro%2C%20Mara%C3%BA.. Acesso em 05 set 2022.

RACISMO AMBIENTAL. *In*: **ECOA Uol**. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/racismo-ambiental-comunidades-negras-e-pobres-sao-mais-afetadas-por-crise-climatica/#cover. Acesso em 28 jun 2022.

RACISMO AMBIENTAL: SAIBA O QUE É E ENXERGUE COMO ELE VEM ACONTECENDO. *In*: **Baobá - Fundo para equidade racial**, 2021. Disponível em: https://baoba.org.br/racismo-ambiental-saiba-o-que-e-e-enxergue-como-ele-vem-acontecendo/. Acesso em 24 set 2022.

REZENDE, Eron. Praias de Salvador sofrem com poluição. *In:* **Jornal A Tarde**, 2017. Disponível em: https://atarde.com.br/muito/praias-de-salvador-sofrem-com-poluicao-840827. Acesso em 20 jun 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALVADOR (BA). *In*: **Instituto Água e Saneamento**. Disponível em: https://www.aguaesaneamento.org.br/municipios-e-saneamento/ba/salvador#:~:text=98%2C8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,345.079%20habitantes%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20coletado. Acesso em 28 jun 2022.

SANTOS, Cláudia Alves dos. **Características sócio-econômicas de um bairro "dividido"**: o caso da Boca do Rio (Salvador-BA). Revista UCSal PRESS. Salvador, out., 2005, p. 01 - 09.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novos Alagados**: histórias do povo e do lugar. Bauru: Edusc, 2005.

SANTOS, Milton. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002, pp.157-161.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. *In*: GERNER, Júlio (org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, pp. 133-144.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E MINERAÇÃO. Estudos dos bairros do Imbuí e da Boca do Rio. **Geração de emprego e Renda em Salvador**. Salvador: KANZEON, 1998.

SILVA, Daniel Neves. Golpe Militar de 1964. *In*: **História do Mundo**, s.d. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/golpe-de-64.htm. Acesso em 03 out 2022.

SILVA, Daniel Neves. Panteras Negras. *In*: **História do Mundo**, s.d. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm. Acesso em 03 out 2022.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, 2002. Disponível em: file:///home/home/Downloads/Jorge%20Pedro%20Sousa%20-%20Fotojornalismo.pdf.

SOUZA, Arivaldo Santos de. **Direito e racismo ambiental na diáspora africana: Promoção da justiça ambiental através do direito.** Salvador: Edufba, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA, Yara Damasceno de. **Cultura e estética das mulheres negras do subúrbio ferroviário de Salvador nos anos 1970.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em:

TOPLESS NA AREIA: VERÃO DE 1980, O ANO EM QUE A BAHIA CHEGOU A TANTO. *In:* **Jornal Correio**, 2020. Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/topless-na-areia-verao-de-1980-o-ano-em-que-a-bahia-chegou-a-tanto/. Acesso em 20 jun 2022.

TROPICÁLIA. *In:* **Boca do Rio Cultural**, 2011. Disponível em: http://nossabocadorio.blogspot.com/. Acesso em 20 jun 2022.

VELASCO, Clara. Raio X do saneamento no Brasil: 16% não têm água tratada e 47% não têm acesso à rede de esgoto. *In:* **Portal G1**, 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/raio-x-do-saneamento-no-brasil-16percent-nao-tem-agua-tratada-e-47percent-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto.ghtml. Acesso em 19 jun 2022.

VIDA, Samuel. "Até, meu bem, provar que não, que não, negro sempre é vilão". *In:* **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2023. Disponível em: https://diplomatique.org.br/ate-meu-bem-provar-que-nao-que-nao-negro-sempre-e-vilao/. Acesso em 04 mai 2023.

VOCÊ SABIA QUE FOI UMA MULHER NEGRA QUE CRIOU "ROCK N'ROLL"? *In*: **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/voce-sabia-que-foi-uma-mulher-negra-que-criou-rock-nroll/. Acesso em 03 out 2022.

WESTIN, Ricardo. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios.

In: **Senado Federal**, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%202%C2%BA%20(Vetado).. Acesso em 03 out 2022.

ARATUBAIA

Memórias e racismos submersos

"A partir da história da Boca do Rio e suas peculiaridades demográficas e culturais, a autora reflete importantes aspectos da vida social negra nos quilombos urbanos espalhados em Salvador, na segunda metade do século passado. Numa cidade atravessada pelo racismo e suas lógicas perversas ao tangenciar a história da Boca do Rio, nucleada pela Praia de Aratubaia, reinscrita como Praia dos Artistas, cartografa indícios das tensões e disputas travadas entre a cidade negra e a cidade oficial, branca e submetida às lógicas do capital e seu planejamento urbanístico higienista e eugenista. Emergem pistas e dados sobre a submersão forçada de formas culturais, modos de vida e experiências insurgentes que contestaram as escolhas hegemônicas ditadas pelas elites brancas baianas em consórcio com o capital e seus vieses desenvolvimentistas. Dos destroços que flutuam teimosamente depreende-se a existência de rico patrimônio fundeado e ponto de retomada e reelaboração do que naufragou".

Samuel Vida

Advogado e professor de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Ogã de Xangô do Terreiro do Cobre, referência no Movimento Negro e na luta contra o racismo.

VICTÓRIA SANTANA